COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA
P. Chagas
JOIA DO VICE-REI

NOVA COLLECÇÃO PEREIRA

A 50 réis o volume

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Esgotado.
2 — D. Carlos, por Saint-Réal.
3 — Madame Chrysantème, por Pierre Loti.
4 — Sapho, por A. Daudet.
5 — Negro e côr de rosa, por J. Ohnet.
6 — O senador Ignacio, por Th. Cahu.
7 — Jettatura, por T. Gauthier.
8 — Casa com escriptos, por Carlos Dickens.
9 — O canteiro de Saint Point, por Lamartine.
10 — Rosa e Ninette, por A. Daudet.
11 — Primeiro amor, por Ivan Tourgueneff.
12 — Esgotado.
13 — O Judeu, por H. Murger.
14 — O tanoeiro Nuremberg, por Hoffmann.
15 — Dinheiro maldito, por L. Tolstoï.
16 — Vida phantastica, por Méry.
17 — O padre Daniel, por A. Theuriet.
18 — Um coração simples, por Gustave Flaubert.
19 — Yan, por J. Rameau,
20 — O tio Scipião, de André Theuriet.
21 — Diario de uma mulher, por Octavio Feuillet.
22 — Esgotado.
23 — Esgotado.
24 — Esgotado.

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes in-16.º de 240 a 320 paginas

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A. Daudet.
2 — Pedro e João, por Guy de Maupassant.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — O sonho, por E. Zola.
5 — Soror Philomena, por Edmond e J. Goncourt.
6 — O medico assassino, por Octavio Féré.
7 — Os milhões vergonhosos, por Heitor Malot.
8 — O amigo Fritz, por Erckman Chatrian.
9 — Vogando, por Maupassant.
10 — Um romance de mulher, por Pierre Mael.
11 — Vontade, por J. Ohnet.
12 — O Nababo, por A. Daudet.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Beatriz, por R. Haggard.
15 — O crime, por d'Annunzio.
16 — Lise Fleuron, por Ohnet.
17 — Os dois rivaes, por A. Lapoint.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.

19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Forte como a morte, por Guy de Maupassant.
22 — A alma de Pedro, por J. Ohnet.
23 — Camilla, por G.-Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Magdalena Férat, por Zola.
27 — Os reis no exilio, por A. Daudet.
28 — Divida de odio, por Ohnet.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
31 — A montanha do diabo, por Eugenio Sue.
32 — A Evangelista, por Daudet.
33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Odio antigo, por Jorge Ohnet.
36 — Parisienses!... por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Um casamento no mosteiro, por A. Assoland.
40 — Os párias, por Francisco da Rocha Martins.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — A agonia de uma alma, por Ossip Fchubin.
43 — Memorias de um burro, por Madame Ségur.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — O grande industrial, por Jorge Ohnet.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — O romance de um principe, por Pierre de Lano.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Manon Lescaut, pelo Abbade Prevost.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 83 — O Desthronado, por A Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy.

A JOIA DO VICE-REI

TYP. DA EMP. LITTER. E TYPOGRAPHICA
(Officinas movidas a electricidade)
R. Elias Garcia, 184 PORTO MCMXII

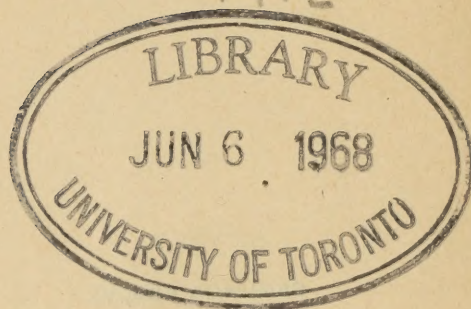
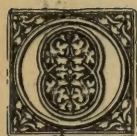
COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

M. PINHEIRO CHAGAS

A JOIA DO VICE-REI

ROMANCE HISTORICO

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
44 — RUA AUGUSTA — 54
1912

INTRODUCÇÃO

romance historico, tal como o concebeu Walter Scott ou Alexandre Dumas, está um pouco passado de moda. A idéa de tomar a historia como fundo de uma narrativa, e de entregar depois á imaginação o cuidado de desenhar as scenas, tinha inconvenientes tão graves, enlaçava por tal fórma a mentira com a verdade que a nossa época anciosa de exactidão começou a censurar esse adulterio, que no seu entender infundia idéas erradas no espirito dos leitores.

Não havia muita razão na censura. Procede erradamente quem desejar estudar historia franceza em romances de Alexandre Dumas, em vez de a estudar nos livros de Henri Martin. De certo a explicação do problema historico do Mascara de ferro, apresentada por Alexandre Dumas, é de pura phantasia. Sabemos hoje perfeitamente que não eram raros os presos mascarados no seculo XVII, como não eram raros os algozes mascarados, o que tambem destroe a invenção do mesmo romancista, que nos *Vinte annos depois* suppõe que foi um inimigo pessoal que se mascarou para degolar o rei Carlos I. Se os ingenuos leitores suppõem que o motivo por que o general Monk se deliberou a iniciar o movimento da restauração dos Stuarts foi o ter sido trazido, dentro de uma gaiola, de Inglaterra ao continente por um capitão francez, commettem incontestavelmente o mais imperdoavel

de todos os erros, e percebemos que se levantasse um clamor contra estes livros encantadores, que ensinavam a uma geração enthusiasmada historia completamente phantastica.

Mas quem reparar que Alexandre Dumas não tem em vista senão desenhar uma época, os seus costumes, as suas tendencias, o seu caracter generico, reconhecerá que poucos espiritos souberam evocar, tão exactamente nas suas linhas capitaes, os grandes periodos de historia de França como este encantador espirito. É aquella effectivamente a linha caracteristica de uma época, em que a realeza se firma definitivamente sobre as ultimas ruinas do feudalismo. Luiz XI quebrára com o seu machado implacavel as arvores que ousavam ostentar-se na grande floresta das instituições francezas, ao lado do seu carvalho real. Começa a formar-se a côrte. Depois as guerras de religião despertam de novo o espirito autonomico dos vassallos subjugados. Henrique IV é uma especie do nosso D. João I que sabe governar devéras, mas sem esmagar essas independencias, que lhe tinham sido tão proveitosas na guerra em que reconquistára o throno, como D. João I soubera governar sem esmagar os homens que, como Nuno Alvares Pereira, lhe tinham aplanado o caminho da realeza.

Depois a regencia de Maria de Medicis, da mesma fórma que o reinado de D. Affonso V entre nós, porque do de D. Duarte nem vale a pena fallar, humilhára-se de novo. Richelieu em França como D. João II em Portugal calcou aos pés todas as pretensões fidalgas, que tiveram um momento de respiro ainda na revolta da Fronda. Respiro não é a palava propria; deveriamos dizer « suspiro » porque foi um suspiro e o ultimo o que exhalaram na Fronda os velhos fermentos de independencia aristocratica. Diante da omnipotencia de Luiz XIV tudo se curva, todos os elementos de poder se concentram no *rei-sol*, como do *rei-sol* irradiam todas as particulas de força e de vitalidade.

Esta transição é admiravelmente indicada por Alexandre Dumas. Lendo os seus romances, tão criminados como frivolos e mentirosos, fórma-se uma idéa da época em que elles

se passam mais completa e mais perfeita do que nol-a poderiam dar os mais conscienciosos livros historicos.

Mas os factos narrados, mesmo aquelles em que só figuram personagens que existiram, são de pura phantasia. Que novidade! E são verdadeiras por acaso as phantasias scientificas de Julio Verne? Não toma este como ponto de partida as theorias justas da sciencia para se perder depois no dominio da imaginação? É curioso que já se está a manifestar contra Julio Verne a mesma reacção que se manifestou contra Alexandre Dumas. Já se diz que os leitores das *Viagens extraordinarias* confundem as noções positivas da sciencia com os sonhos do romancista francez.

Mas quem os manda estudar sciencia nos romances de Julio Verne, e quem os manda estudar historia nos romances de Alexandre Dumas?

Um genero, porém, que parece que ha de ser eternamente util é aquelle a que pertence o nosso estudo historico-romantico — a *Joia do Vice-Rei*. É simplesmente a historia posta em acção, são as scenas verdadeiras, taes como as encontramos na prosa dos nossos chronistas, e principalmente nos capitulos pittorescos das *Lendas da India* de Gaspar Corrêa, que vamos desenrolar diante dos olhos dos leitores. Nenhum personagem que vamos esboçar, é inventado por nós, a não ser talvez alguns d'esses vultos, em que é licito dividir o grande personagem collectivo da multidão.

Mas esses personagens substituem perfeitamente como que o côro da tragedia grega, com a differença que damos a cada um dos seus elementos componentes voz e physionomia.

Nada inventamos, apenas procuramos dar côr e animação ao desenho que nos deixou o velho narrador. Vamos traçar assim a dramatica historia do primeiro governo da India portugueza. Vamos pôr em scena o velho e energico vice-rei, o seu filho tão querido, as perfidias orientaes, e as intrigas portuguezas, e todos esses curiosos elementos que constituiram a vida portugueza na India nos primeiros annos

da conquista. Se este quadro merecer alguma sympathia aos leitores, faremos talvez uma serie d'elles.

O que podemos, porém, affirmar é que isto é historia, historia dramatisada e não romantisada, quer dizer, posta em scena e não enflorada com ramalhetes phantasticos, que não ha uma scena inventada, e que o nosso intento unicamente foi fazer passar por diante dos olhos dos leitores os personagens que descrevemos em toda a sua verdade.

Não tentámos nem por sombras resuscitar a linguagem do seculo XVI. Essas resurreições dão ao fallar dos personagens um caracter rigido e affectado, mil vezes mais falso do que a traducção da expressão dos seus pensamentos na lingua do nosso tempo.

A JOIA DO VICE-REI

I

Á porta da Sé

No dia 25 de março de 1505 ia grande movimento na cidade de Lisboa, n'aquelle dedalo de ruas intrincadas que punham em communicação a imponente rua Nova, imponente pelo menos para os habitos d'esse tempo, com o velho edificio da Sé. O povo apinhava-se curioso para vêr o grande espectaculo que se lhe preparava: o do embarque da pomposa comitiva do primeiro vice-rei das Indias, que ia partir para o Oriente.

No largo da Sé e ao fundo da escadaria do velho templo o apertão é enorme. Ouve-se lá dentro a musica religiosa do *Te-Deum*, e pelos degraus da egreja desdobram-se, além da guarda real, os alabardeiros da guarda do vice-rei, luxuosamente vestidos, mostrando bem que D. Manuel quizera revestir de todas as pompas e de todos os prestigios o novo cargo que se resolvêra a crear para ter no Oriente quem representasse a sua auctoridade, e quem concentrasse em si o poder e a força.

— Olha! dizia um escudeiro d'um fidalgo, pelintra e folião como o Ayres Rozado da farça de Gil Vicente, olha o Braz Picoto como se arranjou na guarda do vice-rei. Vaes até á India, rapaz? Quem te viu ha dias ainda a cahir da bocca aos cães não esperava vêr-te agora de alabarda doirada, calças de grã bigaradas, sapatos brancos, e o teu barrete de setim roxo com pennas brancas.

— Porque não fizeste o mesmo que elle fez? acudiu um visinho, emquanto Braz Picoto, immovel e silencioso como um soldado disciplinado na fórma, fazia ouvidos de mercador ás ironias do escudeiro. Bem sabeis que para se juntar gente que fosse n'esta armada se botou pregão ahi pelas ruas de Lisboa! Se até os degredados para sempre vão n'esta armada com o degredo reduzido a dez annos, e os que estavam condemnados a dez annos vão com os degredos reduzidos a dois! Bem vêdes que serieis bem recebido, se tambem como Braz Picoto quizesseis enfiar as calças de grã, bigaradas e cortadas, dos alabardeiros do vice-rei, e vestir aquella jaqueta de velludo preto com mangas de setim roxo que fica mesmo a matar ao vosso amigo.

— Amigo Leonardo, tornou o escudeiro, bom seria isso se eu não tivesse tanto amor a esta Lisboa que, se perdesse um momento de vista aqui as torres da Sé, mais os paços do Castello, não me daria consolação nem aquella espada doirada que o bom do Braz Picoto cinge como se fosse escudeiro de velha fidalguia. E depois leve o diabo as pretas lá d'essas terras que eu a respeito d'essa côr só a quero nos olhos e não na pelle.

— Pois não sabeis o que dizeis, amigo, que as raparigas de Calecut têm uns olhos que fazem arripiar as carnes de quem as vê bailar lá com uns requebros de feitiço que nem eu sei... interrompeu um novo personagem.

— Já as vistes vós? perguntou o escudeiro, reparando no homem cujo rosto queimado e cujo aspecto caracteristico denunciavam um marinheiro.

— Pudéra! redarguiu o homem com ufania, se fui dos que acompanharam o sr. D. Vasco a essas terras da Moirama na sua primeira e na sua segunda viagem! E lá iria agora outra vez, se fosse o meu almirante o encarregado de governar essas gentes da India, que ninguem conhece como elle! Mas isso é bom de saber! Quem mais faz menos merece.

— Não é assim, homem, tornou o Leonardo severamente. Lá estou nos almazens da casa da India, e bem tenho visto como as coisas se passam. Quem tudo lo manda é o sr. D. Vasco. E o sr. D. Francisco andou sempre com elle a perguntar-lhe tudo, e o sr. D. Vasco muito alegre a dar ordens e a prover de tudo a armada para que nada lhe falte por essas terras. Vão abarrotadas as naus de breu, e pregadura, e ferro e alcatrão, e linho, e lonas e pannos de Villa do Conde, e fateixas e ancoras e remos e antennas e armas com fartura e artilheria que nem sei como as naus podem com tamanho carregamento. E era sempre o sr. D. Vasco que andava a dar apontamentos, e el-rei, que vinha muitas vezes do castello assistir a tudo isto, a ouvil-o com muito acatamento.

— Pois é isso! agora tudo é grandeza, e ha de ir

tudo corrigido como cumpre. Nós então levámos para aquelles reis que andam vestidos de seda e oiro, e que passeiam em palanquins de diamantes, um raio d'uns presentes que iam fazendo rebentar a rir a moirama d'aquellas terras.

— Tudo se vae aprendendo, homem de Deus! redarguiu gravemente o empregado da casa da India que era, segundo se vê, governamental.

Interrompeu-o um grande reboliço, e, voltando-se com espanto os tres interlocutores, viram um homem pallido, a correr açodado por entre a turba, perseguido por um bando de rapazio que lhe jogava chufas, bradando:

— Cão tinhoso!

— Judeu maldito!

— Vaes vender Nosso Senhor, Iscariote?

As mulheres, que tagarellavam nas primeiras filas da multidão, ao verem este espectaculo, cerraram os punhos, e desataram todas a gritar tambem contra o desgraçado christão novo, que felizmente se lançou para dentro d'um grupo de quadrilheiros, que faziam a policia do ajuntamento e que lhe deram fuga.

— Pois é isso! berrou uma oitava acima uma gorda matrona que devia ser colareja de seu officio. Se fosse um christão velho, deixavam-n'o ahi espezinhar pelo rapazio! mas estas viboras encontram amparo sempre nas justiças d'el-rei.

— Corja de judeus! berrou o prudente Leonardo, perdendo de subito a sua placidez. Como se consente que esta grei maldita se atreva a passar por diante da casa do Senhor!

— Pois não sabeis vós o que fizeram em Cintra? tornou a colareja sentindo-se forte com esta inesperada adhesão. Viu-os o meu rapaz, que eu então ainda estava na minha terra, que foi isto antes da morte de minha mãe que Deus haja...

— O que foi então? perguntou Leonardo interrompendo a digressão que ameaçava ser longa.

— No dia de Natal viu elle quatro pestes de uns crianços filhos de judeus, saír levando lume. Foi atraz d'elles, viu-os entrar n'uma casa ao pé dos paços, e alli accenderem dois rolos de cêra e pôrem por traz d'uma cortina a cabeça cortada do Menino Jesus.

— E não se queimaram os perros?

— Qual! pois bem fallou contra isso o sr. fr. João de Nossa Senhora em S. Pedro de Penaferrim. Ora! se são elles que tudo lo mandam.

— Deixae! deixae! acudiu um frade de olhar torvo, que atravessava lentamente a turba, ainda ha de haver em Lisboa o dia de juizo! Que é uma vergonha estar alli em Castella o sr. D. Diogo Deza, digno successor do santo Torquemada, a queimar estes perros, e elles aqui em Portugal a escarnecerem livremente de Deus Nosso Senhor! Mas ha de soar a hora da vingança, a hora da justiça! e o povo pelas suas mãos o fará, já que não cumprem o seu dever aquelles em cujas mãos poz Deus a governança.

— E eu cá estou por isso, acudiu o escudeiro, que tenho contas a ajustar com o perro de Moysés Barros, que me emprestou umas tristes mealhas, levando uma usura tal que não emprestaria mais caro o Judas Isca-

riote os trinta dinheiros que lhe deram pela morte de Christo.

Encontravam plena adhesão na turba estas palavras, e a colera popular ia crescendo, quando se sentiu que os alabardeiros batiam com o conto das alabardas nas pedras dos degraus, e á porta na Sé assomou o esplendido cortejo.

II

A bandeira de Christo

Da ampla nave da velha cathedral resoam as magestosas vibrações da musica religiosa. Sob um docel de oiro e purpura sentam-se el-rei e a rainha. Enche innumera clerezia a capela-mór, e o bispo de Ceuta, o castelhano D. Diogo de Ortiz, está dizendo missa de pontifical. É maravilhoso o aspecto da egrèja, tanto pela riqueza dos trajos de todos esses fidalgos e de todas essas damas, como pelo esplendor dos nomes de todos os cortezãos que se agrupam em torno do rei e da rainha. Sentado no seu tamborete raso, um homem já entrado em annos, mas ainda vigoroso e verde, affaga as longas barbas com um gesto um tanto nervoso, e troca apenas algumas palavras com um homem magro, de olhar duro, mas em que lampejam relampagos de genio. Chama-se o primeiro D. Vasco da Gama e o segundo Affonso d'Albuquerque.

Por traz d'elles, contemplando o altar com olhar distrahido e vago, como se antes seguisse uma visão doirada da sua phantasia do que os tramites da cerimonia religiosa, está um homem que se chama Pedro Alvares

Cabral, e que n'esse momento pensa talvez na missa que ouviu no Brazil, por elle descoberto, sob as arvores gigantes da floresta virgem, e entre os vermelhos e estupefactos selvagens. Quantos nomes heroicos ouviriamos resoar se prestassemos com attenção o ouvido ao vago murmurio que percorre as filas compactas dos fidalgos, nos momentos em que a sua attenção devota não se deixa absorver tão completamente pelas cerimonias do ritual. Attentemos, porém, nos dois homens que lá estão na ultima fila conversando em voz quasi inaudivel — um d'elles magro, de olhar perspicaz e vivissimo, o outro gordo, quasi obeso, de alegre physionomia, e faces rubicundas.

— Com que então, dizia o gorducho lambendo os beiços, trinta mil cruzados por anno, vinte mil para meza, e mil e quinhentos quintaes de pimenta! Bofé que, se eu chego a ser viso-rei da India, mil e quinhentos quintaes venho eu a pesar só á minha conta, do muito que hei de comer com os vinte mil cruzados de meza. Mas sr. Antonio Carneiro, mesmo sem a pimenta é apimentada a conta.

— Sr. Garcia de Rezende, redarguiu n'um murmurio o fino ministro, é opinião do meu rei e senhor, e tenho-a por muito ajuizada, que desde o momento que a um homem se dá um grande queijo e uma boa faca, o melhor é designar-lhe logo para seu alimento grossa fatia. Sempre será menor do que a que seria cortada por elle, se migalhas só lhe concedessem.

— A idéa é tua, refinado manhoso, murmurou de si para si Garcia de Rezende. Bem capaz é de ter esses pensamentos o irmão do duque de Vizeu! D.

João II deixou successor e filho, mas não deixou herdeiros.

E o seu olhar involuntariamente ao cravar-se em el-rei D. Manuel deslisou com uma nuvem de tristeza pela pallida e insignificante physionomia de D. Jorge de Lencastre, bastardo de D. João II, o duque de Coimbra, que se sentava ao lado do duque de Bragança, em cuja torva fronte parecia ver-se ainda a nodoa vermelha do sangue que escorrêra do cadafalso de seu pae.

E, ao notar essa estranha approximação, as faces vermelhas do auctor da *Miscellanea* descóraram de subito, e pelo seu rosto pallido passou como que o reflexo de todas essas tragedias que vira e que narrára.

Não respondeu, porém, em voz alta porque n'esse momento levantavam-se todos para cahirem de joelhos, ao passo que o orgão erguia a sua voz sonora, e entornava na immensa nave como que uma torrente de triumphães harmonias. Um rei d'armas vestido com a sua cota deslumbrante acercára-se do altar-mór, levando nas mãos a santa bandeira da ordem de Christo. A haste era doirada, e a bandeira de damasco branco ostentava na sua tela nevada a cruz de Christo de setim carmezim bordada a oiro. Ajoelhou e inclinou-a diante do bispo de Ceuta. E todos curvaram a cabeça reverentes e commovidos, emquanto o imponente prelado, com a sua alta mitra doirada e com as suas vestes magnificas, fazia descer sobre a bandeira augusta as bençãos do céo.

Ergueu-se o rei d'armas, e, descendo os degraus do altar, foi, dobrado ao meio, entregar a bandeira a el-rei. Então D. Manuel, com a bandeira em punho, bradou com voz forte:

— D. Francisco de Almeida, viso-rei das Indias!

Um homem de mediana estatura, um tanto calvo, de barba cerrada, vestido com um tabardo frisado, e um pelote de setim preto, levando na mão o seu barrete de duas voltas, e pendente do pescoço uma cadeia de hombros muito delgada, adiantou-se para o sitio onde el-rei estava. Ao seu lado ia um formoso rapaz, de longos cabellos louros que frisavam naturalmente. Nada tinha, porém, de effeminado, esse moço gentil. Os seus hombros largos, o seu corpo desempenado e bem posto denunciavam a robustez e a saude, a franqueza dos seus movimentos, a solidez das suas articulações revelavam uma boa educação physica, o habito dos exercicios corporaes.

Entre a multidão feminina que assistia á cerimonia correu verdadeiramente um murmurio de admiração. Não só era na verdade um gentil rapaz esse D. Lourenço de Almeida, filho do vice-rei, mas trajava com uma elegancia e com uma riqueza que não deslumbravam menos o olhar das damas do que os formosos cabellos loiros e a encantadora presença do joven fidalgo.

O seu airoso corpo desenhava-lh'o a primor um pelote francez de grandes mangas de brocado de pello, forrado de setim vermelho e com muitos golpes tomados com rosas d'oiro esmaltadas. As calças eram brancas, inteiras, forradas de brocado roxo, e cortadas até ao joelho; os sapatos francezes brancos tambem. Apertava-lhe a cintura fina um cinto com bracamarte todo de oiro de esmalte. O collar era riquissimo, bem mais rico que o de seu pae, e do hombro esquerdo cahia-lhe ao desdem, preso por uma larga fita de tafetá azul,

um chapeu de *guedelha* de seda carmezim, como então se dizia, e o seu pennacho branco com argenteios de oiro mettido n'uma rica medalha. Ao encaminhar-se para el-rei, apesar da solemnidade da situação, D. Francisco de Almeida mais e com mais ufania olhava para esse bello rapaz que caminhava ao seu lado, do que para a bandeira de damasco branco, que o esperava nas mãos d'el-rei.

E logo atraz do chefe poz-se em movimento, a formar-lhe cortejo, com um grande tinir de espadas, o grupo heroico dos capitães — D. Fernando d'Eça, que havia de tornar ao reino na mesma esquadra em que partia, Lourenço de Brito nomeado capitão de Cananor, D. Alvaro de Noronha capitão de Cochim, Pedro Ferreira de Quiloa e Manuel Pessanha d'Anchediva, e o commendador Fernão Soares e o alcaide de Cezimbra Antão Gonçalves, e Diogo Corrêa e Ruy Freire e Vasco Gomes de Abreu que devia commandar o cruzeiro do Mar Vermelho, e João da Nova, o descobridor da ilha de Santa Helena, e Lopo de Goes Henriques, Diogo Serrão, Lopo Sanches, Sebastião de Souza, Filippe Rodrigues, Lopo Chanora, Antão Vaz, Gonçalo de Paiva, Lucas da Fonseca e João Homem, todos com os nomes já illustres ou que iam ser illustrados n'essas gloriosas campanhas da India.

O orgão emmudecêra; reinava em toda a egreja um silencio profundo. A solemnidade d'aquella scena em todos infundia um religioso respeito. Então ouviu-se a voz grave d'el-rei D. Manuel, que disse para D. Francisco ajoelhado a seus pés:

— D. Francisco de Almeida, meu honrado amigo, e

meu leal vassallo, aqui vos entrego esta sacrosanta bandeira, insignia a um tempo da religião de Christo e da religião da patria. Ide, hasteando-a por esses mares, encher de gloria vosso nome, accrescentar a fama d'estes meus reinos, e sobretudo dilatar a nossa religião, colher, ainda mais que riquezas para o meu thesouro, almas de infieis para o gremio da madre egreja. E por que muito em vós confio, porque sei quanto deveis ao vosso fidalgo nome, e de quanto sois capaz pelo vosso ardimento e saber, vos faço meu representante no Oriente, onde tudo fareis como se fosse eu mesmo que presente estivesse n'esses mares e n'essas praias. Disponde da minha fazenda para meu serviço, e fazei justiça a todos como se empunhasseis, em vez do vosso bastão de commando, o meu sceptro real. Viso-rei vos faço, e todo o meu poder vos concedo, porque de um throno serieis digno. Tomae a bandeira, viso-rei D. Francisco, e ide na paz de Deus embarcar e partir.

Então D. Francisco d'Almeida, murmurando palavras de agradecimento, inclinou-se, beijou a mão real, e logo em seguida ergueu-se com a bandeira nas mãos. Levantou-a bem alto com um gesto em que se manifestavam a força e a energia. E o rei d'armas, com a sua cota brilhante, soltou a sua voz official, bradando:

— Ouvi, ouvi, ouvi! D. Francisco d'Almeida, viso-rei e governador da India foi por el-rei nomeado.

E como se esperasse este signal, o orgão entornou por sobre a nave as notas magnificas d'um cantico triumphal. O vice-rei, com um olhar de amor, entregou a seu filho a bandeira, e sobre a sua loira fronte ondeou, levemente agitada pela aragem que vinha da porta aberta

com a lufada das vozes populares, o damasco branco em que brilhava o setim vermelho da cruz.

Então el-rei fez um signal, desceu os degraus do throno, e, emquanto o clero erguia um canto religioso de saudação e de glorificação, emquanto subiam lentamente no ar as nuvens de incenso dos thuribulos, o cortejo seguiu para a porta, abrindo a custo um sulco por entre a multidão que enchia a egreja.

Ao assomar á porta, emmudeceu tudo, como dissemos. Todas as cabeças se descobriram, e entre os alabardeiros perfilados appareceu D. Lourenço com a bandeira. Ao vêl-o a nossa conhecida colareja de Cintra, incapaz de reprimir a expressão dos seus sentimentos, poz as mãos, e uma oitava acima, exclamou n'um enlevo:

— Jesus! Parece mesmo o archanjo S. Miguel! Bemdita seja a mãe que tal filho pariu.

A voz aguda da gorda mulheraça era das que se ouvem ao longe, e no meio do rumor confuso da multidão D. Francisco ouviu-a e o seu coração de pae bateu com força. Sorriu-se para a mulher, e voltou os olhos enlevados para o seu adorado filho.

Mas estremeceu de subito, e, sem saber porque, subita pallidez lhe invadiu o rosto jubiloso.

A brisa, enfunando as prégas da bandeira, enrolára-a um pouco em torno da cabeça de D. Lourenço, e um raio de sol, batendo de chapa na cruz do setim vermelho, cercava a fronte de D. Lourenço como que d'uma aureola de sangue!

III

A partida da armada

A custo rompia o cortejo por entre a mó do povo que se apinhava nas ruas. El-rei dirigia-se aos paços que ficavam proximos do castello, porque os da Ribeira, já em construcção mas ainda muito em principio, não tinham accommodações para serem habitação da familia real. Ao apear-se á porta do paço, el-rei estendeu de novo a mão a D. Francisco, que lh'a beijou reverente.

— Que mais quereis de mim, D. Francisco? disse-lhe el-rei.

— A bondade de vossa alteza foi comigo illimitada, senhor. Nada tenho que desejar. Os meus, que ahi ficam no reino, foram todos por vossa alteza honrados com os maiores testemunhos de apreço, e aquelle que é a luz dos meus olhos, e a alma da minha alma, o meu Beijamim e a minha joia, o meu filho D. Lourenço, esse comigo o levo, e espero que por essas Indias elle fará por se tornar digno dos favores de vossa alteza. Mas, se uma bala me varar, ou uma azagaya me arrancar d'este mundo...

— Meu pae! interrompeu D. Lourenço.

— Filho, é lei do mundo, e tudo devemos prever. O que não é lei natural é que os filhos morram antes dos paes, mas os paes esses devem ir adeante para a terra da verdade. Se eu tiver, pois, senhor, a morte de um soldado, tratae meu filho, senhor, com a bondade com que me trataes.

— Ide descançado, D. Francisco, disse sorrindo el-rei, d'aqui a tres ou quatro annos nos tornaremos a vêr todos, vós mais queimado pelo sol dos combates, o vosso D. Lourenço mais gentil ainda do que é, porque lhe duplicará a gentileza o reflexo das gloriosas pelejas, eu com a cabeça mais inclinada debaixo d'esta corôa que tão pesada está sendo. Então casaremos o nosso D. Lourenço com alguma dama formosa da rainha D. Maria, e dae-lhe vós por lá occasião de mostrar de quem é filho, e que bom sangue lhe gira nas veias. Não me despeço de vós, que vos irei vêr ainda a bordo antes da vossa partida.

E, subindo a escada, foi com a rainha e a côrte para as varandas vêr desfilar o cortejo.

É que tinha que vêr na verdade, a descer a encosta caminho do rio, esse maravilhoso sequito. Rompiam a marcha quarenta alabardeiros vestidos com o rico uniforme que nos foi descripto pelo amigo de Braz Picoto, e entre elles o capitão da guarda, a cavallo á estardiota, com a sua roupeta de veludo de setim roxo, e o seu barrete na mão e a bengala, insignia do commando. Vinha depois D. Lourenço montando com pericia e elegancia um formoso cavallo branco, todo enfeitado e reluzente com os seus arreios de brocado roxo e de prata

chapeados de rosas, e grande testeira com trunfa de pennachos. Empunhava a bandeira com o conto da haste firmado no estribo. Rodeiavam-n'o vinte e quatro moços de esporas, vestidos com esplendida libré: gibões francezes de setim branco e encarnado com muitos córtes, calças brancas forradas de setim encarnado cortadas, sapatos de veludo azul, espadas doiradas e gorros de veludo azul com pennas brancas, deitadas para as costas e prezas a fitas encarnadas. Em seguida o vice-rei, outros quarenta alabardeiros, e depois os capitães das naus todos tambem com o seu cortejo especial.

Assim chegaram ao caes da Ribeira, onde os esperavam os bateis que os deviam conduzir ás naus. Ali a multidão era enorme. Os bateis, com os seus toldos de seda dos que eram destinados ao vice-rei e ás principaes pessoas da sua comitiva, estendiam-se ao longo da praia; apenas se divisou ao longe o sequito, os marinheiros, que em terra conversavam com as suas familias, com os seus amigos, com os que tinham ido a despedir-se, soltaram-se rapidamente dos braços que pretendiam ainda apertal-os e segural-os, e d'um pulo acharam-se nos bateis com os remos em punho. Então ergueu-se da praia um rumor confuso de chóros que nem se dissipou com o espectaculo magnifico da chegada do cortejo, cujas brilhantes librés, como então se dizia, punham, como hoje se diz, uma nota fulgurante n'aquella massa escura de povoléu.

E tambem, quando esses brilhantes personagens trataram de entrar para os bateis que os deviam conduzir ás naus fundeadas diante de Belem, a scena dolorosa que se passava entre a gente do povo e os marinheiros,

que debalde cá nos bateis procuravam conter as lagrimas, passou-se tambem entre esses capitães ricamente vestidos e os parentes que iam dar-lhes ali o ultimo adeus.

— Então, Beatriz, dizia para uma formosa menina que parecia não poder desprender-se-lhe dos braços e que soluçava encostada ao seu hombro o vice-rei D. Francisco, parece que é a armada de D. Vasco que vae sahir a barra, e que vamos tambem nós procurar desconhecidas terras. O caminho da India para nós portuguezes, accrescentava elle sorrindo, é já tão conhecido como o caminho de Flandres, e o Cabo Tormentorio, em havendo juizo e cuidado, não tem vagalhões que assustem. Então, sobrinha, nada te consola? continuava elle vendo que a formosa menina chorava cada vez mais. Nunca houve n'este mundo mais saudoso tio. Mas vae-me parecendo que, assim como n'uma parte se põe o ramo e n'outra se vende o vinho, assim tu choras sobre o coração do tio quando as lagrimas se destinam ao coração do primo.

Estas ultimas palavras foram ditas em voz baixa, mas nem por isso deixaram de fazer com que a pobre Beatriz toda se afogueasse em rubor. Então D. Francisco affastando-a docemente, e impellindo-a para o lado onde estava seu filho, que nesse momento acabára de entregar a bandeira a um marinheiro para que a hasteasse na pôpa do escaler, disse para ambos:

— Vamos, abracem-se! Uma vez não são vezes, e dois primos, que vão estar a cinco mil leguas um do outro, teem direito de se apertar ao menos uma vez bem chegadinhos ao coração.

— Ah! Lourenço! murmurou Beatriz, que te não torño a vêr.

— Isso tornas de certo, prima! Cuidas que por lá fico?

— Não, Lourenço, não! Has de voltar, glorioso, triumphante, querido de todos, mas não me encontras talvez. Como hei de eu resistir a tres annos de ausencia, a tres annos de separação?

— Os saraus da côrte vão distrahir-te de certo. Ouvi dizer a meu pae que a rainha D. Maria quer que tu sejas sua donzella de honor, e terás então ensejo de assistir aos famosos saraus, e de te divertir com esses chamados autos de Gil Vicente, que são capazes, ao que se diz, de fazer rir um morto.

Elle estava sereno e sorridente, ella, porém, cada vez mais se debulhava em lagrimas. É que D. Lourenço era um d'estes entes mimosos e queridos, que são excellentes sem duvida alguma, que merecem todos os carinhos e todo o affecto, mas que tão costumados estão a ser objecto do culto alheio, que não se dão ao trabalho de lhe corresponderem. Amava sua prima, de certo, mas sentia um secreto prazer em vêr ali, na presença da multidão, aquella formosissima menina a render-lhe o preito das suas lagrimas, que elle procurava enxugar com um beijo e um sorriso.

— Vamos! exclamou D. Francisco em voz alta e sonora. Aos bateis, meus senhores!

Então D. Lourenço, entregando sua prima inanimada ás aias que a acompanhavam, saltou d'um pulo agil e nervoso para dentro do batel, e ficou-se de pé á pôpa, elegante e sabendo que o era, mirando com um ligeiro

sorriso a praia e Beatriz que lhe estendia os braços suffocada em soluços.

— Rema, bradou de novo D. Francisco, e que a Virgem Maria vá comnosco.

— Amen! responderam umas centenas de vozes.

Os remos ergueram-se, e cairam de novo na agua, e os bateis d'uma arrancada puzeram um largo espaço entre si e a praia. Um côro de vozes chorosas se ergueu lá da cidade, vozes confusas em que se misturavam mil nomes, mil bençãos, mil fallas de carinho. Alguns dos marinheiros choravam silenciosamente, e outros, bronzeados pelo habito das arriscadas viagens, encolhiam os hombros murmurando rifões. Os capitães de pé uns acenavam com os barretes, outros de braços cruzados, se não tinham na praia algum ente querido, deixavam o pensamento voar para terra distante, nas brenhas de Traz-os-Montes ou nas veigas do Minho, onde lhes ficára o coração. E a terra fugia, e os vultos iam diminuindo com a distancia, iam-se confundindo as physionomias, as aguas do Tejo, cada vez mais volumosas, faziam arfar os bateis no seu seio possante, e lá da praia ainda uns olhos formosissimos contemplavam, por entre o pranto, um vulto loiro e gentil encostado á haste da bandeira, que fluctuava na pôpa d'um batel doirado.

IV

Primeiras discordias

Vão já passados mezes e as naus de D. Francisco de Almeida continuam a sulcar as ondas d'esse vasto Oceano, que em tão poucos dias hoje os grandes paquetes percorrem. Dobrou-se já o cabo Tormentorio, mas dobrou-se muito de longe, porque tanto terror infundia elle aos navegantes, que os pilotos de D. Francisco de Almeida preferiram seguir muito ao sul, a ponto de entrarem nas frias e nevosas regiões do hemispherio antarctico a verem de perto as barbas do Adamastor, como se havia de dizer depois de Camões ter creado na sua phantasia esse vulto estranho e magnifico.

Padeceram-se todas as amarguras d'essas longas e custosas navegações; perderam-se navios, uns porque se desgarraram, outros porque não puderam aguentar o mar e tiveram de ser desfeitos. Levantaram-se a bordo as intrigas que se urdem sempre n'esses microcosmos, onde a monotonia da vida é apenas cortada pelos perigos quotidianos, que não fazem senão azedar as almas que os supportam. Como era natural, formou-se opposição

ao vice-rei. Os chefes eram João da Nova, o fidalgo gallego que descobrira a ilha de Santa Helena, e Gaspar Pereira, o secretario do governo, que vinha com a idéa de ser para D. Francisco d'Almeida o que em Lisboa Antonio Carneiro era para el-rei D. Manuel — seu primeiro ministro, o inspirador das suas medidas, e o verdadeiro governador da India.

Logo na viagem começou a perceber que D. Francisco de Almeida não era homem que se deixasse governar. Chegára a armada a Quiloa, e, como o scheick se mostrasse remisso em pagar tributo, allegando a sua extrema pobreza, Quiloa foi tomada á viva força e com pouco trabalho, tendo o scheick fugido para o interior. Aproveitou D. Francisco de Almeida o ensejo para estabelecer em Quiloa novo scheick, que esperou que ficasse preso assim aos portuguezes pelos laços da gratidão. Terminado tudo, D. Francisco de Almeida ordenou ao secretario Gaspar Pereira que escrevesse relação succinta do que se passára.

— Eu darei conta a el-rei de todos os feitos praticados, sr. viso-rei... acudiu Gaspar Pereira um pouco offendido por se vêr assim tratado, na presença de todos os fidalgos, como um personagem secundario.

— Governador, interrompeu serenamente D. Francisco.

— Vossa senhoria é viso-rei, que assim foi proclamado solemnemente na Sé de Lisboa, e eu, accrescentou Gaspar Pereira accentuando as palavras, sou secretario da India tambem por el-rei directamente nomeado.

— E muito bem nomeado fostes, tornou D. Francisco

d'Almeida com maliciosa serenidade, mas para serdes secretario da India, uma coisa ainda vos falta, importante, e, ousarei dizêl-o, indispensavel.

— Qual é então, sr. D. Francisco? tornou o secretario, desabotoando já o gibão para tirar o alvará de nomeação.

— A India, amigo Gaspar Pereira, tornou sempre serenamente D. Francisco. Sois secretario da India, mas não do mar das Indias, que tem por almirante o meu velho amigo D. Vasco. Em lá chegando, tomareis os titulos que vos aprouverem, como eu lá tambem tomarei o de viso-rei, mas, emquanto lá não chegamos, contentemo-nos com uma situação mais modesta. Ora pois, fazei-me a mercê de escrever o que vos digo, e dae ao diabo o que sabeis.

— Para el-rei meu senhor escreverei, tornou petulantemente e pallido de colera concentrada o secretario Gaspar Pereira, já o disse a vossa senhoria.

— Escrevereis primeiro, tornou D. Francisco de Almeida, em cuja voz se sentiam já os rugidos de colera, escrevereis primeiro o que eu vos mando e que será authenticado por dez fidalgos, que eu quero que de meus feitos fiquem instrumentos que por mim fallem. Feito isto, podereis á vontade escrever para Lisboa, mentindo e deturpando a verdade das minhas acções.

— Sr. viso-rei! exclamou Gaspar Pereira no auge do espanto e da ira.

— Viso-rei me não considero ainda, já vol-o disse, Gaspar Pereira, mas se tão longas verrinas quereis escrever contra mim que vos não chegue o tempo para escrever o que vos mando, algum escrivão haverá n'es-

sas naus que o faça, e authenticado o que elle disser por dez honradas assignaturas, valerá mais o que estiver n'esse instrumento do que todas as calumnias que contra mim inventardes.

— Insultaes-me, sr. D. Francisco, e eu não consinto...

— Haveis de consentir, Gaspar Pereira, tornou D. Francisco dando um passo para elle, terrivel, mas com voz moderada e serena, apenas desmentida por um leve tremor de labios e os relampagos que fulguravam nos olhos; haveis de consentir e haveis de lembrar-vos sempre de que a bordo do meu navio, ou dentro das tranqueiras ou fortalezas que em terra construirmos, sou eu que mando, eu só, e quem ousar diante de mim erguer a voz, ou quem ousar desobedecer-me, secretario que seja ou capitão ou principe, por mais honrado que venha com a confiança de Antonio Carneiro, ou até com a confiança d'el-rei, irá para o porão com ferros aos pés, ou será enforcado n'uma verga alta, ou no terreiro da fortaleza, se a sua ousadia tal castigo merecer. Ficae-o sabendo, Gaspar Pereira, secretario da India, e ide fazer o que vos mandei.

Reinava na tolda um silencio absoluto. Podia-se ouvir voar uma mosca. Estavam n'essa occasião fundeados diante de Mombaça, que parecia preparar-se para a resistencia. Gaspar Pereira curvou-se em silencio, e verdadeiramente intimidado desceu para a sua camara. N'este momento approximou-se D. Lourenço, e a physionomia do pae, de carregada que estava, illuminou-se como quando rompe o sol e faz brilhar de subito com

os seus primeiros raios as vidraças sombrias das janellas.

— Que queres, Lourenço? perguntou o vice-rei, sorrindo.

— Meu pae, respondeu o interpellado, voltou de terra Gonçalo de Paiva e diz que não o deixaram desembarcar, e que o receberam com tiros e pedradas.

— Bem! teremos que chamar á razão essa moirama atrevida.

— Se quereis, meu pae, irei eu.

— Não, filho, tornou D. Francisco, já desembarcaste em Quiloa. Vamos primeiro entrar no porto com as navetas e caravellas, e as naus que fiquem fóra. Não, filho, repito, não irás tu a terra.

— É claro! murmurou para um visinho um fidalgo de longas barbas negras que ouvira, com um meio sorriso nos labios, a discussão do vice-rei com o secretario. Como se trata de bombardadas, fica o filho a bordo. Em Quiloa, que foi passeio de folgança, D. Lourenço na frente.

O vice-rei ouviu vagamente estas palavras; não as percebeu, mas chegou-lhe aos ouvidos o silvo da serpente. Voltou-se, mas sempre sereno.

Não lhe foi difficil adivinhar quem as pronunciára. Conhecia já o genio rebellão e maldizente de João da Nova, e bastava olhar para o grupo dos capitães para vêr que fôra elle quem malsinára as ordens do vice-rei.

— Ireis vós, João da Nova, disse logo D. Francisco, levareis a terra o piloto de Quiloa, e entender-vos-heis com o rei da terra, ou por bem ou ás lançadas.

— Será ás lançadas, sr. D. Francisco, e é isso o que me apraz, que se fosse por bem não iria eu de certo.

— E ahi vêdes como sou vosso amigo, João da Nova, tornou o vice-rei affagando as barbas, que vos quero dar occasião de juntar nova gloria á que já vos adquiriram as vossas façanhas na India.

Não achou que responder João da Nova, mas D. Lourenço, que percebeu o golpe, deu para elle um passo, dizendo-lhe:

— E não tardarei a ir ter comvosco, sr. João da Nova. Sabeis que podeis sempre encontrar-me lá e aqui e em toda a parte.

E D. Lourenço, que occultava sob uma apparencia um pouco adamada uma robustez herculea, cerrou os punhos, luzindo-lhe na pupilla um lampejo de colera.

— Lourenço! disse de longe o vice-rei, severo.

— Felicitava João da Nova pela missão de que o incumbis, meu pae, disse D. Lourenço, sorrindo-se.

E, tomando a mão ao fidalgo gallego, apertou-lh'a com todas as apparencias de cordialidade, mas com tal força que João da Nova, para não soltar um grito, teve que fincar os dentes rudemente no beiço.

D. Lourenço sorriu-se, e João da Nova ficou murmurando:

— Apesar de já teres esporões, meu frangão, has de pagar pelo gallo.

Mas n'essa occasião soavam os apitos por todos os lados, deitavam-se os escaleres ao mar, e, chamados

pela voz do dever, esqueciam todas as suas dissidencias para apressarem e dirigirem a manobra.

Era o que nos valia no Oriente. Veiu tempo depois em que nem o apito do contra-mestre, nem a trombeta das batalhas, foram sufficientes para extinguir as dissidencias.

V

A filha do scheick

NADA se conseguiu com as negociações e ameaças. O scheick de Mombaça não se resignava a considerar-se tributario e preparava-se para aspera resistencia. Reflectia o vice-rei que era realmente pouco acertado expôr-se no caminho da India a uma batalha de incertas consequencias, mas em que seguramente morreriam muitos dos seus, porque a cidade não havia de ser facil de tomar com as suas ruas estreitissimas e os seus terraços, que formavam outras tantas fortalezas. Tão longe do reino, sendo impossivel fazer novo recrutamento, chegar á India com as suas tropas cerceadas era loucura! mas recuar era tambem perder o prestigio na costa oriental africana, e expôr a ruina certa não só a gente que ficava em Quiloa, mas todas as armadas que depois viessem do reino. Resolveu atacar.

Congregando todas as forças de que dispunha, dividiu-as em duas columnas, reservando para si o commando de uma d'ellas, e dando o commando da outra a seu filho D. Lourenço. Mas quando já estava em ter-

ra, e que distribuia na praia as forças, chamou de parte D. Lourenço e disse-lhe:

— Vão comtigo D. Alvaro de Noronha e Lourenço de Brito, homens experimentados, e cavalleiros que adquiriram justo renome nas praças africanas. Nada faças sem os ouvir, e não sejas temerario, filho! Lembra-te de mim, e lembra-te sobretudo que és commandante e que o dever de um commandante não é bater-se como um aventureiro.

— Chamaes-me commandante, meu pae, redarguiu D. Lourenço enfadado, e trataes-me como uma creança.

— Faze o que te digo, Lourenço, redarguiu o vice-rei; ordeno-t'o como pae e como chefe supremo.

A poucos passos de distancia conversava com D. Alvaro de Noronha e com Lourenço de Brito o nosso conhecido João da Nova.

— Sois amas seccas do menino, disse o maldoso hespanhol. Vêde se elle chora!

D. Lourenço não ouviu as palavras, mas percebeu no sorriso de João da Nova que alguma cruel malicia lhe saíra dos labios.

— Vamos, senhores, disse elle, cumpre-nos abrir caminho aos nossos. Diogo Corrêa, desfraldae o estandarte.

E, logo que o alferes soltou ao vento a sua bandeira farpada de damasco verde e ouro, D. Lourenço, arrancando das mãos de um alabardeiro a sua alabarda, correu quasi sósinho para o muro já meio derrubado pela artilheria da esquadra, por traz do qual estavam os arabes.

— S. Jorge! cérra! cérra! bradou D. Lourenço.

A hoste, que estava debaixo do seu commando, se-

guiu-o com enthusiasmo. Debalde D. Alvaro de Noronha e Lôurenço de Brito, que, a conversar com João da Nova, não tinham dado pela subita arremettida do seu pupillo, corriam atraz d'elle gritando: «D. Lourenço! D. Lourenço!» Não puderam fazer mais que desembainhar as espadas e procurar seguil-o.

A empreza era realmente temeraria. Não estavam bem armados os arabes, mas a cidade era perfeitamente defensavel. Os portuguezes viam desdobrar-se diante d'elles um dédalo de ruas emmaranhadas e estreitas, dominadas pelos terraços das casas, e d'onde podiam chover pedras sobre os atacantes.

Mas o impeto de D. Lourenço e dos seus foi irresistivel. N'um momento chegaram ao muro, tendo recebido no caminho uma surriada de frechas, que logo lhes fez estragos, mas que evitaram, travando-se com os frecheiros n'uma lucta corpo a corpo em que D. Lourenço fez maravilhas de força e de valor.

Os mouros, vendo os formidaveis golpes que elle vibrava com a sua alabarda, já lhe chamavam o «Eblis loiro». Derrubado o muro, e afugentados os mouros, D. Lourenço enfiou pelas ruas, mas o ataque era de uma difficuldade extrema. Succedia o que se receiára. Do alto dos terraços choviam enormes pedregulhos sobre os nossos, que não só os dizimavam, mas que os impediam de avançar, porque lhes formavam diante dos passos umas improvisadas barricadas. E elle gritando sempre: «cérra! cérra!» livrando-se como por milagre das pedras que sobre elle desabavam, saltando por cima das que lhe caiam aos pés, avançava sempre, mas de subito, olhando para traz, viu-se quasi só. A sua co-

lumna formava por essas ruas como que uma serpente cortada em pedaços.

— Senhor! dizia-lhe Diogo Corrêa, tornemos atraz!

Mas n'esse momento ouvia-se nas outras ruas o som das trombetas portuguezas.

— É meu pae! bradou D. Lourenço. Avante! Ha ahi alguns trombeteiros?

— Prompto, senhor, bradaram dois ou tres que corriam offegantes.

— Vá! rapazes! bradou D. Lourenço. Respondei a meu pae.

E no meio do silencio d'aquellas ruas que pareciam desertas, mas cujas casas encerravam a morte, floreiaram alegremente as trombetas da marinha real portugueza.

E o que succedia ao vice-rei?

Acabara de ordenar a sua hoste quando viu apparecer D. Alvaro de Noronha e Lourenço de Brito muito enfiados.

— Meu filho! Que é feito de meu filho? perguntou ancioso o vice-rei.

— Lá vae cidade dentro, senhor! Nem o pudemos alcançar.

— Bem! bem! acudiu D. Francisco muito pallido mas sorrindo, cumpre o seu dever o rapaz. Vamos sustentál-o. Avante, senhores! Vinde comigo, D. Alvaro. Lourenço de Brito, vós, com Fernão Soares, tomae o commando d'essa hoste, que ha de procurar ligar-me com a hoste de Lourenço.

E as duas meias columnas, caíndo rapidamente sobre os arabes que surgiram em chusma, n'um momento os

puzeram em fuga; mas o perigo ali, como nas ruas por onde marchava D. Lourenço, não estava no inimigo que apparecia francamente, estava no que se escondia no interior das casas. A chuva de pedras era terrivel.

— Ter! ter! bradou D. Francisco. Voltemos atraz. Quem se atreve a ir procurar D. Lourenço, e dizer-lhe que volte á praia?

Appareceram vinte. D. Francisco escolheu tres que lhe pareceram mais ageis, mandou-os por diversos caminhos, e retrocedeu para a praia. Pouco depois apparecia em boa ordem a hoste de D. Lourenço, trazendo á frente o seu chefe com o rosto affogueado e banhado em suor. Nada lhe disse D. Francisco, mas o seu mudo aperto de mão encerrava poemas de ternura paternal.

— Fernão Soares! ordenou D. Francisco, e no seu rosto sereno lia-se a placidez do homem de guerra costumado a não perder o sangue-frio nas mais graves situações e nos mais terriveis perigos. Correi a bordo e ordenae que a artilheria bata sem descanço os muros para nos abrir larga entrada. Lourenço de Brito, reuni n'um magote os homens de mar, que nos sirvam de gastadores, tirando do nosso caminho e arrojando para longe as pedras que atravancam as ruas. D. Alvaro, juntae a gente de mar que não fôr absolutamente indispensavel a Lourenço de Brito para o serviço de que o encarreguei, e fazei-a transportar para bordo os nossos feridos, que são infelizmente numerosos. Lourenço, os teus homens que invadam as casas e que subam aos terraços.

— Já ordenei isso, meu pae! interrompeu o loiro fi-

dalgo; mas encontram as escadas partidas. Os malditos tomaram todas as precauções.

— Algumas hão de ter ficado inteiras, e uma nos basta. Logo que um terraço seja nosso, podemos considerar conquistada toda a cidade. Sr. João da Nova, juntae os bombardeiros, que tomem nos braços dois berços, e apenas estivermos senhores de um terraço, subi a elle, assestae as peças e varrei-me toda essa canzoada dos terraços onde ladram para a rua. Cá estarão as pontas das nossas lanças para os receberem. E agora, meus senhores, ávante! Se damos a esses perros o tempo de perceberem que recuámos, estamos perdidos. S. Thiago e ávante.

A' medida que as ia dando, iam-se as ordens cumprindo; os feridos, que eram mais de cem, foram conduzidos para bordo. O troar mais vivo da artilheria annunciou que se recebera, e se estava cumprindo nas caravelas o mandado do vice-rei. Lourenço de Brito congregava os marinheiros, D. Lourenço de Almeida alegremente punha de novo em ordem a sua hoste, João da Nova, carrancudo mas disciplinado, ordenou aos bombardeiros que tomassem nos braços as pequenas peças, que tinham n'esse tempo o nome de berços, e abastecia-se cuidadosamente das munições necessarias para que os berços nos terraços prestassem todos os serviços que d'elles se exigiam.

Apenas o caminho se tornou mais facil, D. Lourenço, pondo-se de novo á testa da sua hoste, irrompeu a passo de carga pelas estreitas ruas de Mombaça. De novo começou a chuva das pedras, mas ao mesmo tempo

de um e de outro lado voavam em pedaços as portas despedaçadas pelos machados portuguezes.

Durante uns poucos de minutos, não se via senão apparecerem ás portas arrombadas, instantes depois de as terem aberto, os rostos desapontados dos portuguezes, que encontravam despedaçadas as escadas, e inaccessiveis os terraços; mas ouviu-se emfim um grito de jubilo. Apparecera uma escada apenas com dois ou tres degraus partidos. Não foi preciso mais: João da Nova correu para os seus bombardeiros e d'ahi a momentos era indescriptivel o aspecto que apresentavam as ruas da cidade arabe.

Os berços varriam os terraços com o seu fogo vivissimo, e nos terraços estavam não só os homens que atiravam as pedras, mas estavam tambem refugiadas as mulheres e as creanças. Viam-se cá de baixo fugir, soltando gritos lastimosos, e saltando de terraço em terraço, mas viam-se tambem caír em grande numero para a rua, ficando algumas seriamente maltratadas, outras pondo-de de pé e fugindo com gritos de terror, enchendo as ruas com o esvoaçar das suas roupas.

Então os portuguezes entregaram-se aos instinctos ferozes que tanto predominavam nos homens do seu tempo. Irritados com a aspereza da lucta e com as perdas que tinham soffrido na primeira investida, não davam quartel a pessoa alguma, e emquanto novas peças e novos soldados iam reforçar nos terraços os primeiros canhões e os primeiros bombardeiros de João da Nova, o resto dos assaltantes, debaixo do commando de D. Lourenço de Almeida, corriam pelas ruas, que transformavam em rios de sangue, rios em que se confundia in-

felizmente o que saía dos corpos dos combatentes e o que saía dos corpos das mulheres.

Assim chegaram ao palacio do scheick. Refugiára-se ali um grupo de mulheres e de velhos, atropellando-se no pateo, onde, segundo o uso arabe, se erguia a cisterna cheia de frigidissima agua.

As mulheres agrupadas a um canto, e chorando, olhavam com terror para os vencedores, que entravam de rondão, cobertos de suor e de sangue. Os velhos, com o seu fatalismo mussulmano, permaneciam silenciosos.

A' frente do grupo de portuguezes armados que entrava no pateo vinha D. Lourenço. Caíra-lhe o elmo para as costas, o elmo com que ainda n'esse tempo se entrava em combate, e os seus cabellos loiros caíam-lhe em ondas sobre a testa inundada de suor. Sacudindo-os para vêr melhor o espectaculo que se lhe offerecia, o seu rosto affogueado e gentil, os seus olhos fulgurantes, os seus labios vermelhos e humidos mal assombreados pelo bigode loiro que se destacava da barba ainda rara, appareceram de subito aos olhos pasmados das mulheres arabes, que desconheciam completamente aquelle novo typo de belleza varonil.

Os soldados que o seguiam iam a arrojar-se de espadas erguidas sobre aquelle grupo indefezo, mas D. Lourenço susteve-os.

— Basta de sangue! disse. Prendam e saqueiem.

E, correndo com ancia para a cisterna, porque a bocca secca ardia em sêde, puxou vivamente o balde, que subiu deixando caír como em jorros de perolas a agua que lhe escorria pelas bordas.

Já o balde chegava ao beiral da cisterna, e D. Lourenço, empolgando-o com ambas as mãos, ia leval-o soffregamente aos labios, quando se ouviu um grito, e uma das mulheres que estavam ao canto do pateo correu, agarrando-se com tanta força aos joelhos de D. Lourenço, que o balde lhe caiu das mãos com o inesperado impulso e rolou no chão do pateo.

— Com mil diabos! gritou D. Lourenço, furioso. E, erguendo o punho fechado, ia descarregar um murro herculeo na cabeça da desastrada interventora, quando de subito se susteve admirado e extactico.

Era uma creatura formosissima, com a sua tez profundamente queimada, mais ainda pelo brilho extraordinario dos seus olhos negros, do que pelo sol do seu paiz. Os labios entreabertos, vermelhos como os bagos de uma pequenina romã, deixavam entrever uma fieira de dentes alvissimos que scintillavam como outras tantas perolas em engates de coral.

D. Lourenço olhou para ella surprehendido ao vêr sobretudo nas suas negras pupillas uma expressão de terror e de indizivel ternura. Não tardou a comprehender o enygma, porque um soldado que o seguia, tendo lançado a mão ao balde que elle deixára caír no chão, e tendo bebido soffregamente, não tardou a estorcer-se em ancias, soltando gritos horrorosos, a que succederam quasi immediatamente os espasmos da agonia.

D. Lourenço percebeu n'um relance. A agua estava envenenada.

— Ninguem toque nas cisternas! bradou elle com voz de trovão. Estes perros empeçonharam a agua. Corram por essas ruas a avisar os nossos.

Logo se dispersou por todas as ruas um bando de portuguezes, bradando:

— Guarda de agua! Peçonha! Peçonha!

O aviso já não valeu a alguns, que devorados de sêde se tinham arrojado aos poços, mas ainda assim evitou muitas desgraças.

D. Lourenço voltou-se para a formosa arabe, que o salvára, com um olhar cheio de reconhecimento, mas viu-a aterrada e exanime nos braços de um soldado que a arrastava comsigo. A descoberta do envenenamento dos poços completára por tal fórma a irritação dos portuguezes, que não havia já meio de manter a disciplina, nem de estabelecer a ordem. A cidade estava a saque.

Até á habitação do scheick seguira tudo com certo respeito pelo commando supremo, porque emfim a lucta fazia da disciplina uma necessidade; mas quando o scheick, abandonando a habitação ao vêr entrar D. Lourenço, se pôz em fuga desesperada, quando cessou a resistencia, e sobretudo quando se descobriu a perfidia dos arabes que tinham envenenado as cisternas, ninguem conteve a furia d'esses aventureiros, que não faziam senão repetir nos mares da India e nas costas da Africa Oriental, ainda hoje tão affastada da civilisação, as tristes façanhas que outros aventureiros praticavam por esse tempo em plena Italia e em plena França, quer dizer, em pleno fóco de civilisação e de Renascença.

Para cumulo de desgraça D. Francisco de Almeida continuára na perseguição dos arabes fugitivos, e faltava por conseguinte ali a sua auctoridade suprema. Ao ouvirem o grito de «Guarda d'agua», os que acompanhavam D. Lourenço tinham perdido completamente a

cabeça, e tinham-se arrojado com furia aos velhos, que, sahindo da immobilidade em que até ahi se conservavam, pareciam querer vingar-se da pobre rapariga pela denuncia que ella fizera.

E emquanto D. Lourenço dava as suas ordens para avisar seu pae e os outros portuguezes do envenenamento das cisternas, os soldados que o acompanhavam precipitaram-se sobre os velhos, arrancaram-lhes das mãos a seductora menina para lhe reservarem comtudo sorte mais cruel.

N'um relance D. Lourenço correu aos soldados e lhes arrancou a pobre menina, que lhe abraçou chorando os seus joelhos, como no momento em que o salvára fazendo-lhe cair das mãos o balde que tinha nas suas aguas a morte.

Diante da violencia de D. Lourenço os soldados recuaram, resmungando, mas n'este momento apparecia negro de polvora, e terrivel de excitação, o nosso conhecido João da Nova.

— Quem vos deu ousio, disse elle, para arrancar aos soldados o seu quinhão de preza? Quando uma cidade é tomada á escala viva, as mulheres e as fazendas são para quem lhes lança a mão, soldado ou viso-rei!

— Pois ousaes reprehender-me, sr. João da Nova, exclamou D. Lourenço, louco de raiva.

— Senhores, por quem sois! interveio Lourenço de Brito.

— Ah! perro hespanhol! bradava D. Lourenço n'um accesso de verdadeira furia.

— Quer o menino açoites! tornava chacoteando com o seu mau sorriso o descobridor de Santa Helena.

De um pulo D. Lourenço largou a espada e saltou ás guellas de João da Nova. Era robusto o hespanhol, mas D. Lourenço robustissimo, um joven Hercules, e as forças duplicava-lh'as a colera que lhe accendera o sangue. João da Nova com um esforço violento empurrára D. Lourenço, mas sem conseguir fazer mais do que obrigal-o a alargar um tanto ou quanto o collar de ferro com que lhe cingira a garganta, ainda assim faziam-se-lhe roxas as faces, e com um movimento desesperado, largando os braços de D. Lourenço, arrancou de subito o punhal e ia a vibral-o ao peito de D. Lourenço, quando os fidalgos que se iam chegando se precipitaram entre os dois e os separaram violentamente.

Cada um d'elles se debatia furioso nos braços dos amigos que os retinham, quando entrou o vice-rei.

— Que é isto? bradou elle com voz de trovão.

— Uma disputa por causa de uma captiva! explicou Diogo Corrêa.

— O que! tu, Lourenço! esqueceres-te a tal ponto do que deves a ti, do que deves ao teu nome!

— Não, meu pae! acudiu logo D. Lourenço. Diogo Corrêa engana-se. Quiz livrar esta pobre rapariga, que me salvou a vida, da furia dos soldados, e o sr. João da Nova a isso se oppoz.

— Seria para a salvar! observou maliciosamente João da Nova, é certo que o sr. D. Lourenço, sem ter para isso direito, estava arrancando aos meus soldados a preza que lhes cabia. N'um saque não ha distincções de jerarchias.

— Tendes razão, sr. João da Nova, tornou amargamente D. Francisco de Almeida, perante o saque sol-

dados e capitães são todos egualmente bandidos. É lei da guerra. Bem sei! mas ao menos quem com esses premios se contenta outros não obterá. Para uns a honra, para outros a preza. Lourenço, honra conquistaste-a tu á farta, deixa o resto para o sr. João da Nova.

— Sr. viso-rei! acudiu João da Nova, dando um passo para elle.

— Silencio! acabou o saque e a preza. Agora está aqui de novo o chefe militar. Já roubastes bastante. Lancem pregões por todas as ruas. Não se tomam captivos senão com menos de vinte e cinco annos, e captivas só com menos de dez. Não quero que se me ateie a bordo o fogo da luxuria, e não quero atravancar de mouros as naus. Quem estiver ainda em edade de se converter á fé christã irá para bordo.

— Meu pae! acudiu D. Lourenço, supplicante, e esta pobre rapariga que me salvou a vida, não a podemos levar comnosco?

— Essa menos do que as outras! Conheço bastante o meu Homero para me lembrar das desgraças que levou para o campo dos gregos a seductora Briseida. Não quero que o meu Achilles, continuou, sorrindo, se recolha á sua tenda, só porque appareça um Agamemnon, que se lhe atravesse na posse da escrava.

— É que a matam, meu pae! tornou D. Lourenço.

D. Francisco hesitou, mas n'esse momento um arabe de Quiloa, que servia de interprete aos nossos, e que estivera trocando algumas palavras com a gentil moça, disse para D. Francisco:

— É uma das filhas do scheick.

— Ah! tornou D. Francisco, então não corre perigo. Lourenço de Brito, levae comvosco este mouro, e esta mourinha feiticeira, levae-a ao rei de Mombaça. Dizei-lhe que bem castigado o julgo, e que lhe perdôo agora. Contae-lhe que não haverá mais mortes nem roubos, e que venha o seu povo tomar conta das suas casas e apagar o incendio que por toda a parte lavra.

Assim se fez, mas, quando a joven arabe percebeu de que se tratava, foi tocante a sua afflicção. As lagrimas cahiram-lhe dos olhos, e approximando-se de D. Lourenço tomou-lhe a mão direita e levou-a á sua propria cabeça, ao coração e aos labios. Depois, humilde e vergonhosa, tapando o rosto com o *haik,* partiu silenciosa e resignada.

D. Francisco olhou para ella enternecido.

— Aqui está um favor que Beatriz me fica devendo e que nunca saberá talvez. Livrei-a, ao que parece, de uma terrivel rival.

D. Lourenço não respondeu: sorria-se apenas. O seu voluvel espirito já estava bem longe da filha do scheick.

Entretanto lá fóra o tumulto era medonho. Os capitães das naus esforçavam-se por fazer cumprir as ordens do vice-rei, mas encontravam resistencia e pouco faltou para que entre os vencedores se levantasse rija contenda. D. Francisco saiu precipitadamente, acompanhado por seu filho, dirigindo-se á praça, e levando adiante de si á pranchada os soldados que ia encontrando pelo caminho ainda occupados com roubos. Na praia D. Alvaro de Noronha e o ouvidor esforçavam-se debalde por impedirem soldados e fidalgos de embarcar desordenadamente.

Com a presença de D. Francisco as coisas mudaram um pouco. D. Lourenço, com a sua força herculea, serviu-lhe de muito. Um soldado que ia já a metter-se á agua foi agarrado por D. Lourenço e arrojado aos pés do vice-rei.

O soldado queria escapar-se com uma porção grande de marfim. Foi obrigado a restituil-o.

— É isso, resmungou elle. Se eu fosse o sr. Fernão de Menezes, escapava.

— Que tem o sr. Fernão de Menezes? perguntou o vice-rei, que ouvira.

— Leva comsigo um fio de pérolas, que vale um resgate, tornou o soldado exasperado.

— Fernão de Menezes! clamou o vice-rei para um fidalgo que estava já n'um dos escaleres, saltae em terra.

O fidalgo, que era um homem de grandes barbas, de physionomia pouco intelligente, de olhar parado, não ousou resistir e saltou para terra.

— O fio de pérolas! disse-lhe o vice-rei, seccamente.

— Não tenho, balbuciou Fernão, fazendo-se muito córado.

— Tem-n'o comsigo! tem-n'o comsigo! bradou o soldado furioso.

— Apalpem-n'o! tornou o vice rei implacavel.

— Sr. D. Francisco! acudiu o pobre Fernão de Menezes, eu tenho moradia no paço.

Mas uns poucos de soldados tinham-n'o agarrado, e apalpavam-n'o, de fórma que Fernão de Menezes, com as suas longas barbas, gritou de novo:

— Tenho moradia no paço, sr. D. Francisco.

*

— E pérolas na braguilha! respondeu o vice-rei.

É que effectivamente o meirinho do ouvidor, notando que a braguilha não estava bem abotoada, não hesitára em dirigir para ali as suas investigações, e de saccar lá de dentro um magnifico fio de pérolas.

As gargalhadas dos circumstantes, os motejos obscenos dos soldados, desnortearam completamente o barbudo fidalgo, que saltou de novo, corrido, para o escaler. D. Francisco mal pudera ao principio conter o riso, mas depois passou-lhe pelo rosto uma nuvem de tristeza, e disse para D. Lourenço:

— Ai! filho! filho! como havemos nós, com estes homens, de governar a India?

VI

Um rajah do seculo XVI

PASSARAM-SE mezes. O vice-rei chegára emfim á India, e inaugurára o seu governo com uma victoria naval. Não tencionamos seguir passo a passo o governo do vice-rei, e portanto nada diremos nem da tomada de Anchediva, nem do soccorro que D. Lourenço levou, por ordem de seu pae, á fortaleza que ali os nossos ergueram, e que se viu em perigo de ser tomada antes de concluida.

O Samoudri-rajah ou Samorim de Calicut, como os nossos lhe chamavam, ao saber da chegada de um capitão, que vinha assentar dominio na India, e estabelecer-se permanentemente, viu bem que era indispensavel concentrar todas as suas forças contra nós, sob pena de nunca mais se vêr livre da nossa soberania. Assim pensaram tambem os mercadores arabes que viam o seu commercio arruinado pelos nossos cruzeiros.

Assim foi que juntaram em grande segredo uma formidavel armada com que investiram o vice-rei.

E não se julgue que era uma desprezivel frota de juncos chinezes com obsoletos instrumentos de guerra a

armada que D. Francisco de Almeida tinha de combater. Havia na India bombardeiros italianos e até fundidores de canhões, não estavam atrazados na arte da construcção dos navios os homens que senhoreavam a difficil navegação do mar Vermelho, e affrontavam os cyclones que tantas vezes, ainda no nosso tempo, devoram navios construidos com a perfeição moderna. Se a bordo da esquadra estavam muitos d'esses timidos indios que o vento da espada de Duarte Pacheco prostrava por terra, estavam tambem arabes aguerridos, que pugnavam pela sua fé e pelos seus interesses.

D. Francisco de Almeida tinha, porém, a seu favor talentos militares notabilissimos, a experiencia da guerra adquirida nas luctas cavalheirescas de Granada, o sangue-frio de um heroe e a sagacidade prompta de um verdadeiro general.

A batalha naval de Pandarane, se a pudessemos descrever, mostraria aos nossos leitores que nas nossas batalhas mais maravilhosas foi a habilidade do commando, ainda mais do que a bravura dos soldados e dos marinheiros, quem decidiu a contenda a nosso favor.

A victoria foi completa, e collocou os arabes e os indios na mais triste situação. Como acontece sempre nas guerras musulmanas, a tormenta levantára-se de subito. A um signal dado, n'um periodo de paz relativa saíam de todos os rios da costa de Malabar navios armados em guerra, os arabes cahiam sobre os portuguezes desprevenidos nas feitorias e assassinavam-n'os sem piedade. É assim que ainda hoje acontece nas serranias de Argel. De subito de norte a sul levanta-se a chamma da

guerra, e os francezes, apanhados de subito, soffrem muitas vezes.

A derrota da armada de Calecut foi um golpe mortal para as esperanças dos mercadores arabes espalhados por toda a costa de Malabar. Infelizmente para elles alguns tinham-se antecipado á desejada e esperada victoria, e tinham cahido sobre os portuguezes desprecavidos roubando-os e assassinando-os.

Fôra o que succedêra em Quillon ou Coulão, como os nossos chronistas dizem. Ali tinham os portuguezes uma simples feitoria, porque em Coulão, da mesma fórma que em Cananor e em Cochim, haviam sido acolhidos favoravelmente. Os arabes, porém, começavam em toda a parte a sentir que era um perigo para elles o estabelecimento dos portuguezes na India, e em toda a parte começava a formar-se a grande conspiração contra os christãos, que nunca mais terminou, e que nos não deixou ter um instante de paz emquanto dominámos a India.

Quando os portuguezes de Vasco da Gama chegaram a Calecut, os musulmanos ali estabelecidos trataram-n'os antes com desconfiança do que com verdadeira hostilidade. O que vinham fazer á India esses aventureiros pobres e de terras tão distantes? Os ricos mercadores arabes encolhiam os hombros, sorrindo-se. Aconselharam ao Samoudri-rajah que os não tratasse bem, mais por hostilidade religiosa do que por medo de concorrencia, e depois da partida de Vasco da Gama provavelmente nem mais pensou na sua visita o soberano que a recebêra.

Quando appareceu Pedro Alvares Cabral, já então

com mais poderosa esquadra, quando Vasco da Gama voltou, quando Duarte Pacheco se estabeleceu solidamente em Cochim e mostrou áquelles debeis filhos das terras do Oriente o que eram a bravura e a arte militar dos povos occidentaes, os arabes principiaram a perceber que não tinham diante de si apenas uns concorrentes despreziveis como ao principio suppunham, mas uns rivaes formidaveis que ameaçavam cortar-lhes o commercio com a Europa.

E assim era: o governo portuguez seguia um plano perfeitamente definido e claro, e que mostrou que se estava muito bem informado em Lisboa do que se passava na India, do caminho que seguia o commercio oriental, e do que havia a fazer para o interceptar e para o desviar em nosso proveito.

Os escriptores modernos, como o contam os velhos documentos e as velhas chronicas escriptas numa linguagem muitas vezes pueril, ou que assim nos parece, amiudadas vezes plebêa para os nossos ouvidos, avaliam pela fórma o pensamento, e imaginam que por baixo d'aquella letra que nos parece infantil está um espirito infantil tambem. Enganam-se. Esses officios em que se falla como fallaria uma creança hoje, esses officios em que se diz ao rei de Cochim que «tu, como rei piedoso, havendo dó de nós, que te viemos buscar feridos do mal que nos fizeram em Calecut, por nossos rogos, e por tua muita bondade, nos agasalhaste, e mandaste curar nossas feridas, e por nos guardar e defender d'el-rei de Calecut que nos queria matar e captivar, etc.», esses officios cuja linguagem tão pouco se coaduna com a linguagem diplomatica moderna, encerram

comtudo pensamentos tão elevadas como os officios de qualquer dos grandes ministros de agora. É um trabalho difficil, porém, abstrahirmos do aspecto externo das coisas, e por isso tão pouca justiça se faz modernamente aos nossos grandes emprehendimentos d'outr'ora, e ás grandes aspirações da nossa politica.

Assim a politica do governo portuguez foi, desde o tempo de D. João II, desviar em nosso proveito a corrente do commercio oriental. Vejamos bem que os nossos grandes inimigos não eram nem podiam ser os indios. Já se conhecia bastante essa raça na Europa para se saber que era uma raça condemnada a estar sempre sujeita a jugo alheio.

Mas os turcos que dominavam no oriente, no Egypto, na Syria e em Constantinopla, esses que enriqueciam com esse commercio, é que eram os nossos inimigos mortaes. Por isso, com o pretexto religioso, D. Manuel se esforçava por conseguir do papa que formasse contra os turcos uma liga dos principes christãos. O interesse do papa era esse evidentemente porque os turcos, senhores da Grecia, estavam já ás portas da Italia; era esse tambem o interesse da casa de Austria, ameaçada nas suas possessões italianas pelas armadas turcas, nas suas possessões danubianas pelos exercitos do sultão; mas por outro lado a França muito tranquilla preferia a alliança de Solimão, o Magnifico, á preponderancia de Carlos V, e Veneza, apesar de se ver ameaçada pelos turcos, tambem não deixava de pensar que era solidaria com elles em todas as questões de commercio do extremo Oriente. Por isso a diplomacia portu-

gueza se via hostilisada por aquelles que maior obrigação tinham de a satisfazer.

Emquanto os nossos diplomatas procuravam paralysar os turcos na Europa, os nossos generaes no Oriente recebiam instrucções muito sensatas para interceptarem o commercio do Oriente com o Egypto. Além do cruzeiro no estreito de Bab-el-Mandeb, levava D. Francisco instrucções para construir fortaleza em Achediva e procurar construil-a em Diu. Ora effectivamente era a costa de Cambaya a que as esquadras egypcias sempre procuravam, e por isso a fortaleza de Diu para lhes servir de freio era excellentemente escolhida. Por outro lado tambem se pensára com acerto quando se mandára uma fortaleza n'alguns dos pequenos archipelagos que semeiam de escolhos e de recifes o mar das Indias, porque por ali passavam os navios, que vindos do Extremo Oriente, se dirigiam para o mar Vermelho. Não se acertára, porém, perfeitamente com a escolha de Anchediva, mas isso logo depois se reconheceu.

Os dois primeiros governadores da India, D. Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque, seguiram planos um pouco diversos, mas n'um ponto concordaram absolutamente: foi na necessidade de auxiliar os indios e de fazer guerra de morte aos arabes. Entendia D. Francisco de Almeida que não tinhamos força bastante para dominar a India, que não deviamos portanto procurar estabelecer-nos ali solidamente, e que todo o nosso empenho se devia concentrar em sermos senhores dos mares, tendo apenas em terra as fortalezas sufficientes para nos assegurarem portos de abrigo e de reparação. Qual dos dois acertava? Acertava Affonso de Albu-

querque, mas seria necessario, para o seu plano se realisar, que todos os seus successores fossem homens do seu valor e do seu talento. Não se podendo contar com isso, o melhor plano a adoptar seria de certo o de D. Francisco de Almeida. É certo, porém, que, se o plano de Affonso de Albuquerque precisava de governadores intelligentissimos, de uma politica de tolerancia e de séria administração seguida perseverantemente, precisava o plano de D. Francisco de Almeida de officiaes de mar que soubessem manter a disciplina a seu bordo, que protegessem o commercio portuguez e perseguissem o commercio arabe, mas respeitando escrupulosamente o commercio indiano. Essa disciplina já era difficil de manter no tempo de D. Francisco de Almeida, apesar da sua energia inquebrantavel, e não concorria pouco para isso a fraqueza paternal do vice-rei, que prejudicava muitas vezes as suas resoluções.

D. Lourenço era um moço sympathico, intelligente, cheio de boas qualidades, mas fôra sempre um *enfant gâté*, filho mimoso de um pae que não via outra coisa no mundo. Tendo de domar a constante rebeldia dos seus capitães, a má vontade do seu secretario, D. Francisco de Almeida precisava para impôr devéras a sua auctoridade de não poder ser taxado nem por sombras de parcial. Ora elle muitas vezes desculpava em seu filho o que não tolerava nos extranhos. D'ahi resultava ter de proceder muitas vezes com violencia que indignava os seus subordinados promptos sempre a fazerem-lhe opposição. Muitas occasiões teremos n'esta breve narrativa de fazer notar este facto, e o que se passou em Coulão logo depois da derrota de Pandarane de-

monstrou bem essa fraqueza do rigido caracter do vice-rei.

Logo depois da batalha de Pandarane navegava a frota victoriosa no rumo de Cochim, quando se viu ao longe uma caravella portugueza.

O vice-rei D. Francisco estava na tolda da sua nau, ainda carrancudo e severo porque acabava de dar uma forte reprehensão em Ruy de Mendanha. Fôra o caso que o vice-rei encarregára este fidalgo de perseguir os navios inimigos que tinham fugido, e Ruy de Mendanha, parecendo-lhe que os não poderia alcançar, desistiu logo da caça.

O vice-rei recebêra-o muito mal, e dissera-lhe severamente:

— Eu vos juro, sr. Ruy de Mendanha, que vos vale apenas n'este caso o terdes pelejado com a bravura de que fui testemunha. O honrado trabalho que tivestes e o modo como vos desempenhastes do serviço d'el-rei pesam bastante na minha alma, e fazem com que eu vos não puna do erro que commettestes, senão eu vos juro que hoje mesmo vos apartarieis da armada, e sem demora partirieis para o reino, e aqui não voltarieis emquanto eu na India estivesse.

— Sois cruel comigo, sr. vice-rei, acudiu Ruy de Mendanha com modos de enfadado. Querieis que fosse por esse alto mar, quando de todo perdêra a esperança de alcançar as naus dos mouros? Correria o risco de me apartar, sem proveito, da armada.

Visivelmente os capitães e fidalgos presentes achavam razão a Ruy de Mendanha. O vice-rei ia a interrompêl-o. Ruy de Mendanha, porém, que se sentiu

apoiado pelos companheiros, tornou, fazendo um gesto cortez como a pedir ao vice-rei que o deixasse concluir:

— E essa era, senhor — desculpe-me vossa senhoria — a opinião unanime dos pilotos e homens de mar das minhas galés e caravellas.

— Muito bem! redarguiu placidamente o vice-rei. Mas que ordem vos dei eu, Ruy de Mendanha?

— Vossa senhoria ordenou-me que perseguisse as naus dos mouros emquanto as pudesse alcançar com a vista.

— E de vista as perdestes, Ruy de Mendanha, não é assim?

— Não, senhor vice-rei, sabeis que nunca falto á verdade. Não as perdi de vista, mas ganhei a certeza de que as não podia alcançar.

— Ah! Mendanha! Mendanha! tornou o vice-rei, sabei que as ordens que se recebem cumprem-se á letra e não se discutem. Não vos fallo já como capitão e como vosso vice-rei, fallo-vos como homem experimentado em coisas de guerra, que em guerras me criei, e na guerra me encaneceram as barbas. Pois em coisas de guerra vos digo que o maior primor que um homem póde guardar da sua honra é fazer o que o seu capitão lhe manda.

— Mas quando é impossivel! tornou Ruy de Mendanha.

— Impossivel! bradou D. Francisco de Almeida, erguendo-se da cadeira onde estava sentado, e fallando com inconcebivel energia. E quando é que um portuguez n'estes mares do Oriente olhou ao impossivel? Pois impossivel não parecia aos companheiros de D.

Vasco, depois de terem dobrado com tantas afflicções, tantas perdas o Cabo Tormentorio, chegarem a esta India onde hoje dominamos? E, se não vencessem o impossivel, teria a corôa d'el-rei nosso senhor adquirido tanta gloria e tanto lustre? Pois impossivel não parecia aos poucos soldados de Duarte Pacheco resistir um momento só a todo o poder d'el-rei de Calecut, e, se não vencessem o impossivel, são estariamos hoje para todo o sempre expulsos da India, não estariam triumphantes os nossos inimigos, perdidos os nossos alliados? Impossivel, sr. Ruy de Mendanha! Riscae essa palavra do vosso diccionario, que a não admitto aqui.

— Sr. vice-rei, tornou respeitosa, mas firmemente, Ruy de Mendanha, sem pretender egualar-me aos bravos companheiros de Duarte Pacheco, vossa senhoria teve a bondade de reconhecer que eu não olhava ao numero dos inimigos quando se tratava de combater pela honra de Portugal.

— Bem o vi, e foi isso que vos valeu. Mas não é a bravura que vos falta, Ruy de Mendanha, o que vos falta é a obediencia, é a sujeição, é o cumprimento das ordens, e sem isso não ha valentia que sirva. Julgaes por acaso, sr. Ruy de Mendanha, que não são tão bravos os francezes como os hespanhoes? Ah! são, de certo, e a bravura franceza tem até um caracter tal de impetuosidade que poucos resistem á sua primeira investida, á *furia franceza,* como os italianos dizem, e comtudo Gonçalo Fernandes de Cordova, o grão capitão, bateu-os completamente por mais de uma vez. E porque? Primeiro porque tinha a arte militar, como grande capitão que na verdade sempre foi; segundo

porque os seus capitães cumpriam escrupulosamente as suas ordens, e os seus soldados não faziam senão o que elle lhes mandava. É esse o grande segredo das victorias, e, ou eu morrerei na empreza, ou isso mesmo ha de succeder a bordo dos meus navios, ou nos combates em terra. Tende-o todos bem presente. Por mais bravo, por mais intrepido e por mais fidalgo que se seja, todo o capitão que as minhas ordens não cumprir á risca, sem olhar ás consequencias, seja qual fôr o motivo que allegue, quebral-o-hei sem remissão, como quebro este junco.

E com um gesto violento partiu em dois pedaços um junco flexivel que tinha na mão.

Ruy de Mendanha não replicou, e reinava ainda a bordo da nau um silencio constrangido quando se avistou a caravella em que fallámos.

— Serão novas de Portugal? murmurou D. Francisco de Almeida.

A caravella approximava-se rapidamente, e, apenas atracou á nau de D. Francisco, um homem de rosto queimado pelo sol dos combates e das navegações, e de physionomia um pouco plebéa, saltou para a tolda e de barrete na mão dirigiu-se para o vice-rei. Era Pero Raphael.

E Pero Raphael contou o que se passára em Coulão.

Quando passava a armada que D. Francisco de Almeida depois desbaratou, os portuguezes que formavam, por assim dizermos, a guarnição de Coulão, estando perfeitamente desprevenidos, e sem a minima desconfiança, correram com grande curiosidade a uma ponta de terra que entrava pelo mar dentro, d'onde

melhor se podiam vêr os navios, e onde estava construida uma egreja nestoriana, se é certo o que diz Gaspar Corrêa, e se os nossos não tomaram por egreja de christãos de S. Thomé, como diziam, algum templo buddhista.

Mas os arabes, que tinham tramado aproveitar a primeira occasião propicia para dar cabo dos portuguezes, aproveitando este ensejo tão favoravel, em que os nossos estavam divididos, tendo ficado alguns na feitoria, e tendo partido os outros para vêr a armada, levantaram-se em grande tumulto, correram á feitoria, mataram a gente que encontraram e que tomaram de surpreza, emquanto outros corriam aos que estavam com muito socego, ainda que com certo espanto, vendo passar as naus. Os da feitoria não tinham podido defender-se. Assaltados de subito tinham succumbido logo. Os que estavam em campo aberto arrancaram das espadas, que outras armas não tinham comsigo, e, pelejando bravamente, foram recuando até á egreja ou templo onde se fortificaram resolvidos a vender cara a sua vida.

Não seria facil aos arabes effectivamente vencêl-os, se não tivessem tido uma idéa horrorosa, e a que infelizmente os portuguezes não podiam oppôr-se. Destelharam a egreja e deitaram para dentro folhas de palmeira incendiadas, que não só não tardaram a pegar fogo á egreja, mas que sobretudo produziram um fumo intensissimo, que logo asphyxiou os desgraçados que ali se tinham refugiado.

— E o *regedor* de Coulão? perguntou o vice-rei que ouvira serenamente essa historia, escutada ao mesmo

tempo com gritos de colera pelos fidalgos que se achavam presentes.

— Declarou depois que estava longe e que não pudera acudir; mas os mouros tanto tempo levaram a roubar a feitoria, e a recolher as velas e os remos das suas naus que estavam na feitoria...

— Ah! ahi tendes uma das causas do desastre, exclamou D. Francisco. Ouviste, João Homem? E voltou-se para um dos capitães que o rodeiavam. A primeira coisa que os mouros fizeram foi irem recobrar o que era seu, e a gente da terra que assistiu ao feito não poderia deixar de applaudil-os.

— Sr. D. Francisco, tornou João Homem, desculpe-me vossa senhoria, mas mouros e indios são unha com carne e todos a mesma cambada. Bem procurei eu evitar chegar ao extremo a que cheguei, mas por mais que insistisse com a gente de Coulão para que désse pimenta aos mouros, e esperasse pelas nossas naus, foi o mesmo que nada.

— Forte admiração! Já vistes vós em alguma terra algum mercador deixar o certo pelo duvidoso, e estar com a mercadoria empatada, sem a vender a quem deseja comprál-a, só para satisfazer gente nova, que lhes vem tirar a antiga freguezia? Isso é injusto, João Homem, e nada ha que mais revolte os homens do que é uma injustiça.

— Eu, senhor, tornou João Homem, julguei ter feito o meu dever.

— Pois nem eu vos culpo pelo que fizestes! Digo-vos que o não torneis a praticar, e aos vossos companheiros egualmente recommendo a mesma abstenção. Mas não

ponho em duvida que julgasseis cumprir o vosso dever. Assim o tivesseis cumprido egualmente no mar alto.

João Homem fez-se muito vermelho, e os outros capitães sorriram. Fôra o caso que João Homem, quando viera juntar-se á armada do vice-rei, depois de ter feito a bonita obra de tirar aos navios arabes em Coulão as velas e os remos, aprezára duas embarcações arabes no mar alto e confiára-as juntamente com as suas tripulações a alguns dos seus tripulantes, muito pouco numerosos. No mar os arabes apanharam os portuguezes a dormir, mataram-nos e fugiram com as embarcações. D. Francisco de Almeida tanto se irritára com a serie de disparates de João Homem desde Coulão, que estivera resolvido a tirar-lhe o commando, e só o não fizera, por attender á sua nobreza, e ao muito affecto que soubera inspirar á gente da sua nau.

— Bem! disse elle emfim. O desastre não tem remedio, e o que precisamos é de restabelecer o prestigio do nosso nome e o nosso dominio em Coulão. Lourenço, irás tu. Acompanhál-o-heis, sr. Pero Raphael, que já conheceis as coisas de Coulão, e vós tambem, João Homem. Já que em boa parte fizestes o mal, aguentae-vos agora com as consequencias. Ruy de Mendanha, espero que atacareis Coulão com mais calor do que o que tivestes na perseguição dos navios mouros. Lopo Cabral e Moura Telles, completareis a armada com as vossas naus. Vae no navio de Alvaro Botelho, filho. É veleiro, e tem bom piloto. E vê como procedes, Lourenço. Injustiças e violencias escusadas, nem mesmo contra os mouros. Os indios de Coulão esses trata-os até com todo o carinho, e fecha os olhos a algum desmando que hou-

vessem tido. Coitados! estão costumados com os mouros, e ha de lhes custar a mudar de freguezes. Demais é com elles que nos havemos de achar. Procede com todo o cuidado, Lourenço. Exige da rainha de Coulão o castigo dos culpados, mas evita fazer justiça pelas tuas mãos e sobretudo respeita e protege o commercio dos naturaes. Vae, filho, Deus te leve em bem. Cuidae-me d'elle, Alvaro Botelho!

E, emquanto os capitães seguiam cada um para a sua nau, o vice-rei, a quem D. Lourenço beijava respeitosamente a mão, puxava-o para si com amor, e beijava-o fervorosamente, como se aquelle robusto moço, cuja força herculea era o espanto de todos, fosse ainda a loira creancinha cujos primeiros passos elle tão carinhosamente amparára e protegêra.

. . . .

Dias depois chegava D. Francisco de Almeida a Cochim, onde era recebido com muito agrado e enthusiasmo pelo rajah, que effectivamente á alliança portugueza devia o seu novo poder e o prestigio que adquirira no Malabar.

Quando os portuguezes chegaram á India, ao passo que no Dekkan imperavam soberanos musulmanos, eram soberanos indios os que dominavam nas terras do Malabar. O soberano de Calecut tinha o titulo de Samori, que queria dizer «imperador», ao passo que os rajahs de Tanor, de Travancor, de Cranganor, de Cananor, de Coulão, Cochim, Repelim, Chembé e Porcá eram simplesmente vassallos e tributarios, sendo alguns até chefes apenas de algumas aldeias. Um dos mais insignificantes era exactamente o de Cochim, que devia só á

protecção portugueza a independencia que assumira, e a importancia que fôra adquirindo. Era tambem essa uma das coisas que mais irritavam o Samori, que se não podia costumar a vêr tão pequeno vassallo ousar medir-se com elle e medir-se victoriosamente, graças ao auxilio dos terriveis occidentaes.

Por isso tambem, apenas D. Francisco de Almeida desembarcou e foi fazer oração á egreja que já ali se erigira, annunciaram-lhe que o rajah, não querendo esperar um só momento, vinha elle proprio visitál-o. O vice-rei tratou immediatamente de o receber com todas as honras; revestindo á pressa um pelote de setim roxo enfeitado a oiro, enfiou por cima uma loba de damasco preto roçagante, que deu grande magestade ao seu vulto. Ordenou que a sua guarda saísse immediatamente a formar alas, e elle correu á porta para receber o novo alliado.

O espectaculo que se lhe deparou era realmente formoso. Rompiam a marcha alguns cavalleiros afghans, montados nos seus bellos cavallos com sellas chapeadas d'onde pendiam os arcos, e tendo sobre a tez queimada o branco turbante, seguiam-se uns tartaros com as suas cotas de malha, e finalmente sobre o seu elephante de dentes cortados, e de testeira de velludo debruada de oiro, vinha o rajah, em cujo trajo hindú todo de algodão branco brilhavam comtudo resplandecentes pedrarias.

Apeiou-se e dirigiu-se ao vice-rei, a quem estendeu as mãos apertando-lhe as d'elle e levando-as ao peito. E, trocados estes cumprimentos, dirigiram-se para a sala da tranqueira, que Francisco de Albuquerque levantára, acompanhados por um interprete.

Largo tempo estiveram conversando, e o rajah de Cochim parecia ora tremulo, ora enlevado, diante da intimativa eloquencia do vice-rei.

— Senhor! dizia-lhe este, vossa alteza é que deve herdar a soberania do rei de Calecut, que por suas irreparaveis culpas para comnosco perdeu para sempre o direito de reinar. Todos os soberanos d'esta costa vos respeitarão como a seu suzerano e senhor. E' esta a vontade do meu senhor e amo que tudo póde na terra, D. Manuel, rei de Portugal.

— Não! tornou o pobre principe indiano. El-rei de Portugal é muito poderoso, mas foi o proprio Ori Pérumal, que ha muitos e muitos annos, deu a Samori de Calecut o candieiro e a espada — a luz e a força para poder governar e defender o seu reino.

— Quem é Ori Pérumal? perguntou em voz baixa D. Francisco de Almeida ao interprete.

— Um antigo soberano do Malabar, que se converteu á fé musulmana, respondeu o interprete, e que, ao retirar-se para Meca, dividiu os seus estados e deu ao seu sobrinho valido a supremacia sobre os outros e o reino de Calecut.

— Ah! disse logo D. Francisco em voz alta; mas não vêdes que o Samori menoscabou essas augustas tradições, apagando a luz que o guiava no seu governo e que por isso foi punido, pois que nas mãos se lhe partiu a espada, de que mau uso queria fazer contra nós?

O rajah olhou espantado para elle. Não lhe occorrêra esse argumento.

— E esse de quem fallaes fundou esta dynastia de

Calecut, renegando da fé em que fôra creado não para entrar no gremio da verdadeira religião, mas para partilhar os erros musulmanos! E o meu rei e meu senhor, tão vosso amigo, e que tanto vos tem ajudado com as suas armas, pela minha mão vos envia uma espada que é mais forte do que a que Ori Pérumal deu ao rei de Calecut, e uma corôa que inspira melhores pensamentos do que o tal candieiro da lenda.

E, como o pobre rajah, olhando para elle estupefacto, não comprehendia o que o vice-rei queria dizer, D. Francisco tornou, inclinando-se humildemente:

— De hoje a oito dias, se vossa alteza m'o permittir, irei levar-lhe com todo o ceremonial as cartas, a corôa e a espada que el-rei de Portugal envia.

Oito dias depois, effectivamente, presenceava Cochim uma ceremonia maravilhosa. A' ponte de madeira que os portuguezes tinham construido para maior facilidade do embarque da pimenta estavam atracados os escaleres das naus portuguezas, distinguindo-se entre todos o escaler do vice-rei com o seu toldo de velludo carmezim, forrado de damasco franjado de oiro, tremulando-lhe á pôpa a bandeira real. Quando o vice-rei embarcou, as peças da tranqueira salvaram, e a multidão que se apinhava para contemplar o espectaculo teve por um momento um accesso de terror panico, julgando que os portuguezes aproveitavam o ensejo de se reunir ali uma grande chusma para fazerem uma terrivel carnificina. Quando viram, porém, que a descarga era inoffensiva soltaram grandes clamores alegres, e foram seguindo pela praia a vistosa frota de escaleres, que navegava mansamente, impellida pelos remos, que batiam compas-

sados na agua, deixando cahir uma chuva de liquidas perolas.

Ao chegarem ao palacio do rei, que era um edificio relativamente pobre, sem os brincados dos opulentos palacios dos rajahs musulmanos, onde se casava a elegancia do estylo arabe com os productos exuberantes da phantasia indiana, desembarcaram, e, ordenando-se o cortejo, subiram a larga escadaria de pedra que ia ter ao pateo, onde o rajah de Cochim o esperava rodeado dos seus naires e dos seus soldados.

Rompia o cortejo uma banda marcial, composta de trombetas e atabales, que fazia resoar n'aquella molle atmosphera da India os hymnos bellicosos da Europa. Seguia-se a guarda dos alabardeiros com os seus sumptuosos uniformes, depois um fidalgo, por nome Lourenço Moreno, levava nas mãos a taça do presente cheia de cruzados de oiro, e o feitor de Cochim caminhava levando sobre uma salva dourada a corôa com que o rei de Portugal brindava o seu alliado indiano, e emfim o vice-rei, ricamente vestido, e cercado dos seus capitães e officiaes todos trajados com louçania, infundia respeito aos indios que julgavam vêr todos os heroes das suas epopéas personalisados n'aquelles vultos sobre-humanos pela sua incomparavel bravura.

Ao meio da escada toparam o rajah de Cochim que viera ao seu encontro. As suas vestes brancas resplandeciam de ouro e de pedrarias, e os trajos variegados da sua comitiva davam áquelle quadro verdadeiro tom oriental. O sol brilhava então com todo o seu esplendor e illuminava devéras uma scena maravilhosa. Entre a verdura dos palmares branquejavam as ruas da povoa-

ção, lá em baixo revolvia-se como um mar de bronze a multidão hindú a contemplar a scena que se passava no palacio, onde scintillavam com um brilho do relampago o aço das espadas e o ferro das alabardas, o oiro das guarnições e a pedraria das vestes do rajah e dos seus naires. No mar azul e tranquillo balouçavam-se os escaleres com os seus toldos carmezins, e mais longe viam-se os vultos obesos das naus portuguezas, onde de quando em quando se accendiam lampejos, precedendo os trovões da salva.

Quando chegaram ao pateo, o rajah sentou-se, querendo fazer tambem sentar o vice-rei; mas este não quiz, e, ficando de pé, ordenou ao feitor que lhe traduzisse este discurso:

— Senhor! Entre os feitos brilhantes da historia de Portugal e da historia do vosso reino de Cochim ha de ficar assignalado como um dos mais formosos aquelle combate do Passo da Estacada, em que Duarte Pacheco tão heroicamente destroçou o exercito do rei de Calecut, combatendo ao nosso lado com lealdade e bravura os vossos naires, senhor. Tão aterrado fugiu el-rei de Calecut, que, tendo-lhe um pelouro nosso prostrado por terra morto o seu pagem do betel e mais tres naires que o acompanhavam, saltou do palanquim, e debaixo d'elle vergonhosamente se escondeu. Quer el-rei meu senhor perpetuar a memoria d'esse grande dia enviando-vos esse copo de oiro, que vos servirá para, quando mascardes o vosso betel, vos lembrardes a um tempo da covardia dos vossos inimigos e da heroica bravura dos portuguezes que vos defenderam.

E, tomando o copo das mãos de Lourenço Moreno, estendeu-lh'o com todos os signaes de respeito.

— Estas peças de seda, continuou apresentando-lhe os córtes ricamente matizados que lhe trazia tambem como dadiva de D. Manuel, pouco valem, e mais preciosas sedas tendes de certo nos vossos estados. Quer, porém, el-rei meu senhor que saibaes que a seda, que tanto abunda no oriente, em Portugal é trabalhada tambem, e, assim como muito se apraz de trazer nas suas vestimentas os diamantes que lhe tendes enviado, assim deseja que algumas das vossas vestes mandeis fazer com seda lavrada em Portugal.

Tirou então do seio respeitosamente uns pergaminhos lacrados, beijou-lhes o sêllo, e, estendendo-os ao rajah:

— Estas são as cartas, senhor, que el-rei de Portugal vos envia, e onde encontrareis a confirmação de tudo o que vos ora digo.

O rajah, ao recebêl-as, apertou-as ao peito, e guardou-as cuidadosamente na facha constellada de pedraria que lhe apertava as vestes brancas.

— E agora, senhor, tornou D. Francisco, erguendo a voz, permitti a um vosso fiel vassallo que em nome do poderoso senhor rei de Portugal, de quem todos os mares dependem, e que pelas suas armadas e pelos seus soldados domina o oriente, vos proclame o verdadeiro imperador do Malabar. Em nome d'el-rei de Portugal, vosso suzerano, vos ponho esta corôa na cabeça e vos ponho nas mãos esta espada, a corôa para que domineis e reineis sobre todos os potentados vossos visinhos, a espada para que defendaes e sustenteis esse dominio que el-rei de Portugal vos confere.

E, ajoelhando, ergueu as mãos, e poz a corôa na fronte do rajah de Cochim, depois cingiu-lhe a espada, bradando:

— Cochim! Cochim! Real! Real!

As trombetas e os atabales romperam em bellicos clangores, os fidalgos desembainhando as espadas, bradaram tambem: «Cochim! Real! Real!» e ao longe a artilheria das naus, avisada pelo primeiro tiro que disparou a tranqueira, rompeu de novo em salvas.

O pobre rajah, commovido, perturbado, não podendo suster as lagrimas, erguêra-se dizendo:

— Portugal! Portugal!

Cá em baixo a multidão, que nada percebia, rompêra em gritos tambem, mas entre a comitiva do rajah havia mais rostos descontentes do que satisfeitos.

Os mais intelligentes percebiam que, recebendo aquella corôa de oiro, o rajah de Cochim assignára a abdicação completa.

No meio, porém, d'estas encontradas manifestações, um homem, um hindú vestido de roupas esfarrapadas, rompêra por entre os fidalgos surprehendidos, e fôra cair aos pés do rajah, bradando:

— Justiça! senhor, Justiça!

VII

Os casos de Coulão

Timido como uma creança o rajah de Cochim, que ainda conservava na cabeça a corôa de oiro, levantou-se precipitadamente; mas, vendo que o recem-chegado só manifestava humildade, serenou um pouco, e perguntou-lhe:

— Quem sois?

— Um mercador de Cochim, senhor!

O rajah affastou as vestes cuidadosamente para que lhe não tocasse esse homem de uma casta inferior.

— D'onde vens?

— De Coulão.

Ouvindo esta palavra, que percebeu, D. Francisco de Almeida approximou-se franzindo o sobr'olho.

N'esse momento já varios mercadores, cujos trajos denunciavam o terem feito grande jornada, e outros residentes em Cochim, se approximavam em tropel da cadeira onde estava sentado o rajah.

— Resplandecente senhor, tornou o homem que primeiro fallára sem esperar que lhe permittissem expender as suas queixas, eu e estes homens que aqui vê-

des, mercadores d'esta terra, que a Coulão tinhamos ido para nosso negocio, quando vimos entrar no porto navios portuguezes, sabendo quanto são vossos amigos, e quantos sacrificios por elles tendes feito, apressámo-nos a ir ter com o seu commandante, aquelle moço rajah, que tem cabellos de oiro e o rosto mais branco do que a branca flôr de nenuphar, e levámos-lhe refrescos e elle nos repelliu, senhor, e queimou ou tomou as nossas naus que vinham de Coromandel carregadas de fazendas e de mantimentos. Justiça, senhor! Se a não fazeis, nós vamos deixar esta terra, e vamos por essa India dentro á procura de um reino, onde não estejamos expostos a similhantes desastres. Justiça, senhor, justiça!

E a multidão que o acompanhava, clamou logo voz em grita:

— Justiça, senhor, justiça!

— Haveis de a ter! haveis de a ter! respondeu o pobre rajah muito perturbado e afflicto. Aqui tendes o soberano senhor dos portuguezes, aquelle que é na India a imagem e o representante do poderoso sultão de Portugal. A elle vos dirigi, que saberá castigar os que vos fizeram mal.

E D. Francisco, a quem um interprete fôra traduzindo estas palavras, respondeu, mal contendo a sua ira:

— Sim! justiça vos hei de fazer, mas justiça recta e inflexivel. Vindes aqui mentir, porque eu bem conheço Lourenço e bem sei que era incapaz de vos molestar sem graves motivos. Todos vós sois protectores e encobridores dos mouros infames que não tramam contra nós senão traições e perfidias, que assassinam os nossos

homens indefezos, queimam as nossas feitorias, e nos roubam e matam á traição. Juro pelo meu Deus e pela cruz da minha espada que, se ousastes aqui vir mentir, e calumniar meu filho, não haverá supplicios bastantes para vos punir. Ha de vos ser arrancada a lingua maldizente.

Antes mesmo de comprehenderem as palavras, o tom da voz do vice-rei fizera empallidecer o rajah e os mercadores; apenas souberam o que elle dizia, romperam em altos gritos de indignação e de colera. N'um momento D. Francisco de Almeida levou a mão ao punho da espada, e bastou este movimento para que logo scintillassem ao sol as espadas dos que o acompanhavam.

— Senhor, senhor! exclamou o pobre rajah, erguendo-se supplicante, emquanto os mercadores recuavam em tumulto.

— Socegue vossa alteza! acudiu logo D. Francisco de Almeida, caindo em si, e fazendo um gesto para que todos embainhassem as espadas. Nada se fará em Cochim, emquanto vivo eu fôr, senão por vossa ordem e mandamento. Sereis vós o primeiro, senhor, a ordenar que sejam punidos os calumniadores, como podereis tambem estar certo de que, se fallaram verdade, e não encobriram as suas culpas, serão punidos os que os molestaram, ainda que meu filho seja. Não tarda que volte de Coulão a esquadra que lá mandei.

— Senhor, interrompeu o feitor de Cochim em voz baixa, acaba de entrar no porto a caravella de João Homem.

— Bem! teremos, pois noticias immediatas. Se vossa alteza o permitte, continuou D. Francisco, ámanhã na

tranqueira ouvirei estes homens, como hoje vou já ouvir um dos meus capitães que de Coulão acaba de chegar, a justiça se fará, sem contemplação seja por quem fôr.

Desfez-se o rajah em agradecimentos, e D. Francisco despediu-se, agora um pouco sobranceiro. Pouco depois entrava na sala dos aposentos do vice-rei o nosso conhecido João Homem, e encontrou-o passeiando agitado e de sobr'olho franzido.

— Que bonitas obras se fizeram em Coulão? bradou D. Francisco de Almeida, assim que o viu. Que maus conselhos déstes vós todos a Lourenço? Dizei, e dizei depressa.

— Senhor! respondeu João Homem com firmeza, D. Lourenço de Almeida era o nosso capitão, e não fizemos senão cumprir as suas ordens.

— Fallae! tornou D. Francisco, seccamente e mordendo os beiços.

— Senhor! tornou João Homem, quando chegámos a Coulão, veio logo a bordo gente da terra a trazer-nos refrescos e mantimentos, mas vosso filho nada quiz acceitar, dizendo que primeiro queria saber quem tinham sido os culpados dos roubos e das mortes da feitoria e da egreja.

— E andou bem, por Deus! interrompeu alegremente o vice-rei.

— Depois, como soubessemos que estavam no porto navios de Calecut, que vinham carregados de ricas fazendas, ordenou aos mercadores de Coulão e de Cochim que tirassem para fóra do porto os seus navios, e que deixassem os de Calecut, que elle pretendia tomar e confiscar.

— Sem ter ainda resposta da rainha de Coulão? perguntou o vice-rei, franzindo o sobr'olho.

— Sim, senhor vice-rei.

— E que aconselharam os capitães?

— Opinaram que toda a demora seria funesta, porque, emquanto tratassemos com a rainha de Coulão, fugiriam os navios de Calecut, que estavam, ao que se dizia, tão ricamente carregados.

— É conselho de piratas e não conselho de fidalgos. Que ieis fazer a Coulão? Vingar a morte dos nossos compatriotas, e castigar os que tinham ousado attentar contra a sua vida e segurança. Tudo o mais era secundario. Que hão de dizer na India? Que não queremos senão prezas e riquezas, e que tudo se nos paga a dinheiro, até o sangue dos nossos patricios, até a honra da nossa bandeira. Continuae, João Homem, continuae, que já estou vendo como vós todos, cubiçosos e soffregos, enleiastes o meu pobre filho na detestavel rède das vossas tramas.

— Senhor, uma coisa não excluia a outra! e podia-se evitar que saissem os navios de Calecut sem deixar de exigir de quem governava a terra a reparação que nos era devida.

— Não vos peço reflexões! tornou seccamente D. Francisco, peço-vos a narrativa do que se passou. Continuae!

— Mandou, pois, vosso filho deitar pregão na terra para que todos soubessem que deviam sair para fóra do porto os navios que não fossem de Calecut, e para certeza de que o pregão fôra deitado, ao som d'essas bacias de ferro em que tocam por cá os pregoeiros, mandou que lhe trouxessem uma olá do pregão.

— E bem fez o rapaz n'esse ponto! interrompeu D. Francisco. Sairam, pois, os navios?

— Sim, senhor, sairam dois navios em que vinham mercadores de Cochim, mas tivemos logo denuncia de que eram esses navios exactamente as duas naus de carregação mais rica, naus de Calecut, que os de Cochim tinham tomado por suas, deixando no porto as que suas eram realmente, e que estavam carregadas de arroz, ficando os de Calecut de lh'as pagar, se por acaso lh'as queimassemos.

— E que fizeram? que aconselharam a Lourenço que fizesse?

— Ordenou-se ás naus que parassem, e se conservassem debaixo do fogo da nossa artilheria.

— Por Deus! acudiu D. Francisco, cerrando os punhos com ira. E saiu mais alguma?

— Nenhuma saiu, e pelo contrario juntaram-se todas, e prepararam-se para combater.

— Forte admiração! Ah! João Homem! João Homem, que por vossa culpa havemos de perder a India! Pois mandaes apregoar que sáiam livremente as naus que forem de mercadores de Cochim, e aprezaes immediatamente as primeiras que saem! Faltaes assim á vossa palavra! mostraes a estes mouros e a estes indios que não tendes fé nem lei! que ninguem se póde fiar no que dizeis. Que villania, João Homem!

— Mas, senhor, se essas naus não eram de Cochim, mas de Calecut!

— Não iam ellas tripuladas por gente de Cochim?

— Iam, de certo.

— Cobria, pois, a bandeira amiga os navios inimi-

gos, se o eram. Sabeis o que diriamos ao rei de Cochim, logo que se provasse que os seus naturaes nos tinham enganado? Diriamos que somos nós os leaes e elles os traidores, diriamos que, escravos da nossa palavra, respeitavamos os navios de um alliado, e que elles, illudindo-nos e enganando-nos, eram gente baixa e vil, e esta reputação de lealdade, e de respeito inquebrantavel pela fé jurada mais contribuiria para o engrandecimento do reino e para o accrescentamento da gloria d'el-rei de Portugal do que as mais opulentas cargas que pudessem abarrotar o bojo das duas naus. Ah! João Homem! João Homem! que nunca haveis de comprehender a nossa missão na India! E que succedeu depois?

— Depois rompeu o combate. Defenderam-se energicamente as naus. Tomámo-lhes, porém, quatro paraus, que arrojámos depois em chammas para os navios amarrados uns aos outros, e tudo queimámos. Era um espectaculo lastimoso vêr tantas fazendas ricas atiradas pelos mouros para fóra das naus, para as salvarem do incendio, a boiar por sobre as aguas, sem conseguirem apanhál-as os que da praia se arrojavam soffregamente a procurál-as.

— E ahi tendes, tornou o vice-rei, como a cubiça, pela sua soffreguidão, a si propria se prejudica. É claro que, estando as naus decididas a defender-se, não seria facil tomál-as a uma e uma, sem grande perda de vidas. Tivestes, pois, de as queimar. E Lourenço?

— O sr. D. Lourenço de Almeida varou as galés em terra, e, como os mouros, furiosos com o incendio nas naus, pareciam uns vivos diabos, mettendo-se pela agua

dentro, ameaçando-nos e provocando-nos, desembarcou á frente de uns quinhentos homens talvez.

— E afugentou, n'um relampago, essa moirama toda?

— Estaes enganado, senhor! Nunca vi gente mais brava e furiosa. Pareciam doidos, entravam, como disse já, pela agua dentro, viravam-nos as costas, levantavam as roupas, e mostravam-nos, em tom de desprezo, as trazeiras. Foi necessario que o sr. D. Lourenço carregasse em pessoa sobre elles com a sua poderosa alabarda, dando golpes tão formidaveis, que abria os inimigos de meio a meio, e tão bem auxiliado foi por todos os que o acompanhavam que dentro em pouco tempo, apesar da sua inconcebivel exaltação, os mouros fugiram, cortados pelo nosso ferro, e ficámos senhores do campo, não sem termos comprado a victoria com graves perdas.

— E Lourenço ficou ferido?

— Não, senhor vice-rei; de muito lhe valeram as armas que elle veste tão facilmente como se fossem de brocado, e onde se embotavam os zarguncbos e settas que lhe atiravam. Veio só para bordo rendido de cansaço.

— E ahi estamos nós, João Homem, fazendo heroes d'essa gente medrosa. E' que a injustiça embravece os menos intrepidos, e faz leões dos cordeiros. E assim o exemplo que eu queria dar a toda a India, que a todos servisse de escarmento, o castigo dos malvados de Coulão, foi completamente posto de parte, e, em vez de nos fazermos pagar com usura do que nos devia, deixámos essa divida em aberto, e fomos excitar novos odios e novos rancores. Comparae o porte dos mercadores, no momento em que apparecestes diante de Coulão, com o

seu porte no fim. Conscios de que tinham feito mal, vieram humildemente procurar-vos e trazer-vos refrescos. Lourenço teve a boa inspiração de se mostrar severo e digno. Se persiste n'esse procedimento, se exige da rainha ou do regedor de Coulão sem mais demora que fossem enforcados os réos de tamanhos crimes, reconheceria toda a India a justiça da nossa causa e das nossas exigencias. Mas vem a cubiça assoprar a esses conselheiros de má morte os seus funestos dictames, e levam o meu pobre Lourenço a affastar-se do cumprimento do seu dever para se occupar de mercadores e de mercadorias. Não contentes com isso, fazem com que não seja respeitado o salvo-conducto que aos mercadores de Cochim justamente concedem, obrigam portanto todos os mercadores a fazerem causa commum com os mouros de Calecut, e, pelo incendio das naus a que sois fatalmente arrastados, exasperaes os habitantes de Coulão, e transformaes, como vós mesmo dizeis, em vivos diabos esse timido rebanho. Ahi tendes o resultado dos vossos ruins conselhos.

— Senhor D. Francisco, redarguiu acremente João Homem, cada um aconselha como sabe e o capitão resolve como quer.

— Mas Lourenço é uma creança, tornou D. Francisco vivamente, e vós sois homens experientes e encanecidos na guerra.

— Pois não se confia a creanças o commando de homens encanecidos.

— Podeis ter razão, sr. João Homem, redarguiu D. Francisco, mal contendo a ira, mas a el-rei darei conta dos meus erros se os houver commettido, e a vós não

consinto eu que censureis as minhas determinações. Não se falla duas vezes em minha presença como acabaes de fallar, João Homem. Podeis considerar-vos desencarregado do commando da vossa caravella.

João Homem, pallido como um defuncto, não ousou responder, ou ia talvez balbuciar umas desculpas, quando se abriu a porta da sala com impeto, e D. Lourenço, entrando radiante de alegria, lançou-se nos braços do vice-rei, bradando:

— Meu pae! meu querido pae!

— Filho! filho do meu coração! tornou D. Francisco abrindo os braços a esse sympathico rapaz, que era todo o seu enlevo e toda a sua alegria na terra. Abraçou-o e beijou-o com verdadeira adoração, mas depois, repellindo-o severamente, disse-lhe:

— E' bem vindo sempre o filho da minha alma, o capitão, porém, tem contas severas a dar do seu procedimento ao vice-rei da India. D. Lourenço de Almeida, procurae defender-vos.

— Eu, meu pae! pois andei mal?

— Dareis contas do vosso procedimento perante mim, em presença dos vossos capitães, e a el-rei de Cochim, que hoje mesmo acabo de coroar como vassallo e amigo do rei de Portugal, explicareis como lhe aprezastes dois navios dos seus mercadores.

— Ah! já vejo que os dois bargantes que nos queriam illudir vieram mais depressa do que nós formular aqui as suas queixas.

— De certo que vieram, mas não é só d'isso que tereis que dar contas, sr. D. Lourenço.

— Meu pae! tornou o moço fidalgo com as lagrimas

nos olhos, puni-me com a maxima severidade. O castigo, vindo da vossa mão respeitada, será recebido com humildade, como o beneficio é recebido com gratidão, mas não me trateis como se eu não fôra vosso filho, que essa crueldade, sejam quaes forem as minhas culpas, já de antemão vol-o digo, não a mereço, meu pae.

— Ai! filho! filho! tornou D. Francisco. Vamos, Lourenço! manda entrar os teus capitães, que são os verdadeiros culpados dos erros que se commetteram.

Os seus olhos encontraram n'esse momento o olhar frio e levemente zombeteiro de João Homem.

— Outro culpado haverá talvez tambem, accrescentou.

— Quem, meu pae?

— Eu, Lourenço.

Abriu-se a porta de par em par, e os capitães entraram.

VIII

Pae e vice-rei

Apenas se sentaram em volta da sala, D. Francisco disse para o meirinho, que chamára:

— Devem estar por ahi ainda os fidalgos que me acompanharam á coroação do rei de Cochim. Que entrem! temos de deliberar.

Reinou por algum tempo um silencio constrangido. Momentos depois entravam os principaes capitães, que não tinham ido a Coulão.

Quando todos se sentaram, o vice-rei, com voz severa, disse:

— O que se passou em Coulão, foi grave, por ter sido feito contra as minhas ordens terminantes e claras. Não se puniram os culpados, e castigaram-se os innocentes. Deixaram-se impunes os mouros, e maltrataram-se subditos d'el-rei de Cochim. D. Lourenço de Almeida, capitão da armada, que tendes que allegar em vossa defeza?

— Meu pae e senhor! disse D. Lourenço, levantando-se respeitosamente, não tenho senão de curvar-me perante a vossa justiça. Procedi mal, confesso, e, ainda

que não fiz senão ir de accordo com o que se deliberou em conselho de capitães, só para mim reclamo a responsabilidade da culpa. Direi, porém, senhor, que nada fiz sem ter mandado deitar pregão para que saíssem todos os navios que estivessem no porto e não fossem de Calecut. Só dois saíram, e esses havia fundadas suspeitas que não eram de Cochim como os seus donos allegavam. Nenhum outro saíu, antes se armaram e aprestaram para o combate. Havia de recusál-o, senhor? E podiamos tolerar, nós portuguezes, que mouros e indios da praia nos desafiassem, e provocassem, e insultassem?

— Se os de Cochim diziam que eram suas as naus, devieis acreditál-os. A desconfiança gera a desconfiança. Tomál-as, porém, foi um acto de pirataria, indigno de um filho meu.

— Ah! meu pae! bradou D. Lourenço, profundamente magoado, e deixando que as lagrimas lhe saltassem dos olhos, e lhe deslisassem a quatro e quatro pelas faces.

— Eu aqui não sou vosso pae, D. Lourenço! tornou o vice-rei com o mesmo aspecto carrancudo e frio, sou o vice-rei da India.

Lá dentro o coração parecia que se despedaçava, mas no rosto não transparecia nem um reflexo do que lhe ia no íntimo do peito.

— Senhor vice-rei! tornou D. Lourenço, a custo reprimindo os soluços, vossa senhoria foi mal informado. Não tomámos as naus, comnosco as trouxemos a Cochim, para ser aqui decidido o pleito. Não falta no seu carregamento nem um grão de pimenta, nem um pau de sandalo.

— Trouxestes as naus comvosco? disse D. Francisco.

— Sim, senhor vice-rei.

— Bem! quinze dias vos conservareis preso a bordo do vosso navio. Depois ireis em pessoa a el-rei de Cochim pedir-lhe humildemente perdão do que fizestes, e pôr-vos á sua disposição para que elle mais severamente vos castigue se julgar que o vosso delicto maior punição merece.

— Eu, senhor! tornou D. Lourenço. Pedir perdão a el-rei de Cochim!

— Onde vistes vós, D. Lourenço, que eu consentisse a alguem discutir uma ordem minha? Não deis o exemplo, ou por Deus que será terrivel o castigo! Meu filho sois, e como a filho muito amado vos quero; mas por isso mesmo mais severo serei comvosco. Primeiro que tudo o serviço d'el-rei.

Reinava um silencio tão profundo que se ouvia a respiração offegante do pobre D. Lourenço, que ouvia, de cabeça baixa, as palavras severas de seu pae.

— Os navios, tornou o vice-rei, serão immediatamente entregues a el-rei de Cochim. Valeu-vos o terdes procedido d'esse modo, porque senão talvez não tornasseis a commandar nem uma esquadra, nem um navio. E emquanto a vós, senhores capitães, que em conselho vos reunistes, e mal aconselhastes o vosso commandante, por agora vos perdôo para que se não supponha que pretendo desviar o castigo de cima da cabeça de meu filho; mas lembro-vos que tão responsaveis sois como elle pelos erros praticados. D. Lourenço é novo e inexperiente. Por isso lhe ordeno que nada faça sem vos

consultar. Quem mal o aconselha falta ao que a mim deve e ao que deve a el-rei.

— Senhor vice-rei, acudiu João da Nova rudemente, nada tenho com o que se passa, pois que não fazia parte da armada; mas lembro a vossa senhoria que tenho provisão d'el-rei para capitão-mór do mar.

— Vós, João da Nova! exclamou com espanto o vice-rei, e onde está a vossa provisão!

— Aqui! respondeu João da Nova, tirando do seio um pergaminho, e estendendo-lh'o.

— Esta provisão foi passada, disse o vice-rei friamente depois de a percorrer, quando estava ainda nomeado vice-rei da India Tristão da Cunha. Acima de meu filho, na India, só eu.

— Tem então nomeação de vice-principe? perguntou motejador João da Nova.

— Não, sr. João da Nova, respondeu o vice-rei com serenidade, mas el-rei deu-me plenos poderes para fazer as nomeações que me aprouvessem, e em terra como esta, onde as jerarchias tanto se respeitam, onde tamanhos são os privilegios do sangue, que isso deu origem ás castas tão severamente separadas, seria motivo de grande desprestigio o vêr-se que um filho do vice-rei, que elles como soberano consideram, estava debaixo das ordens d'alguem que não fosse seu pae. Se não fosse digno de exercer um commando enviál-o-hia para o reino, e se não cumprisse o seu dever mandar-lhe-hia cortar a cabeça no tombadilho da sua nau; mas o que não posso é fazer d'elle o vosso alferes, sr. João da Nova.

— De nada vale, pois, na India a assignatura d'el-rei?

— Vale muito e sempre e em toda a parte, mas antigas vontades são revogadas por vontades novas, e o que estava para ser com Tristão da Cunha, já não tem razão de ser comigo.

— Desobedecer á vontade d'el-rei! exclamou o secretario Gaspar Pereira, erguendo os olhos ao céo. Nenhum de nós está seguro.

— Sr. Gaspar Pereira, tornou com ironia D. Francisco, el-rei a estas horas já deve ter nas mãos os vossos queixumes contra mim. Pelas naus do reino virá, pois, provavelmente a minha demissão, e sereis vós talvez nomeado vice-rei. Esperae a monção, homem!

— Sacrificar assim um fidalgo dos meus serviços a uma creança que vae para a batalha com ama e um tutor! bradou João da Nova.

D. Lourenço soltou um rugido de colera. Um olhar de seu pae o conteve. Entre os fidalgos correu um murmurio de desapprovação.

— Enviae a el-rei as vossas queixas, sr. João da Nova.

— Levar-lh'as-hei eu mesmo, se vossa senhoria m'o permitte! redarguiu o fidalgo gallego, percebendo que não podia contar com o apoio dos outros capitães, cuja attitude reprovadora já notára.

— Podeis ir, que vos não prendo. E dizei a el-rei o que vistes: dizei-lhe que deixastes meu filho preso por não ter cumprido á risca as ordens que recebeu, que o deixastes em vesperas de se humilhar, elle christão e fidalgo, perante um gentio fraco e ignorante, só para que todos saibam na India que é sagrada a palavra d'el-rei, ou a que em seu nome empenhamos para que

no espirito d'estes pagãos nem a mais leve sombra paire ácerca do modo como cumprimos as nossas promessas. Prompto estou, pois, a sacrificar em serviço de sua alteza o sangue das minhas veias e o sangue do meu coração, mas quero manter illesa a minha dignidade, porque é a dignidade do soberano que represento. Sua alteza houve por bem nomear-me, não simples governador, mas vice-rei, quer dizer, homem em quem delega todos os seus poderes e toda a sua soberania. Só d'elle me vem a minha força, d'elle só a minha auctoridade. Quando lhe aprouver póde reduzir-me á condição do ultimo dos seus vassallos, e mandar-me que pelege como simples soldado a bordo das suas caravellas, mas, emquanto me conservar no uso da auctoridade que me confiou, ha de me consentir que eu a mantenha honrada e respeitada e integra. Que diria el-rei se alguem ousasse tomar o passo na côrte a seu filho, o infantil principe D. João? Que diria ainda se com o principe alguem pretendesse egualar-se? Não se pintam dois S. Christovãos n'uma só parede. Pois na India meu filho é o meu principe real. Saberia castigál-o como Carlos VII de França a seu filho rebelde, se rebelde se mostrasse. O sangue não lhe dá isenções perante a punição. Tem deveres mais estrictos do que vós todos, porque tem direitos mais altos.

— Quereis fundar então uma dynastia na India? perguntou zombeteiramente João da Nova.

— Não; mas a cinco mil leguas de Portugal quero governar tão fortemente e tão desassombradamente como el-rei que represento governa em Portugal. Pelos meus actos respondo perante sua alteza; elle que os julgue

na sua alta sabedoria, que me dispa da dignidade com que me revestiu, que me mande cortar a cabeça se entender que ultrapassei o meu mandato. Mas, emquanto a tiver nos hombros, não a curvarei diante de ninguem na India; mas, emquanto tiver nas mãos o bastão de commando, não consentirei que m'o transformem n'um sceptro irrisorio de cana. Fielmente guardo a todos vós as prerogativas que por el-rei vos foram concedidas, os commandos que vos foram dados, e de que trago no meu regimento os devidos apontamentos; mas ordens secretas não as reconheço, emquanto el-rei me não mandar expressamente o contrario. Não, que seria isso pôr-me sua alteza com uma das mãos na fronte a sua corôa e esbofetear-me com a outra. Sua alteza é bom, é sabio e é justo, não podia querer tal. Assim o tenhaes entendido. Ide!

Ninguem ousou responder. Curvaram-se todos e sairam.

Só ficaram D. Lourenço e Ruy de Mendanha. D. Lourenço mendigava um olhar de seu pae; mas este, sempre severo, disse-lhe:

— Que esperaes, D. Lourenço? Quereis que vos mande tirar a espada, e acompanhar a bordo do vosso navio, debaixo de prisão, por um dos meus capitães?

— Não, meu pae! respondeu D. Lourenço, sentindo que os soluços o suffocavam. Mas julgaes-me indigno de vos beijar a mão?

D. Francisco estendeu-lhe a mão em silencio.

D. Lourenço ajoelhou, e beijou-lh'a. Os soluços irromperam, e a mão do vice-rei ficou banhada de lagrimas.

Quem olhasse então para o rosto severo de D. Fran-

cisco de Almeida notaria que os musculos se lhe contrahiam, e que elle fazia esforços herculeos para manter a compostura e a austeridade que entendêra dever assumir. Apenas a mão tremeu um pouco debaixo da chuva ardente das lagrimas de seu filho.

D. Lourenço, em presença d'esta impassibilidade, fez um gesto de desespero e saiu.

Só então é que os musculos do vice-rei se distenderam, que os olhos se lhe illuminaram com a chamma de uma indizivel ternura e que os labios murmuraram:

— Pobre Lourenço:

Reprimiu-se logo ao vêr que estava ainda presente um fidalgo. Ruy de Mendanha adiantou-se para elle, e inclinando-se, murmurou:

— Perdão, sr. vice-rei.

— Perdão porquê, Ruy de Mendanha?

— Porque fui a causa involuntaria da nimia severidade com que tratastes vosso filho. A reprehensão que me déstes a bordo poz-vos, no vosso entender, na obrigação de punirdes como uma grave falta a culpa leve de vosso filho, culpa que elle resgatou de um modo tão heroico. Perdão, sr. vice-rei!

D. Francisco de Almeida, commovido, estendeu-lhe cordialmente a mão.

Sois uma nobre alma, Ruy de Mendanha, e sabeis comprehender o que se passa n'um coração de pae. Sim, preciso de ser com meu filho mil vez mais severo do que o seria com outro capitão. Mas sabeis lá como eu tive durante este conselho a alma dilacerada! Sabeis lá o que padeço, quando o mando, a elle tão heroico e tão temerario, affrontar os maiores perigos? Ah! Mendanha,

ó que não sabeis como eu lhe quero! Fui pae e mãe para elle; eduquei-o, embalei-lhe o berço quando elle era menino e com estes braços desgeitosos, que só sabiam manejar a espada, passeei-o para lhe acalmar o chôro. E sabeis vós quem eu vejo diante de mim, quando elle levanta a alabarda para se arrojar ao mais denso das fileiras mouriscas? Vejo a creança loira que se sorria para mim com os olhos carregados de somno, quando eu lhe contava, para adormecer, como uma velha ama, historias de cavallarias. Ah! Mendanha, como é doloroso ser ao mesmo tempo pae e vice-rei!

IX

Os portuguezes na India

Nos capitulos anteriores procurámos pôr em scena, cingindo-nos escrupulosamente ás pittorescas narrativas de Gaspar Corrêa, alguns dos episodios mais curiosos d'esse primeiro periodo do nosso dominio na India, mostrar aos leitores o que eram esses portuguezes, que desabavam sobre o mundo oriental como uns verdadeiros heroes da Renascença, *condottiere* soffregos, d'uma intrepidez sobre-humana, promptos sempre para a indisciplina, ávidos de presa, e mantidos, porém, severamente no seu logar pela mão energica e poderosa do primeiro vice-rei.

Procurámos desenhar, com o possivel cuidado, essa grandiosa figura do vice-rei, intelligentissimo, illustrado, optimo politico, servindo desinteressadamente a sua patria e o seu rei, e tendo como instrumentos para as suas conquistas e para as suas victorias esses bandos de aventureiros, todos mais ou menos fidalgos, é certo, mas que iam á India mais com o intuito de dourar os seus brazões do que de illustrál-os. Os que só queriam e só ambicionavam gloria tinham as praças africanas,

onde se não ganhavam senão cutiladas; os que iam á India, esses iam procurar pimenta e canella, como o Estado, que lhes dava o exemplo e que se fizera mercador.

D. Francisco de Almeida tinha todas as qualidades proprias para governar a India n'esse critico momento, em que se tratava de fundar em bases solidas o imperio luso-oriental. Era d'uma energia quasi selvagem. Nem lhe passava sequer pela mente a idéa de que pudessem desobedecer-lhe. Era fidalgo de primeira nobreza, e ninguem portanto perante elle podia invocar primazias de sangue e de nascimento. Era perito na guerra e nas negociações, de que tinha larga experiencia. Como diplomata conhecêra Luiz XI de França, como general Gonçalo Fernandes de Cordova, de Hespanha. A escolha de D. Manuel fôra feliz, e só pôde ser excedida pela escolha do successor. Depois esgotou-se a mina. Tambem D. Manuel era um prodigo. Atirava pela janella fóra diamantes como Fernão de Magalhães, e em vinte annos de reinado gastou homens como Almeida, Albuquerque, Pacheco, Alvares Cabral, e Vasco da Gama. Todas as economias de D. João II!

Emfim, outro fosse elle que deixasse os diamantes, e fosse procurar o *strass*, que largasse o oiro e lançasse o cobre na circulação.

Ora D. Francisco de Almeida tinha um plano, como Affonso de Albuquerque tinha tambem o seu. A prova de que não ia nas suas instrucções, é que era diverso o de cada um d'elles. D. Francisco de Almeida não queria conquistar a India: queria conquistar o commercio da India. As fortalezas teriam por unico intuito prote-

ger as feitorias, e as armadas favorecer o negocio. Por isso, tambem não queria senão alliados nas terras, e por isso se exasperava quando via os seus officiaes andarem ás prezas e não pensarem n'outra coisa. Era no seu entender matar a gallinha dos ovos de oiro. Derivar o commercio das mãos dos arabes para as mãos dos portuguezes devia ser o nosso intuito. Que lucravamos nós, se á força de tomarmos naus mercantes conseguiamos assustar por tal fórma os negociantes que o commercio buscasse, por exemplo, os caminhos de terra, apesar de serem longos e incommodos, mais preferiveis em todo o caso aos riscos formidaveis das viagens maritimas?

Affonso de Albuquerque pensava de outra fórma. Esse queria fundar um imperio luso-indiano, queria tomar posse da terra, colonisál-a, fazêl-a uma succursal de Portugal como prolongamento da mãe patria. Não era uma utopia, e os factos demonstraram perfeitamente que o não era. Se outros governadores seguissem o exemplo de Affonso de Albuquerque, teriam feito de Chaul, de Baçaim, de Ceylão, de Cananor e de Cochim o que Affonso de Albuquerque conseguiu fazer de Goa. E depois? Que viessem hollandezes e inglezes. Se elles não conseguiram arrancar a tradição portugueza das terras que nos tomaram, tambem nos não teriam arrancado a bandeira se o sonho de Affonso de Albuquerque houvesse chegado a realisar-se.

Mas se os planos de Almeida e de Albuquerque differiam um do outro, n'um ponto estavam os dois perfeitamente de accordo: na necessidade de manter uma disciplina severa, de separar o commerciante do soldado, de conservar as mãos que empunhavam o ferro puras,

tanto quanto possivel, do oiro das mercancias. Comprehendiam perfeitamente que não era possivel zelar ao mesmo tempo os proprios interesses e os interesses do Estado. D'ahi provinha o empenho, que ambos mostravam, em punir as manifestações de cubiça. E tinham razão, porque uma grande parte dos desastres succedidos aos portuguezes, ou das difficuldades em que se viam mettidos, provinham da soffreguidão com que tratavam principalmente de ir ás prezas ao mar Vermelho, não respeitando os navios dos nossos alliados pela pressa que tinham todos de enriquecer.

Foi esse o erro capital da organisação das nossas conquistas orientaes. O Estado fez-se commerciante, e consentiu que o fossem tambem os seus servidores. Confundia-se a missão do Estado com a missão dos seus cidadãos. Não fomos nós só que fizemos isso. A Hollanda e a Inglaterra, se escaparam directamente ao principio ás consequencias d'esse erro, foi porque organisaram companhias, e o governo hollandez ainda hoje explora d'um modo selvagem e revoltante, como proprietario de plantações, e não como representante do Estado, a sua colonia de Java.

Tanto o pensava assim tambem o grande vice-rei, que ás naus de mercadores, que iam juntamente com as régias naus, as tratava melhor do que a estas ultimas, entendendo, dizia, que n'isso prestava ao Estado grande serviço.

E assim era, e assim tambem o entendeu Affonso de Albuquerque.

No reino, porém, não se pensava assim, e já então os mesmos defeitos, que se notam hoje na nossa admi-

nistração ultramarina, se manifestavam de um modo altamente prejudicial para o bem do Estado.

Já, como hoje, tambem se entendia que o ultramar devia ser mina que se explorasse, obrigando-se a render o mais que pudesse, e tudo era queixar-se el-rei de D. Francisco de Almeida, porque não saqueára Mombaça completamente, porque perdoára o tributo ao scheick de Quiloa ou Kilwa, como hoje se escreve á ingleza, porque lhe não mandava tantas perolas e diamantes como no reino se desejava.

Quando tantas riquezas affluiam a Portugal vindas da India, parece incrivel que estivessem dois annos atrazados os soldos dos officiaes que ali pelejavam denodadamente, e que o proprio vice-rei se visse obrigado a não tirar o seu ordenado, para que se não queixassem de desegualdade os seus subordinados. Pois ainda el-rei exigia que se não tocasse no dinheiro da carga, e que se não sacrificasse ao pagamento dos que o serviam bem o dinheiro necessario para se comprar a pimenta e as outras especiarias.

Que queria então o rei que fizessem os seus officiaes? Que se pagassem pelas suas mãos dos seus ordenados, nas fazendas dos arabes e dos indios. A D. Francisco dizia que tomasse para si as joias que lhe aprouvessem, e espantava-se de que elle houvesse castigado em Quiloa os officiaes que tinham sido tomados com os furtos nas mãos.

Contra isto se revoltava D. Francisco de Almeida, com a altissima comprehensão que tinha da politica que deviamos seguir na India.

Era, porém, um erro portuguez, um defeito do nosso

governo? Não; D. Manuel fazia o que faziam todos os outros soberanos. Os exercitos então viviam á custa dos paizes onde combatiam. Por isso, uma guerra era sempre uma devastação, por isso a Italia ficou arruinada com as invasões francezas e com as invasões hespanholas.

Ainda isso acontecia no seculo XVII; e nos volumes da *Historia dos principes de Condé,* pelo duque d'Aumale, encontramos a prova do que dizemos aqui.

Explica o duque d'Aumale a facilidade com que muitas praças se rendiam ao grande Condé pela innovação que este introduzira nos habitos militares do seu tempo, não consentindo no saque, não permittindo que as tropas puzessem a resgate os burguezes e os lavradores. Succedia isto ainda no meiado do seculo XVII.

No seculo XVI o uso era commum, e o systema que D. Francisco de Almeida pretendia seguir era bem mais surprehendente na India, em 1505, do que o procedimento do grande Condé na Allemanha em 1643.

A lucta de D. Francisco de Almeida com as ordens que lhe vinham da côrte é extremamente gloriosa para a memoria do vice-rei. Empregava todas as razões que lhe acudiam ao espirito para aconselhar que se não mandassem navios ao Estreito, e era comtudo essa a grande ambição dos officiaes portuguezes, e uma das constantes recommendações do governo de Lisboa. Ali se faziam as prezas rendosas; o rei obtinha assim pimenta de graça, e os officiaes resgatavam-se amplamente dos atrazos dos pagamentos. Tão ardentemente desejavam ir ás prezas, que se recusavam a entrar nos portos para impedir que os arabes comprassem pimenta, di-

zendo que melhor seria que se esperassem as naus á saída, porque já viriam carregadas. Verdadeiro raciocinio de piratas, como se vê!

Vinham á India com tenção feita de enriquecer e de commerciar, e não lh'o estranhava o governo, e muito se espantaram os ministros de D. Manuel de que o extranhasse D. Francisco.

O caso das Biblias é um exemplo curioso d'esse desaccordo.

O filho d'um corregedor, nomeado para um cargo na India, sabendo que havia no Oriente um grande numero de Judeus, muito faltos de livros santos, lembrou-se que seria um bom negocio levar-lh'os e vender-lh'os. Tomou, pois, uns poucos de caixotes abarrotados de Biblias, que provavelmente comprára ao desbarato em Lisboa aos judeus de cá, anciosos, depois de transformados violentamente em christãos novos, por se desembaraçarem de livros que em tanto risco punham a sua segurança, metteu-os n'um navio e seguiu com elles para a India, onde tratou de os vender por bom preço. Era um negocio de mão cheia.

Pareceu, porém, escandaloso a D. Francisco de Almeida que o atalhou, confiscando as Biblias. Na verdade era perfeitamente desmoralisador para a gente religiosa da India vêr homens tão zelosos, segundo diziam, pela propaganda da sua fé catholica fazer ao mesmo tempo propaganda mosaica, e para os portuguezes saberem que o pae d'este esperto mercador queimára em Lisboa os que ali faziam o que o filho fazia na India.

Gritou o rapaz, como era natural, e D. Francisco

disse-lhe que se queixasse a el-rei. Queixou-se, e que fez el-rei? Deu-lhe razão.

Como se vê, pensavam d'um modo diametralmente opposto o vice-rei da India e o governo de Lisboa. Entendia o vice-rei que os funccionarios e os officiaes não deviam ser mercadores, e que melhor era que viessem comprar á India pimenta os negociantes de profissão do que os representantes d'el-rei, e em Lisboa tão licito se considerava mercadejar na India que até permittiam o commercio das Biblias, que era em Portugal completamente defezo.

Pedia D. Francisco que lhe não mandassem degredados (já no seu tempo!), e Lisboa insistia em lh'os mandar com grave prejuizo da disciplina e da politica portugueza. Detestaveis elementos eram esses, e sempre o foram e hão de ser, Causa tristeza vêr quão pouco aproveitaram os nossos governos as lições da historia. Em 1505 queixava-se D. Francisco de Almeida de lhe mandarem criminosos para guarnecerem as suas fortalezas, e mostrava os graves inconvenientes que resultavam de se compôr assim o exercito que tinha de subjugar tão dilatadas regiões. Trezentos e oitenta annos depois, repete-se exactamente o mesmo erro posto que um pouco attenuado, e ainda assim só attenuado n'estes ultimos tres ao quatro annos!

Eis o que era D. Francisco de Almeida e eis quaes eram os elementos tambem de que dispunha. Uma culpa grave comtudo se lhe póde attribuir, culpa resultante ainda assim do sentimento mais nobre, mais santo, mais affectuoso que póde viver no coração de um homem — o amor de pae!

Sim! era uma culpa grave confiar a D. Lourenço de Almeida, uma verdadeira creança ousada, robusta, mas inexperiente e temeraria, os mais importantes commandos. Depois, como vimos, culpava os capitães quando o não aconselhavam para bem! Mas isso era a inversão de todos os principios, porque só póde ter a responsabilidade quem tem a auctoridade.

Seria gravissimo o erro e das mais sérias consequencias se D. Lourenço de Almeida não fosse como era um dos mais sympathicos moços que appareceram na India. Quarenta annos depois appareceu ali tambem outro rapaz verdadeiramente estimavel, D. Fernando de Castro, o filho do vice rei D. João de Castro, mas esse deve a auréola que o rodeia quasi exclusivamente á sua morte heroica. D. Lourenço de Almeida, em todos os actos da sua vida, se mostra captivador pela sua bondade, pelo seu desprendimento, pela sua modestia.

Depois a sua gentileza pessoal não contribuia pouco para lhe acarear sympathias. Vimos como a pobre filha do scheick de Mombaça sacrificára o plano de vingança dos seus irmãos de crenças ao prestigio da formosura de D. Lourenço; por toda a parte na India o cérca uma admiração mysteriosa, que é o enlevo do pae, e que não envaidece comtudo o gentil moço, que é alvo d'esse sentimento.

E agora que nos approximamos da tragedia, fallemos um pouco mais detidamente do heroico moço, que seu pae tanto e tanto presava, que bem fizemos, parece-nos, chamando-lhe a *joia do vice-rei.*

X

D. Lourenço

Temol-o visto em acção, cavalleiro valente, filho respeitoso, vejámos agora como se formou verdadeiramente em torno d'elle uma lenda, quasi como a dos heroes gregos. Lendo as paginas de Gaspar Corrêa parece que percebemos a formação das lendas homericas, e como foi que, na bocca dos aédos, Achilles, o grego valentissimo, passou a ser o legendario filho de Thetis.

Uma das scenas mais caracteristicas, e em que o vulto de D. Lourenço de Almeida nos apparece com todo o prestigio da sympathia que soube sempre inspirar, é a da fundação da fortaleza de Cochim.

Queria D. Francisco de Almeida, por ordem suprema que recebêra do reino e não por vontade propria, levantar em Cochim uma fortaleza, mas não o queria fazer sem expressa auctorisação do rajah de Cochim, com quem desejava manter cordeaes relações de amizade. Era essa auctorisação, porém, difficil de obter, porque uma cobertura de telha era em Cochim privilegio exclusivo dos templos, e o proprio rajah não tinha os seus

paços assim cobertos. D. Francisco de Almeida recorreu a um expediente, que tem um quê de pueril e de ingenuo, e que parece de repente fazer brotar, no meio da epopéa tempestuosa dos nossos combates indianos, um *aberquinade,* um idyllio infantil do cavalheiro de Florian.

Mandou elle muito em segredo deitar fogo ás casas cobertas de colmo em que os portuguezes se abrigavam. Acudia o rajah solicito a saber se houvera desgraças pessoaes, e a offerecer todos os seus serviços.

D. Francisco respondia melancholicamente que os mouros da India tanto haviam de fazer que ainda o haviam de queimar com toda a sua gente, porque eram elles decerto os culpados d'estes incendios. Protestava contra isso o rajah de Cochim, e tratava de proceder a inqueritos minuciosos que nunca davam resultado, como facilmente póde imaginar-se. Mas as queixas de D. Francisco redobravam, e os incendios tambem.

O pobre rajah de Cochim andava n'uma roda viva. Alta noite levantava-se ouvindo reboliço, chegava a uma janella, e via um vasto clarão a illuminar o horisonte. Era o bairro portuguez que ardia. O rajah vestia-se á pressa, mandava pôr o palanquim, e elle ahi ia resignado ouvir as queixas de D. Francisco de Almeida. A aria variava, mas a letra era sempre a mesma. Como habil artista, D. Francisco ora tomava o tom plangente, ora o tom iracundo; mas sempre estas diversas musicas traduziam a mesma idéa; a necessidade de construir uma fortaleza de pedra e cal, e coberta de telha, em que pudesse estar seguro contra as machinações dos mouros.

O rajah desviava a conversa, e começava a dizer,

rindo, que D. Lourenço era tão robusto e valente que elle proprio mataria o fogo com a sua poderosa alabarda. D. Lourenço era o seu favorito; com elle ria e folgava, e quando o gentil portuguez apparecia, armado de ponto em branco, tremulando as plumas no seu capacete, com a sua alabarda em punho e a sua espada ao lado, o rajah fingia-se temeroso, e bradava para D. Francisco:

— Defendei-me, senhor, contra este heroe, que me vem matar e a todos os meus.

Quem tinha, porém, por D. Lourenço uma predilecção especialissima era o herdeiro do throno de Cochim, e sobrinho do rajah reinante. Esse, debil oriental, enervado por aquella vida indolente dos rajahs, por aquelle clima ardentissimo, admirava com uma ingenuidade encantadora a robustez das fórmas de D. Lourenço que se ligava com uma elegancia surprehendente, e com uma gentileza que tanto mais deslumbrava os orientaes quanto mais a desconheciam. Os formosos cabellos louros do filho do vice-rei formavam-lhe em torno da fronte como que uma verdadeira auréola.

Devia ser um espectaculo gracioso vêr, debaixo da ramada que havia á porta da tranqueira, os dois moços sentados, o sobrinho do rajah de Cochim com a cabeça recostada no hombro do seu amigo, com o braço a enlaçar-lhe a cintura, como que a pedir-lhe protecção e amparo, e D. Lourenço, um pouco desdenhoso talvez no fundo da sua consciencia, mas affavel e acariciador, contando maravilhas da Europa ao principe attento, e aproveitando o ensejo para lhe fallar tambem nas bellezas da religião christã. Contava-lhe em troca o sobrinho

do rajah as lendas prodigiosas do *Ramáyana* e do *Mahábáratta*, e alguns dos contos do *Pantcha-Tantra*, onde com surpreza encontrava D. Lourenço as mesmas historias com que a sua ama o embalára no berço.

Um dia dizia-lhe D. Lourenço que, se o rajah de Cochim consentisse em que os portuguezes se estabelecessem definitivamente na sua terra, lhe estariam reservadas glorias e grandezas não inferiores ás de Gengis-Khan ou de Tamerlan.

O principe indiano desatou a rir.

— De que te ris? perguntou D. Lourenço. Pois não bastaram as façanhas de Duarte Pacheco para te mostrarem de quanto são capazes os portuguezes?

— Ouve! redarguiu o principe indiano. Era uma vez um brahamane, mas tão pobre, tão pobre, que obter uma vez uma jarra cheia de farinha foi para elle o mesmo que para ti seria vêr os rajahs de Narsinga e de Galeonda trazerem-te ahi todos os diamantes e todas as perolas do seu reino. Com a jarra ao hombro voltava sonhando mil grandezas. Venderia a farinha, e com o dinheiro que em troca obtivesse taes coisas iria fazendo que não tardaria a alcançar extraordinaria opulencia, e, quando mais brilhante lhe apparecia o futuro, cae a jarra, entorna-se a farinha, mistura-se com a terra, e ahi ficaram perdidos de vez todos os devaneios do pobre brahamane.

— É boa! exclamou D. Lourenço batendo as palmas. Essa historia conheço-a eu. É a historia dos ovos de Mofina Mendes.

E contou a seu turno ao seu amigo indiano o caso tão bem narrado por Gil Vicente no seu auto. E os dois

amigos ficaram um instante pasmados, sem poderem perceber estas relações mysteriosas que faziam com que a imaginação popular phantasiasse os mesmos contos a tantas mil leguas de distancia, e em tão diversas raças.

— Mas quer isso dizer, tornou D. Lourenço mostrando-se offendido e afastando-se do principe, que nunca a fortaleza se construirá!

— Lourenço! tornou o principe, supplicante. Se é impossivel!

— Pois impossivel tambem é ficarmos mais tempo n'esta terra, onde estamos expostos a ser victimas dos tramas dos nossos inimigos, sem que os que se dizem nossos amigos nos permittam ao menos o defendermo-nos.

— Lourenço! Pois duvidaes da amizade de meu tio!

— Tanto não duvidamos que não queremos construir a fortaleza sem sua expressa auctorisação. Mas iremos para Cananor...

— Lourenço, pois suppões que em Cananor vos concederão o que em Cochim vos recusam! Imaginas que essa recusa é um capricho de meu tio, e não sabes que ella se funda nas nossas tradições mais sagradas, nos nossos ritos mais solemnes!

— Não; mas em Cananor não temos que guardar ao rajah os mesmos respeitos que a teu tio devemos. Ahi a construiremos á força, o que em Cochim não queremos fazer. Mas ao menos sairei d'esta terra, onde um principe, que se diz meu amigo devotado, não tem animo de affrontar os preconceitos do seu povo para me salvar a mim de um perigo certo, de morte quasi inevitavel.

E deu dois passos para se retirar.

O principe correu a elle afflicto e perturbado.

— És injusto, Lourenço! disse quasi a meia voz. Mas, já que tanto empenho tens em que se constrúa a fortaleza, juro-te que antes perderei o throno, a casta ou a propria vida, do que deixarei que tu partas, levando contra mim no coração um resentimento. Dentro de oito dias, meu tio dará licença para se construir a fortaleza.

E assim foi: o que não tinham conseguido as manhas e as coleras de D. Francisco de Almeida, conseguiu-o um principio de amúo de seu filho. Effectivamente, oito dias depois começava-se com toda a actividade a construcção da fortaleza.

E' nos livros de Gaspar Corrêa que melhor se vê a impressão que deixára nos portuguezes da India este vulto heroico e gentil de D. Lourenço de Almeida. Gaspar Corrêa, principalmente quando conta aquillo a que não assistiu, não faz senão pôr no papel as narrativas que ouvia aos antigos soldados, e assim nas suas *lendas* as tradições cavalheirescas da India apparecem com um brilho e uma vivacidade que debalde procuraremos no grave João de Barros.

E' assim que, ao lermos a descripção do combate de Panane, nos parece estarmos assistindo á elaboração de uma canção de gesta, ou ouvindo alguma rhapsodia dos aédos gregos, d'essas rhapsodias que depois formaram a *Iliada*.

Assim vêmos D. Lourenço a passeiar furioso por diante da tranqueira que os seus soldados tomaram, e sem querer entrar lá dentro porque tres dos seus fidalgos lhe passaram adiante, e vêmos D. Francisco de Al-

meida a sorrir d'este heroico amúo, e a perguntar-lhe porqüe é que anda assim preguiçoso.

Depois a scena transforma-se e assistimos a uma d'essas cerimonias da velha cavallaria medieval, que tiram um novo encanto dos pensonagens que n'ella figuram e do scenario que as rodeia. Tristão da Cunha, que, depois de se ter restabelecido da sua grave enfermidade, passou á India não já como vice-rei, mas como capitão-mór de uma armada, acompanha D. Francisco de Almeida a este feito de Panane. Vem com elle seu filho, o futuro governador da India, Nuno da Cunha, que, apesar de não ter ainda treze annos, não é já novato no officio das armas. O velho Tristão pede ao moço heroe que arme cavalleiro seu filho, para que, iniciado no mister das armas por tão bom padrinho, possa rivalisar com elle em bravura e em heroismo. D. Lourenço está ainda resentido, mas a sua cortezia a tudo é superior, e presta-se amavelmente ao que d'elle solicitam, dizendo galantemente que n'esse dia a sua espada nenhuma honra ganhará, mas que vae honrar-se agora tocando no hombro do juvenil e gracioso cavalleiro, que saberá glorificar para o futuro tanto o nome do seu pae, como o do seu padrinho em cavallaria. E arma cavalleiro o pequenino Nuno da Cunha, e abraça-o ali na terra indostanica, sob o ceu de um azul intenso que um sol de fogo abraza, e á sombra das palmeiras folhudas!

Os indios, porém, não são de todo estranhos a essas práticas cavalheirescas, e quatorze naires indianos, todos irmãos e parentes, mandam desafiar D. Lourenço, e dizem-lhe que esperam que com elles combata a um e um, que os conhecerá na peleja por vestirem todos rou-

pas amarellas. D. Lourenço, com uma d'aquellas bravatas que tão bem assentam n'aquelles que estão promptos a justificál-as, responde que pelejar com elles a um e um levará muito tempo, e que espera portanto combatêl-os a todos juntos, e, segundo o antigo costume da cavallaria, manda gratificar largamente o mensageiro portador do desafio.

Prepara-se então para o combate, comendo marmellada e bebendo agua, exactamente como aquelle principe de contos de fadas, que todas as noites tinha á cabeceira um copo de agua e um copo de compota de ginja. Por signal que a princeza encantada todas as noites lhe comia o doce e lhe bebia a agua. Mais feliz do que elle, D. Lourenço pôde socegada e sobriamente comer a sua marmellada e beber a sua agua fresca, marchando assim para a batalha com o espirito sereno, sem precisar de coisa que o sobre-excitasse, e lhe abrazasse o sangue.

Elle lá vae mouros a dentro, desfazendo tudo quanto encontra diante de si, e não fazendo mais trabalho, segundo conta o chronista, porque os mouros evitavam chegar-se a elle. E tal é a sua bravura, e tal é o terror que inspira que os quatorze naires esquecem-se do theor do seu desafio, e juntos o procuram, pelo menos seis que estão armados de espadas e adargas, emquanto os outros oito combatem de longe com arcos e settas. E D. Lourenço logo põe dois fóra do combate. « Os quaes naires, diz Gaspar Corrêa, vendo os outros, entrou n'elles grande medo, mas nem por isso tornaram atraz *forcejando pelo ferir nos calcanhares,* porque outra coisa nem tinha descoberta. »

Não se está vendo n'estas palavras como que uma vaga reminiscencia da lenda hellenica de Achilles, e não se vê que aquelles soldados da Renascença, muitos d'elles eruditos, e apaixonados pela antiguidade, começavam inconscientemente, ao tempo de Gaspar Corrêa, a vasar nos moldes homericos a lenda épica de D. Lourenço de Almeida?

XI

A armada dos rumes

Tal era D. Lourenço, e bem se póde imaginar como o ardente affecto, que seu pae lhe consagrava, redobrava ainda com o orgulho da sua gentileza, da sua força, do seu prestigio, do amor que a todos inspirava. Era um joven semi-deus o joven fidalgo, e, se algum defeito podia ter, era o que lhe resultava exactamente de ser tão querido de todos, e por todos tão amimado.

Os portuguezes já principiavam, como vimos, a consideral-o invulneravel em todo o corpo, menos no calcanhar, exactamente como Achilles. Suppunham talvez tambem que sua mãe o mergulhára, não na lagôa Estygia, mas na caldeira de Pero Botelho, que é a lagôa Estygia do christianismo; e do banho saíra robustecido e inviolavel para as lanças e zargunchos dos contrarios. Parecia que D. Francisco principiava tambem a partilhar essa crença, porque, sendo tão amigo de Lourenço, não o poupava nunca, e mandava-o sempre ás mais difficeis e ás mais perigosas expedições.

Vamos encontrál-o agora em Chaul, tendo fundeado

no rio com a esquadra que commanda. Chaul está comnosco em paz, e tão descuidados andamos que os bergantins e navetas varadas em terra para lá deitaram pranchas, e os marinheiros giram n'um contínuo virote da terra para bordo e de bordo dos navios para terra, onde vão presencear os cantos e as danças lascivas das bailadeiras, que é de todas as seducções da India a que mais os enleva e arrebata. Os arabes passam por nós tranquillos e pachorrentos, como se não fossemos nós que lhes houvessemos tirado a riqueza e o commercio. Os indios contemplam descuidados os marinheiros, e vendem-lhes o que podem pelo preço mais caro que logram alcançar.

A bordo da sua naveta está D. Lourenço preoccupado. Conversa com alguns dos capitães, e uma nuvem de inquietação lhe tolda a fronte gentil.

— Por mais que me digaes, Pero Cão! observava elle, não posso acreditar que o brahamane me mentisse. Que interesse tinha em fazêl-o?

— Quem? tornou Pero Cão, o brahamane que nos trouxe dois cachos de uvas, e que, por esse presente mesquinho, apanhou umas roupas de seda que as não tem melhores o sultão de Cambaya? Dizei-me antes que interesse tinha elle em vos fazer essas revelações? Peitaram-n'o provavelmente os mercadores da terra, que se querem escapar com boa carga de pimenta, e que estão mortos por nos vêr sair, para ficarem á vontade. Mas como quereis que os rumes houvessem chegado sem que ninguem na India o soubesse? Pois não nos traria novas alguma nau do estreito, e Affonso de Albuquerque, que, largando de Ormuz, vem caminho

da India, não os encontraria no mar alto? E sobretudo julgáes que estariam tanto d'assocego esses perros de Chaul, se pudessem contar com as costas quentes?

— Tudo isso é exacto, Pero Cão, mas melhor anda o capitão que diz: «Bem fiz eu» do que o que diz: «Não cuidei.» Emfim, a minha responsabilidade está salva, porque em conselho de capitães se decidiu que não saissemos; mas, se os rumes viessem, melhor conversariamos com elles no mar alto, que é para nós portuguezes bom campo de peleja, e, se não viessem, não nos faria mal dar um passeio por estes mares da India.

Isso é! exclamou outro capitão, que tinha, como muitos dos seus contemporaneos, o nome cavalheiresco de Lisuarte Pacheco. E vêde que estes rumes não são d'estes arabes do Malabar e d'estes naires indigenas, tão pouco adestrados na arte dos combates, são esses terríveis turcos que tomaram o imperio grego, que estão dando que fazer a sua magestade o imperador nas fronteiras orientaes da sua Allemanha. Emfim, confiemos em Nossa Senhora, que sempre nos protege.

— Sim! murmurou um cavalleiro, chamado Belchior de Paiva, que se misturára com o grupo dos capitães, fia-te na Virgem e não corras, verás o tombo que levas.

N'este momento, como para confirmar os receios do cavalleiro, um batel, que se destacára do navio que mais proximo estava da barra, atracou á naveta de D. Lourenço, e o capitão, Gonçalo Pereira, saltou para o tombadilho.

— Senhor, disse elle, trocados os primeiros cumpri-

mentos, vêm ao longe entrando a barra alguns navios, e d'isso devo prevenir-vos.

— O quê! os rumes! exclamou D. Lourenço, espantado.

— Não o supponho, senhor. Como poderiam os rumes estar de nós tão perto, sem que em Chaul, pelo menos, o caso se soubesse? É mais natural que sejam navios portuguezes, talvez os de Affonso de Albuquerque. E o que se reputa mais provavel. Em todo o caso o meu dever era avisar-vos.

— Hum! murmurou Belchior de Paiva, arrenego d'estes Affonsos de Albuquerque, que entram assim pela barra dentro sem mandar um recado qualquer ao filho do vice-rei.

— Póde não saber que o sr. D. Lourenço ainda aqui está, acudiu seccamente Gonçalo Pereira.

— Sim? E então que vem elle cá fazer! tornou Belchior de Paiva, zombeteiro.

— Virá vender as prezas que traz de Ormuz, replicou Gonçalo Pereira, já com vontade de tratar desabridamente o impertinente chasqueador, mas contido pela presença de D. Lourenço e pela attenção que elle mostrava dar ás observações de Belchior.

— Pois a-la-fé, tornou este, que não julgava Affonso de Albuquerque tão damnado mercador que nem quizesse demorar-se um pouco em ir a Cochim, onde teria largo mercado.

D. Lourenço meneava a cabeça com um gesto de approvação, lançando ao mesmo tempo para o horisonte um olhar préoccupado, quando de subito soltou um grito.

— Por Deus! exclamou; portuguezas ou turcas, as naus ahi as temos.

Effectivamente pela estreita barra de Chaul entravam as naus n'esse momento. Quanto se podia apreciar a essa distancia, eram de construcção europêa. Vinham a uma e uma, sendo natural que fosse a capitania a que vinha na frente.

— Que vos parece, Lisuarte? perguntou D. Lourenço para o capitão de que já fallámos, e que era entendido em coisas do mar.

— Senhor, na verdade, aquellas naus indianas com certeza não são. Construiram-n'as de certo artifices da Europa. Agora se foram feitas na nossa ribeira, dentro do nosso Tejo, ou se as fabricaram n'algum porto do Mediterraneo os venezianos ou os turcos, isso é que eu não posso affirmar.

N'esse momento chegavam bateis das differentes naus.

— Lisuarte, disse D. Lourenço, por mercê vos peço, saltae para um d'esses botes, e ide apanhar alguma d'essas almadias de pescadores que vêm entrando o rio, e que nos poderão dar novas mais seguras.

Lisuarte fez um gesto de assentimento, e, saltando ligeiramente para um dos bateis, deu ordem aos remadores que vogassem rapido.

— Nau de tres gaveas! dizia entretanto Pero Cão, mirando de longe a que vinha na frente, trazendo tambem gavea na mesena, de duas gaveas a outra que vem atraz! A primeira é com certeza a capitania, e capitania portugueza, iria jurál-o. Qual d'estes perros da Moirama se atrevia a navegar assim com tanto panno?

Nada! aquillo é piloto a quem nasceram os dentes entre o Bojador e o cabo da Boa Esperança, e que se desmamou com as Formigas no mar dos Açores. É Affonso de Albuquerque, senhor, podeis ter a certeza.

— Má peste para esses Affonsos de Albuquerque, que não trazem cruzes nas velas!

— Ó sr. Belchior de Paiva! acudiu Pero Cão, zombeteando, se fosseis capaz de vêr d'aqui as cruzes das velas, capaz serieis tambem, estando na casa da India, de verdes os mosquitos a voarem por cima do castello d'Almada.

Desataram todos a rir, mas Belchior de Paiva, já então muito serio, chamou o seu moço, e disse-lhe:

— Trazei-me o meu saio de malha.

— Muito bem, sr. Belchior de Paiva, disse Gonçalo Pereira, rindo escarnecedoramente, ides esperar Affonso de Albuquerque assim armado em guerra?

— Pois, sim! tornou Belchior de Paiva, depois de pedir venia a D. Lourenço para vestir o seu saio de malha. Affonso de Albuquerque poderá muito á sua vontade apupar-me, e chasquear-me pelo medo que eu tive; mas antes me apuparem os amigos por prudente, do que me apanharem os inimigos desprevenido.

E, como todos se riam, até o proprio D. Lourenço, da serenidade com que elle ia vestindo a armadura, Belchior de Paiva continuou:

— Folgae! folgae! e queira Deus que o prazer vos dure até á noite.

N'esse momento chegava Lisuarte, que subiu com o rosto visivelmente preoccupado.

— Que novas trazeis, Lisuarte? perguntou D. Lourenço. Vindes assim a modo merencorio.

— Não trago novas certas, senhor, e isso me desconsola. Chamei as almadias dos pescadores, mas nada pude d'elles colher. Dizem que se não chegaram ás naus e que não sabem quem vem n'ellas. Instados, allegam só que não são naus da terra e que se parecem com as nossas. Comtudo, como entretanto, a distancia ia encurtando levemente, porque ainda que trazem as naus vento em pôpa é tão frouxo que pouco as ajuda, pareceu-me ouvir tangeres a bordo d'esses navios. Tangeres em naus portuguezas, commandadas por Affonso de Albuquerque! Ou o fidalgo da quinta do Paraizo está muito mudado do que era, ou não é natural que elle similhante coisa consinta. Entendi, pois, que devia participar-vos tudo, mas ordenei a todos os bateis da nossa armada que encontrei que fossem reconhecer a esquadra. Elles nos trarão novas mais certas.

Não tiveram que esperar muito. Acabava Lisuarte Pacheco de proferir estas palavras quando viram todos ao longe varios bateis portuguezes a fazerem força de remos para o lado da naveta de D. Lourenço, e tanto se apressavam, ao que parecia, que entre dois escaleres pôde D. Lourenço vêr perfeitamente que se enleiavam os remos, como póde succeder n'uma regata, quando procuram á viva fôrça passar adiante uns dos outros.

— Parece que vêm turbados! disse D. Lourenço.

— E de dentro dos escaleres, tornou Pero Cão, fazem-nos signaes que mal podemos perceber. Não é com a camisa que aquelles do batel que vem mais longe, estão capeando para nós?

Não teve resposta Pero Cão. Um marinheiro, que trepára á gavea, bradou de subito lá de cima:

— Os rumes!

— Os rumes, rapaz! bradou D. Lourenço, tens a certeza d'isso?

— Sim, sr. D. Lourenço, tornou o marinheiro, o sol bateu agora mesmo na capitania, e pude vêr, n'um relampago, as côres do estandarte de Mafoma.

— E é numerosa a esquadra?

— Muito, senhor! Agora vem entrando as galés.

— E as naus?

— Já estão no rio.

— Bem! disse D. Lourenço, alegre por vêr que acabavam assim todas as duvidas e hesitações.

Resoaram logo na nau os apitos dos mestres, que foram repetidos nas navetas mais proximas, e os capitães, agrupados em torno de D. Lourenço, pediam-lhe as suas ordens.

— Meus amigos! tornou D. Lourenço com o rosto alegre, e apertando á cinta a espada, que um pagem lhe trazia, que ordens vos hei de dar? A armada entrou o rio, sem nós o presentirmos. Agora é atirarmo-nos a ella com ancia.

— Se me permittis, senhor, acudiu Lisuarte Pacheco, far-vos-hei observar que as nossas navetas estão varadas em terra, e que, se os inimigos nos atacam de repente, a nossa situação é desgraçada.

— Não atacam! respondeu D. Lourenço, rindo. Não sabeis o que são estes generaes da côrte dos califas e dos sultões, eunuchos muitas vezes, que, primeiro que se resolvam a fazer alguma coisa, meditam vinte e quatro horas?

— Não desprezeis os rumes, senhor! disse abanando a cabeça Manuel Pessanha, um dos capitães que estavam a bordo, não ha mais valentes soldados no mundo.

— Bem sei, Manuel Pessanha! tornou D. Lourenço, que pegava n'esse momento na sua boa alabarda, isso, porém, não impede que muitas vezes os seus generaes sejam hesitantes. Mas o conselho de Lisuarte Pacheco vamos já seguil-o. Que levantem ferro todas as naus e que se carregue a artilheria. Micer Arnau! bradou D. Lourenço.

Um homem alto, forte, loiro, de olhar azul, estava a pouca distancia mirando tranquillamente o rio e as naus que vinham entrando ao longe.

Ao ouvir o chamamento de D. Lourenço, dirigiu-se para elle com o passo magestoso e lento de um elephante.

— *Brondo!* disse elle mudando o *t* em *d* e o *p* em *b* com a sua pronuncia germanica.

— Mandae carregar as bombardas, depressa!

O bom do allemão teve um largo riso silencioso, que lhe escancarou a bocca, mostrando os seus dentes brancos.

D. Lourenço olhou para elle espantado. Se havia homem disciplinado, era Micer Arnau, com os seus dois irmãos, uma familia de bombardeiros de Hamburgo, que serviam havia annos, nas armadas portuguezas.

Então porque se ria elle em resposta a uma ordem sua?

Micer Arnau entendeu dever explicar o caso.

— As *pompardas*, disse elle gravemente, *esdão* sempre carregadas.

— E nas outras naus?

— *Dãopem!* redarguiu Micer Arnau, *pompardeiros* da armada são *dude gende* que *sape*...

— Gato! disse gravemente Belchior de Paiva.

Todos se riam, e o honrado allemão, costumado a ouvir os portuguezes cassoar com a sua pronuncia tudesca, riu-se tambem amavelmente.

— Pois muito bem, meu bom Arnau! accrescentou D. Lourenço, emquanto os outros capitães saltavam para os seus bateis, e se faziam conduzir ás suas naus, chama os teus bombardeiros a postos, que vão ter que fallar.

— *Pom* é! *pom* é! respondeu placidamente o hamburguez.

A esse tempo via-se por cima das pranchas passar como que um formigueiro. Eram os marinheiros portuguezes, que, chamados pelos toques de apito, corriam, abandonando tudo, para os seus postos. Se se fizesse a chamada, vêr-se-hia que não faltava um só. Nem sempre acontecia assim, não por fraqueza, mas porque as tentações do lucro eram mais poderosas ás vezes n'elles do que o sentimento do dever, e os rajahs offereciam aos soldados, e principalmente aos bambardeiros portuguezes, tão fabulosos ordenados! Na frota de D. Lourenço tinham-se tramado muitas deserções, mas elle fizera habilmente espalhar que o rajah ou o *digar* de Chaul lhe entregava os desertores, e ninguem se atrevêra a fazer a experiencia.

Foi um momento emquanto os navios portuguezes

se afastaram de terra, e se prepararam para o combate. Quando a armada inimiga chegou a alcance de tiro, já a nossa esquadra estava prompta a recebêl-a.

As naus inimigas iam passando, e descarregando sobre nós a sua artilheria; mas a nossa, preparada e prompta, respondeu-lhe logo e com mais efficacia, porque os nossos bombardeiros eram eximios, sendo essa superioridade uma das que mais contribuiam para as victorias portuguezas. Os bombardeiros não perdiam tiro, e não passava uma nau sem que fosse escarmentada com o nosso fogo. Uma d'ellas mesmo, acertando-lhe uma bala no leme, perdeu o governo e veio descaindo para o meio das nossas, acontecendo o mesmo a duas galés. Promptos na resolução, os capitães portuguezes deram logo a voz de abordagem, e n'um momento, quasi sem combate, uma nau e duas galés estavam em nosso poder.

Mal se descreve o enthusiasmo de D. Lourenço quando viu esta feliz estreia, e mostrava-se ancioso por aproveitál-a. Sentiu-se, porém, ali mais uma vez a falta da unidade de commando. Se fosse elle só que governasse, a victoria seria completa, porque os rumes estavam visivelmente perturbados com esse acolhimento, e sentiam que os portuguezes eram inimigos terriveis, que podiam perfeitamente infligir-lhes uma derrota cruel; mas no conselho que reuniu immediatamente para que se resolvesse se se devia atacar a esquadra na occasião em que se fundeava, não só os pareceres se dividiram, mas, o que era peior ainda, levantaram-se questões acerbas sobre um ponto que deveria ser insignificante — a nomeação de capitães para os navios aprezados.

A scena foi vergonhosa, e D. Lourenço torcia as mãos de desespero ao ouvir aquelles valentes capitães esquecidos completamente do serviço do rei e da patria, esquecidos até de que eram patricios e estavam diante do inimigo, arremetter uns contra os outros, porque todos queriam para si ou para os seus apaniguados a capitania dos navios tomados. Sem auctoridade para lhes impôr silencio, D. Lourenço, desesperado veio encostar-se á amurada da nau, no momento em que atracava o batel em que vinha Lisuarte Pacheco, bello de animação e de energia, com o rosto negro de polvora, com os olhos incendiados em bellico enthusiasmo.

— Que esperaes, senhor? bradou elle ao vêr assim D. Lourenço melancolico e inerte. Vamos sobre elles!

— Ah! Lisuarte, exclamou D. Lourenço, lançando-se-lhe nos braços, sou muito desgraçado!

— Porquê, sr. D. Lourenço? Tornou o valente capitão. No momento em que Deus nos está apparelhando tão assignalada victoria, desanimaes e affligis-vos!

— Porque a vejo fugir-me das mãos, Lisuarte. Não sabeis que não sou eu o commandante da frota? Não sabeis que nada posso fazer, sem assentimento do conselho? Pois o conselho ali está, accrescentou, mostrando-lhe o grupo em que uns poucos de fidalgos de punhos cerrados e de olhos incendidos quasi que brigavam gritando. Ah! se meu pae, por um encanto pudesse aqui surgir de subito, como elle os faria emmudecer! Mas eu sou uma creança, um commandante fingido, um panal de palha que para aqui estou inutil, um chefe que ninguem toma a serio,

Lisuarte Pacheco olhava compadecidamente para elle.

— Mas, senhor, tornou Lisuarte, o que discutem elles?

— Quem ha de ser commandante da nau e das galés que em nosso poder caíram. Uns allegam que as tomaram, outros que meu pae lhes promettêra a primeira capitania de nau que vagasse. E não ha meio de os trazer á questão principal.

— Dizei-lhe, porém, que se tratará da capitania depois do combate.

— Sim, mas elles respondem que a nau e as galés são necessarias para a peleja, por causa da magnifica artilheria que lá encontrámos.

— Não nos é indispensavel, senhor. Bombardeiros temos nós capazes de lhes metterem a pique a esquadra toda.

— *Ya!* disse placidamente Micer Arnau, que se approximára dos dois conversadores. *Pons pompardeiros.* Eu *medde cabidania* no fundo *andes de jandar.*

— Que estás tu a dizer, Miguel Arnau?

— O que faço, sr. D. Lourenço, tornou com toda a serenidade o allemão. Manda saír *gende* da nau que não seja marinhagem. Levem a nau onde eu disser, *medde cabidania* no fundo *andes de jandar*. Não precisa *compader*. Só *pompardas!*

— A proposta é boa, e Arnau cumpre sempre o que promette, murmurou D. Lourenço ao ouvido de Lisuarte, vamos a vêr se o conselho a acceita.

Foi debalde que D. Lourenço procurou fazer triumphar a opinião do seu condestavel, como já então se chamava ao chefe da artilheria de bordo. Diremos com-

tudo que o seu espirito cavalheiresco facilmente se deixou arrastar pelas razões que os capitães allegavam.

— O quê! bradou Pero Cão, logo que D. Lourenço deu conhecimento ao conselho da proposta de Arnau, então quereis que fiquemos de braços cruzados a vêr o effeito que produzem as nossas bombardas, como velhas donas que estão assistindo da janella a um fogo de vistas? *Eramá!* Para isso não nasceu Pero Cão.

— Pero! bradou D. Lourenço com os olhos inflammados em colera, parece-me que não sou homem que se compare com uma velha dona. Já em Panane me passastes adeante, e agora quereis mostrar que sois homem de mais valentias! Pois a-la-fé que onde eu fôr cravar a minha lança vós mesmo a não ireis buscar.

— Pero Cão! exclamou Lisuarte, que viu logo o caminho que as cousas tomavam, sois imprudente. O sr. D. Lourenço procede como bom capitão, seguindo o conselho de Miguel Arnau, poupando assim vidas preciosas, e conseguindo dar aos rumes, tão vaidosos da sua pericia nas armas, uma lição severa. E, se fazeis empenho em jogar as lançadas, destruida a armada dos rumes, tendes na barra as fustas de Melek-Iaz, que já por lá andam, e que podemos tomar por abalroamento.

Pero Cão resmungou sem responder. Era amigo de D. Lourenço, e custava-lhe ter de o magoar. Mas Gonçalo Pereira substituiu-o com applauso da maioria.

— De fustas indianas estamos nós fartos, sr. Lisuarte Pacheco, e bem sabem todos n'estas partes do Oriente que d'uma esquadra como esta fazemos nós merenda que em breve espaço se come. O que nos daria gloria seria entrarmos em Cochim com as naus dos rumes apresadas,

captivo esse agá Hussein, que dizem ser um dos validos do sultão do Cairo, e a servirem-nos de criados esses valentes que são o terror da Europa oriental e o espanto da India. Ora como havemos de levar as naus apresadas, se as metter no fundo a artilheria de Miguel Arnau?

— Isso é! isso é! bradaram muitos capitães.

Ia a fallar D. Lourenço, declarando que desistia do alvitre proposto pelo condestavel, mas Lisuarte Pacheco, com o rosto affogueado em santa indignação, bradou:

— A honra que vós quereis são as riquezas que suppondes encontrar a bordo das naus. Se fallasseis verdade quando invocastes as razões de honra e de brio guerreiro, melhor fôra que nunca se usasse artilheria e que tudo se resolvesse ás lançadas, como no tempo de Amadis de Gaula ou de Reinaldos de Montalvão. Mas vós estaes soffregos de presa e não duvidaes sacrificar vidas de christãos para matardes vossa cubiça.

Correu um murmurio pela assembléa, mas as affirmações de Lisuarte Pacheco eram tão verdadeiras que ninguem se atreveu a contrarial-as, e foi D. Lourenço que o interrompeu, dizendo-lhe:

— Bem, Lisuarte, bem! Sejam quaes forem as razões que levam estes senhores a apresentar o parecer que todos ouvimos, eu é que já outro não sigo. Contra meu gosto seguia a opinião de micer Arnau, mas veremos, Pero Cão, quem mais longe vae com a lança. Está encerrado o conselho. Já não temos hoje maré para o abalroamento, ámanhã o tentaremos. Boa tarde, senhores!

Dispersaram-se todos em silencio, sentindo vaga-

mente que tinham dado um mau conselho; só Lisuarte Pacheco, approximando-se de D. Lourenço, lhe disse em voz baixa:

— Que fizestes, senhor?

— Dei a primeira martellada nas taboas do meu caixão, Lisuarte, respondeu D. Lourenço sorrindo melancolicamente.

— Oh! sr. D. Lourenço! tornou Lisuarte espantado, não é caso para tanto. Foi imprudencia de certo o que se resolveu, mas façanhas peiores tendes praticado, e a fortuna ajuda sempre os audazes e os rapazes.

— Bem sei; mas ou eu ou Pero Cão ámanhã ficaremos mortos. É a segunda vez que me desafia, e terceira m'o não fará, decerto.

Lisuarte encolheu imperceptivelmente os hombros.

O valente cavalleiro via bem que, por futeis considerações, se ia pôr talvez em grave risco a segurança da India portugueza. Uma derrota infligida pelos turcos ou rumes, como lá no oriente se dizia, aos portuguezes bastava para acabar de todo com o nosso prestigio, e para sublevar contra nós todos os que tremiam diante do nosso poder.

Mas não insistiu, e, saltando para o batel que o trouxera, tornou para a sua nau. Tambem tinha, como todos aquelles intrepidos aventureiros, uma illimitada confiança na fortuna. O plano adoptado podia surtir mau effeito, mas em todo o caso n'um desastre não acreditava Lisuarte. Era questão de se conquistar a victoria mais ou menos cara.

O que o preoccupava, porém, era a tristeza de D. Lourenço. Nunca o vira assim na vespera de uma

batalha. Parecia que o pungia um sinistro presentimento.

A nau de Lourenço e a de Lisuarte Pacheco estavam a pequenissima distancia uma da outra; Lisuarte, antes de ir deitar-se, quedou-se a observar a esquadra. A noite estava lindissima; um luar claro e argenteo desdobrava sobre as aguas do rio a sua branca toalha. Os navios, a essa luz suave, desenhavam-se com uma nitidez perfeita, e os mastros, balouçando-se com o ondular dos navios, batidos pela corrente, pareciam um arvoredo que ondeia a sabor da viração.

Nos cestos de gaveas os marinheiros de vigia conservavam-se álerta, espreitando cuidadosamente o horisonte, e Lisuarte viu, com estranheza, a bordo da nau de D. Lourenço o vulto herculeo do joven fidalgo a passeiar no tombadilho, parando de vez em quando encostado á amurada.

— Será aviso do ceu? perguntava elle a si mesmo. Emfim a nossa vida está nas mãos de Nosso Senhor!

E, encolhendo os hombros, gesto que, como se vê, lhe era bastante peculiar, Lisuarte desceu para a sua camara.

Comtudo, no dia seguinte, a batalha, apesar de todas as decisões do conselho, teve de se resumir n'um combate de artilheria. As manobras foram mal feitas, não se effectuaram os abalroamentos, e, posto que se tomaram mais algumas galés, e que se conservou a superioridade no canhoneio, nada se adiantou.

Ao anoitecer estava de novo reunido o conselho a bordo da nau de D. Lourenço.

As opiniões achavam-se de novo divididas. Acontecia, porém, um caso curioso. Os que na vespera tinham optado pela abordagem, agora aconselhavam a retirada. Os que tinham sustentado a vantagem de um combate de artilheria, aconselhavam agora energicamente a continuação da lucta, apesar de escasseiar a polvora.

É que os primeiros effectivamente eram guiados sobretudo pela avidez da presa. Agora que as coisas tomavam outro aspecto mais perigoso, não estavam muito dispostos a combater.

Mas Lisuarte Pacheco respondia-lhes energicamente:

— O que! pois tão desejosos estaveis de cutiladas e lançadas quando podiamos com as bombardas ter ganho a batalha, e agora que o recurso das bombardas nos falta, porque nos falta a polvora, quereis retirar covardemente? Nem vêdes ao menos que muitos soldados turcos teem abandonado as naus?...

— Foram buscar polvora a terra, tornou melancolicamente Gonçalo Pereira, e nós não temos quem nol-a dê.

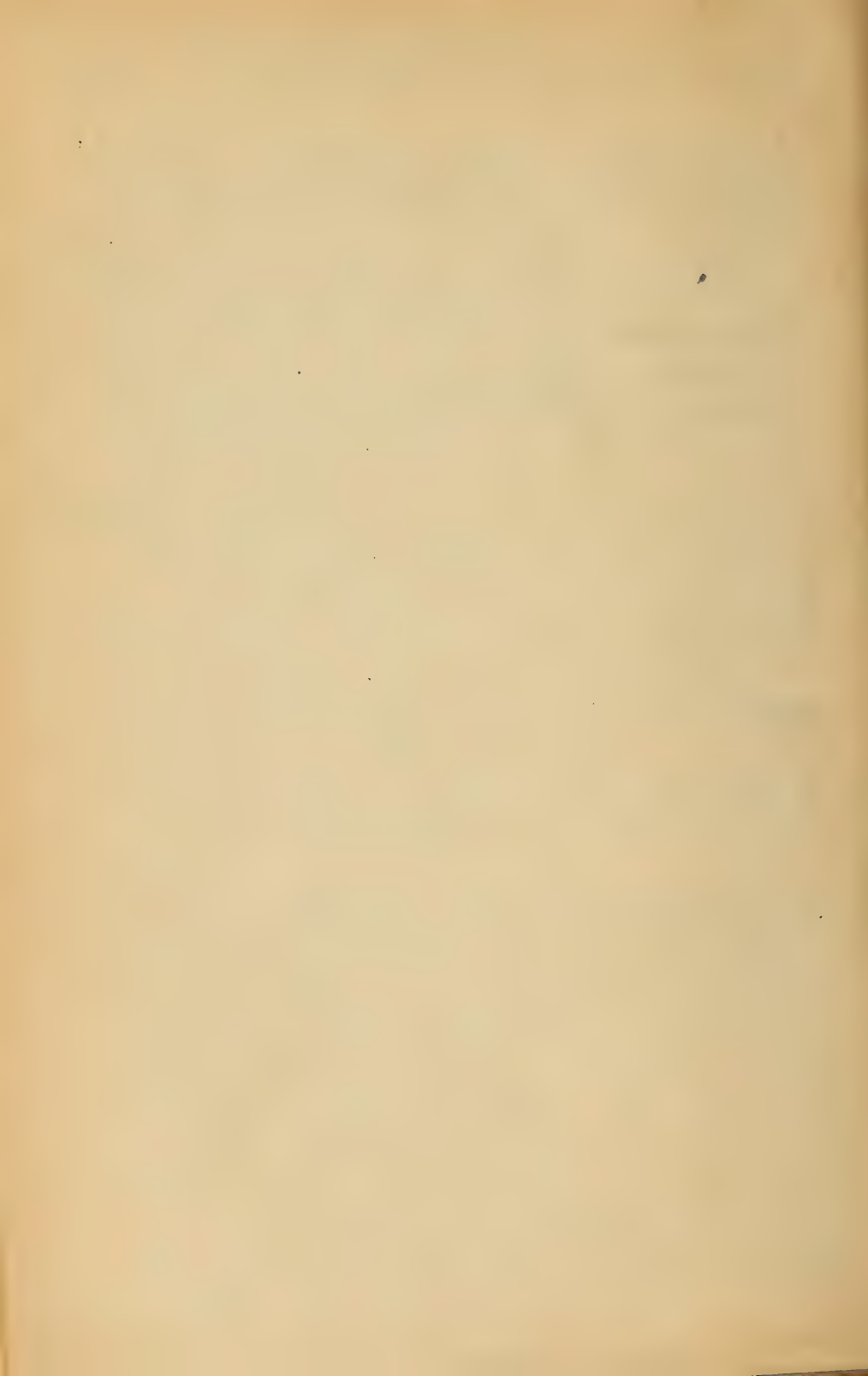
— Pois inutilisemos a d'elles, e dispensemos a nossa, tornou Lisuarte. Para as panellas de polvora que hão de preparar o abalroamento ainda temos bastante. E, seja como fôr, eu é que não fujo deante dos turcos. Não quizestes ouvir os conselhos da prudencia, não quero eu ouvir os conselhos da covardia.

— Sr. Lisuarte Pacheco! bradou Pero Cão, levando a mão á espada.

— Basta! gritou com voz trovejante D. Lourenço. Uma vez ao menos quero eu ser devéras o commandante. Seja qual fôr a opinião do conselho, a minha é

a de Lisuarte, e, mercê de Deus, ainda sou eu o capitãò-mór da armada. Ámanhã abalroaremos as naus turcas.

Todos se inclinaram em silencio. Na voz, no gesto, no olhar de D. Lourenço como que se sentira a vontade energica de seu pae.

Em seguida cada um partiu para a sua nau. Sentiam que a batalha do dia seguinte seria terrivel.

XII

A morte de D. Lourenço

CAÍRA outra vez a noite, e a lua estendia de novo o seu manto prateado sobre as aguas serenas do rio de Chaul.

Ao vêr a placidez de todo aquelle scenario, mal se podia imaginar que fôra theatro, momentos antes, de uma lucta terrivel, e que estava para o ser de uma lucta mais terrivel ainda.

As palmeiras em terra ondeavam frouxamente ao sopro da viração, e por entre os seus troncos airosos viam-se passar de quando em quando sombras mysteriosas. Eram os emissarios de Hussein que tratavam de pedir contra nós o auxilio do *digar* de Chaul.

Ao longo a cidade india parecia adormecida, mas quem prestasse attentamente o ouvido, perceberia um rumor vago como o zumbido de um enxame. Ninguem ali dormia effectivamente, e a população india estava pungida pelas mais crueis preoccupações.

Melek-Iaz, que em nome do sultão de Cambaya governava Diu, conservava-se indeciso e apparentemente neutral. As hesitações do manhoso mahometano refle-

ctiam-se cruelmente no espirito do *digar* de Chaul, que já antevia o momento em que seria victima da vingança portugueza, mas que não podia tambem resistir ás instancias energicas de Hussein.

A bordo das naus portuguezas a tranquillidade era mais completa. Vigiava comtudo em todas a gente do quarto, mas D. Lourenço, cujos presentimentos parecia que se tinham dissipado com os preparativos de um combate cavalheiresco, dormia a somno solto na sua cama. Os seus labios entre-abertos sorriam... Sonhava talvez que voltava triumphante a Portugal e que a sua Beatriz, toda córada e timida, se lhe lançava nos braços victoriosos, orgulhosa de ser amada por um heróe.

No tombadilho a gente do quarto velava, e para espantarem o somno os marinheiros conversavam em voz baixa. Não contavam uns aos outros historias de cavallaria como aquelles de quem falla Camões, porque as maravilhas da terra que pisavam excediam e muito as prodigiosas aventuras das novellas cavalheirescas.

Os marinheiros novos, que tinham chegado n'esse anno nas naus do reino, ouviam com espanto as narrativas de mestre Pero Vaz, que viera na armada do vice-rei.

— É isto que eu te digo, rapaz, observava o mestre com ar sentencioso a um marinheiro novato que havia pouco deixára de gaiatar pela Ribeira das Naus para vir vêr as barbas do Adamastor, toma-me cautella com as femeas cá n'este paiz. Olha que o femeaço por aqui é tão levado de seiscentos diabos que até os *alifantes*, com serem o que são, cáem nas arrioscas que ellas armam.

— Um *alifante,* sr. Pero Vaz? perguntou o marinheiro que se chamava Gil Rosado, e que justificava o appellido pelo seu rosto roseo como o de uma menina, é um d'aquelles mostrengos em que anda encarrapitado el-rei de Cochim?

— Isso mesmo, rapaz.

— E então os *alifantes* tambem namoram as mulheres, cá na India?

— As mulheres d'elles, tolo! As *alifantas*, já se vê. Cada ovelha com sua parelha. Pois sempre te vou contar como é que os babosos dos *alifantes* se deixam apanhar por serem femieiros. Vi eu o que te vou dizer na ilha de Ceylão, onde estive o anno passado com o sr. D. Lourenço, que é uma ilha toda cheirosa que a vinte leguas de distancia ao mar já se sente o aroma da canella.

— Éna, pae! tornou o garoto com ares incredulos.

— Qual éna pae, nem éna mãe! É isto que te eu digo, e tu mesmo ainda a has de cheirar se os rumes ámanhã, é claro, te deixarem nariz para isso.

— Mas vamos lá aos *alifantes*, sr. Pero Vaz, redarguiu Gil Rosado, a quem não agradava muito a perspectiva de deixar o nariz nas aguas de Chaul.

— É, pois, de saber que as *alifantas* de Ceylão são mais sem vergonha que as barregãs de Lisboa, e já não é dizer pouco. Quando se querem caçar *alifantes,* amarra-se um homem por baixo da barriga de uma *alifanta.*

— Para quê, sr. Pero Vaz?

— Para quê? Para governar a *alifanta* sem que os machos o vejam. N'um grande arvoredo armam-se

muito bem armados uns laços e umas cordas, e depois a *alifanta*, com o homem sempre amarrado por baixo da barriga, larga-se no campo. Apenas os machos sentem o cheiro da femea, elles ahi vêm todos catrapuz, catrapuz, de tromba erguida a sorver o cheiro. A femea, apenas vê abundancia de namoradores, desata a correr para o arvoredo, como quem diz: « Eu cá vou para a alcova ».

— Ó sr. Pero Vaz, isso póde lá ser! tornou Gil Rosado.

— E' isto que te eu digo, que o vi eu com estes dois olhos que a terra ha de comer, se os peixes de Chaul não os apanharem primeiro. Apenas os *alifantes* entram no bosque ficam logo presos e amarrados, mas tão cegos vão atraz da femea que nem dão por tal, e quanto mais procuram andar mais se prendem. Então a *alifanta* dá-lhes as boas noites e safa-se. Os *alifantes* berram que teem diabo, mas, como ninguem lhes acode, cançam de berrar, e tratam de vêr se ali apanham á roda merenda. Não apanham nada, tanto tempo ali estão que afinal se rendem á fome, e o caçador leva-os, ao fim de alguns dias, mansos como uns borregos. E ahi tens tu como as *alifantas* fazem cair na arriosca os parvos que as namoram. Quando isto é uma brutinha que o faz, imagina tu o que farão essas gentias requebradas que por ahi andam. São capazes de levar pelo beiço um pateta como o Gil Rosado, e mettêl-o tambem na estrebaria do *digar*.

Ainda os marinheiros se riam com a historia de Pero Vaz quando uma finissima linha de luz appareceu no oriente, e começaram as aguas do rio a colorir-se

levemente com os primeiros e indecisos clarões da manhã.

— O' lá de baixo! bradou um marinheiro da gavea.

— Que é, Estevão Annes? perguntou Pero Vaz.

— Parece que vão a subir o rio algumas fustas.

Ficaram todos em silencio para ouvirem o que se passava, mas não ouviram o mais ligeiro rumor.

— Estás maluco, Estevão! tornou Pero Vaz, então agora as fustas já não são puxadas a remos?

— Estas não vão a remos, ia apostar que vão ao som da corrente.

— Boa vae ella! murmurou Gil Rosado, então agora nos rios a corrente vem da foz?

— O' bruto! acudiu logo Pero Vaz, tu és de Lisboa, e nunca viste vir a cortiça da barra, sem ninguem puxar por ella?

— Mas isso é a maré!

— Ah! então tu cuidas que só ha marés em Lisboa? O que só ha em Lisboa são cabeças de avelã como a tua.

— Que é isso? perguntou uma voz sonora, a pouca distancia de Pero Vaz.

Todos se puzeram de pé, tirando os barretes.

Era D. Lourenço que apparecia.

— Ah! sr. D. Lourenço, feliz manhã tenha vossa senhoria! E' Estevão Annes que diz lá de cima que vêm fustas subindo o rio. E o certo é que o homem tem razão. A manhã já principia a aclarar, e as fustas lá vão em magote.

Effectivamente D. Lourenço, olhando com attenção, pôde vêr os vultos negros dos ligeiros barcos indianos, que subiam silenciosamente o rio.

— *Pem pons diros* lhes ferrava se houvesse *bolvora!* disse com um suspiro micer Arnau cuja figura gigantesca surgia n'esse momento por traz de D. Lourenço.

— Mas não ha, Arnau! redarguiu alegremente D. Lourenço. O que vejo, porém, é que Melek-Iaz vem juntar-se aos rumes. Bom! Vamos a elles! Pero Vaz! tudo a postos!

O apito do contra-mestre soou immediatamente, e essa musica vibrante não tardou a repetir-se nas outras naus. A manhã aclarára de todo, e em toda a parte se percebia o que se passava.

— Mas se as fustas de Melek-Iaz entraram, murmurou Gil Rosado ao ouvido de Pero Vaz, está a barra desimpedida!

— Está! redarguiu Pero Vaz. Se quizeres mandar alguma carta para a familia, não te esqueças de lhe dar muitos recados meus. O sr. D. Lourenço provavelmente é que, antes de se ir embora, ha de querer ter novas da saude de Melek-Iaz. Vamos tratar d'isso! Primeiro que tudo a cortezia.

Gil Rosado fez uma careta, mas correu sem demora para o seu posto.

Com a rapidez com que esse phenomeno quotidiano se realisa nas regiões tropicaes, o sol rompia vermelho do oriente, e podia vêr já a frota portugueza, com as velas desfraldadas, e tomando campo para virar depois para o sitio onde se concentravam as esquadras dos rumes e do rei de Cambaya.

A nau de D. Lourenço navegava com difficuldade, porque levava uma galé captiva a reboque. Ao virar, executou mal a manobra, e descaíu sobre uma esta-

cada, onde os pescadores amarravam as redes, tombando logo.

— Mau! mau! murmurou Pedro Vaz.

— Que ha de novo? perguntou D. Lourenço, vendo que a nau estava a metter a borda.

— É que demos na estacada, sr. D. Lourenço! disse o piloto inquieto.

— Corta os paus e segue! bradou D. Lourenço. Não tens machados a bordo?

— Os paus são de arequeira, tornou o piloto. Os malditos dobram sem quebrar, e é que nos fazem virar de querena!

A situação da nau era deveras grave, tanto mais que as outras naus, já distantes, não a podiam soccorrer. Viu-se que tinham percebido o perigo, porque deitaram bateis ao mar, fazendo força de remos. Remavam, porém, contra a maré, e não tardaram a desistir.

Os rumes perceberam egualmente a situação, e aproveitaram-n'a. Uma das suas naus levantou ferro, e, approximando-se da nau portugueza, começou a crival-a de tiros. Micer Arnau, sentado n'uma peça, com um fleugma germanico, vendo que não podia responder, consolava-se contemplando as balas dos rumes, que passavam a maior parte das vezes por cima dos mastros da nau.

— Má *bondaria!* má *bondaria!* murmurava elle sorrindo para todos os bombardeiros.

Mas o mestre, cada vez mais inquieto, dizia a D. Lourenço:

— Ide-vos, senhor! a nau já se não levanta senão

em vindo a maré, fico eu mais a maruja, e os bombardeiros de micer Arnau.

— Para que quereis vós os bombardeiros de micer Arnau, homem? tornou D. Lourenço placidamente e sorrindo. Se elles não teem polvora, coitados, só empachavam a nau. Mas deixae, mestre, deixae que nós todos já nos conhecemos, e não gostamos de andar arredados uns dos outros. Nosso Senhor nos acudirá por sua infinita misericordia, e juntos nos salvaremos todos.

Mas entretanto os rumes, desenganados de que a nau já lhes não fazia damno, porque não respondia ás suas bombardadas, nem podia ser soccorrida pelas outras, tomaram animo, e chegaram-se mais para perto fulminando-a com a artilheria. Micer Arnau agora cerrava os punhos, a ponto de que as unhas se lhe enterravam na carne. As balas, á curta distancia a que se achavam os rumes, já se empregavam todas no costado da nau, e arrombavam-n'a por todas as partes.

— Micer Arnau, acudiu D. Lourenço com um amargo sorriso, e extremamente pallido, o conselho que nos déstes são os inimigos que o tomam. Mettem-nos a pique os malditos sem nos darem o gosto de trocarem comnosco um par de cutilladas. Viva Deus! que esta morte não a esperava.

— Senhor! bradou o mestre correndo a elle, a nau faz agua por todos os lados. Já não ha modo de a salvar. Quando a maré vier, endireita-a sim, mas mette-a no fundo immediatamente. Salvae-vos, senhor, com a gente que poder caber no batel. Irão a nado os outros.

N'este momento, para justificar o aviso, veio uma bala que, acertando abaixo da linha d'agua, fez com

que a nau logo se alagasse e tocasse no fundo, mas, como a maré estava extremamente vasia, ainda o convez se conservava fóra d'agua.

— Bem! Não ha remedio! tornou D. Lourenço. Fique-se a nossa pobre nau a apodrecer nas aguas de Chaul, e salvemos as nossas vidas! Vamos! no batel não cabemos todos. Micer Arnau, fazei embarcar os bombardeiros; Pero Vaz, a maruja que desça sem precipitação, e que embarquem primeiro as creanças e os enfermos. Nós, meu velho, ficamos para o fim. O batel que torne a buscar-nos.

— Senhor! bradou Pero Vaz caindo-lhe de joelhos aos pés, por amor de Deus salvae-vos! embarcae primeiro, senhor! Melhor é que fique a vossa vida salva que a vida de todos nós.

— Sim! Sim! bradaram os marinheiros. Na frente o nosso capitão!

— Na frente para avançar, meus amigos! bradou D. Lourenço com energia, na rectaguarda para retirar! E' o meu posto, e viva Deus! que nunca ha de desamparar o filho do vice-rei.

— *Bois pompardeiros* não *emparcam!* gritou micer Arnau, saltando-lhe as lagrimas dos olhos de um azul vago e manso, e dando um murro no mastro que lhe ficava proximo, e onde produziu quasi o effeito que produziria um pelouro turco. *Pompardeiro* não *apandona* o seu *cabidão. Cabidão* fica, fica *pompardeiro.*

— Sim! sim! morramos aqui! gritaram todos cercando D. Lourenço.

Era uma scena imponente, acompanhada como o estava sendo pelo troar incessante da artilheria dos rumes,

pelo estalar dos mastros da nau, a cada instante lascados pelas balas inimigas. D. Lourenço fez esforços heroicos para reprimir as lagrimas.

— Meus amigos, disse elle com branda firmeza, se alguma coisa boa fiz n'este mundo, tenho n'este momento na vossa dedicação a recompensa suprema. Mas, se vós quereis salvar a minha vida á custa das vossas que são tantas, como hei de eu sacrificál-as á minha que é só uma? Demais, não é caso para tanto. Emquanto a maré não encher, não succumbe o navio, e ha tempo de voltar o batel. Vá! então! quem manda sou eu e gósto de ser obedecido! Embarcar! embarcar! primeiro os pagens, que pelo sangue de Christo não teria eu alma de apparecer em Lisboa, se não désse conta, ás pobres mães d'esses pequenos, dos filhos que nos confiaram, a mim e a meu pae! Ide, meus filhos, quando fordes homens fareis o que eu faço, e aprendei desde já o que é o dever. Bem! bem! nada de choros, pequenos! Agora os feridos! descei-os com cautella! Contra-mestre, tomae vós a direcção do batel, não succeda desastre. Vá! larga! réma com força!

As suas ordens iam sendo com tristeza obedecidas. Ao descer o contra-mestre, D. Lourenço apertou-lhe a mão murmurando-lhe ao ouvido:

— Se eu morrer, dizei a meu pobre pae que foi para elle o meu ultimo pensamento, e que julgo ter cumprido o meu dever como filho de quem sou.

Seguiu com a vista melancolica o batel que se afastava, mas quando, depois de larga contemplação, voltou os olhos para o lado dos rumes, soltou um grito de immensa alegria. Vendo que a nau era desamparada pela

guarnição, e desejosos de que lhes não escapassem pelo menos alguns prisioneiros, as naus dos rumes, seguidas por algumas fustas, vinham sobre a nau portugueza.

— Graças, Senhor! vamos morrer combatendo. Pero Vaz, abalrôa! abalrôa! Arnau, meu bravo, temos dança!

A ordem foi obedecida apenas a primeira nau dos rumes chegou a alcance, e a peleja que então se travou foi verdadeiramente homerica. Umas poucas de vezes tiveram de recuar deante da coragem desesperada dos portuguezes. Uns poucos de marinheiros tinham-se estabelecido nas vergas, e esmagavam com pedras quantos rumes saltavam, emquanto se lhes não acabou o fornecimento que não podiam renovar. D. Lourenço esteve prodigioso de bravura. Não podendo, pelo aperto em que se combatia, manejar a alabarda, era com a espada, vibrada com ambas as mãos, que o herculeo rapaz abria a cada instante um claro em torno de si. Mas os rumes eram immensamente superiores em numero e tinham de mais a mais a vantagem da posição, porque a nau portugueza tinha o convez raso com a agua. Por isso não era já difficil prever o resultado do combate, e de bordo de uma das fustas de Melek-Iaz uma voz, talvez a de algum renegado, bradou em portuguez purissimo:

— Rendei-vos, portuguezes! Promette-se-vos a vida salva em nome d'el-rei de Cambaya.

— Que se... o rei de Cambaya *mail-a*..., bradou Gil Rosado que, mais vermelho do que exigia o seu appellido, atirava quantos projectis podia apanhar aos rumes que appareciam.

A phrase que eliminamos, phrase de verdadeiro

gaiato de Lisboa, era por tal fórma offensiva das virtudes da mãe do sultão de Cambaya, que, no desconhecimento que temos do proceder d'essa musulmana senhora, não queremos, só á conta de Gil Rosado, desconceituál-a perante a posteridade. O que é certo é que, em comparação com a phrase irreverente do marujo, a palavra celebre de Cambronne seria ainda pelo proprio Victor Hugo, que a descobriu e apregoou, alcunhada de academica.

A furia do combate recresceu então, se era possivel; os rumes, porém, ensinados pela experiencia, refugiaram-se na sua nau, e de lá fuzilaram á vontade os portuguezes.

Quando estes, formados n'um grupo compacto e heroico, se arrojavam, n'um verdadeiro accesso de loucura de intrepidez, a assaltar a nau inimiga como se fosse uma fortaleza, soltaram de repente um grito de angustia.

E' que D. Lourenço, que, de espada em punho, caminhava na frente do grupo assaltante, vacillára e caíra. Um pelouro inimigo cortára-lhe cerces as duas pernas.

— Morro! bradou elle. Rendei-vos, meus bravos amigos... Meu pobre... pae!... dizei-lhe...

E expirou. Em torno da sua formosa cabeça inanimada formavam os louros cabellos espalhados como que uma auréola de martyr.

Pero Vaz soluçava como uma creança. Arnau, todo banhado em sangue das muitas feridas que recebêra, não fazia senão repetir: « Meu *cabidão!* meu *cabidão!* » Gil Rosado, de punho fechado, vibrava aos rumes quantas injurias lhe occorriam.

Ainda que não quizessem render-se, ser-lhes-hia impossivel continuar a resistencia. A morte de D. Lourenço paralysára-lhes as forças. Não tinham olhos senão para aquelle cadaver estremecido.

Pero Vaz foi o primeiro que recuperou a consciencia do que se passava em torno. Os rumes, vendo que o ataque dos portuguezes estacára de subito, avançavam cautelosamente.

— Rapazes! disse o honrado mestre, se os rumes apanham o corpo do nosso capitão-mór, esfolam-n'o, enchem-lhe a pelle de palha, e mandam-n'o ao Grão-Turco. É necessario evitar esta affronta. Se o deitamos ao mar, são capazes de pescál-o. Vamos, pois, ao porão que está roto, e por onde entra a agua ás golfadas, lancêmol-o pela abertura.

Não havia tempo para reflexões. Approvada a idéa, tomaram o tronco mutilado do pobre D. Lourenço e, descendo com elle com difficuldade immensa, porque o navio estava alagado, fizeram o que Pero Vaz lembrára.

O corpo ou se prendeu na estacada, ou alguma corrente o levou para praias distantes, porque nunca mais appareceu.

E aquelle corpo robusto e gentil, que era o orgulho de seu pae e o enlevo de todos os que o viam, aquella fronte pura aureolada de cabellos louros lá foram, escoando-se pelo fundo arrombado do porão d'um navio, para a solidão das grandes aguas.

A imaginosa Grecia contaria que d'elle se enamorou alguma nympha de olhos verdes, que guarda esse gentil corpo mutilado no seu palacio azul, tapetado de algas, e constellado de perolas.

XIII

O estoicismo de um pae

Estava a manhã formosissima. Uma viração ligeira, vinda do mar, fazia ondear levemente, á entrada da fortaleza de Cochim, as palmeiras que assombreavam o portal, e cujos ramos recurvos formavam como que uma ramada por baixo da qual folgava o vice-rei de se sentar conversando com os seus capitães mais predilectos. Mas a manhã estava fresca, e não reclamava a sombra das palmeiras como preservativo contra os ardores do sol. O vice-rei, levantado ao romper da aurora, passeiava no eirado da fortaleza, encostado á sua bengala, e sentia-se deliciado ao respirar os aromas que se exhalavam d'aquella terra abençoada, e ao contemplar as leves ondas espumantes que se desfaziam com um brando murmurio na praia.

E dizem que ha presentimentos! Nunca se levantára o vice-rei mais bem disposto. O seu primeiro pensamento fôra, como sempre, para seu filho. « Onde estará elle agora? » pensava. « Em Chaul talvez ou em Cananor, debruçado da amurada da sua nau a pensar nos seus amores da Europa ou passeiando de palanquim nas ruas

de algumas d'essas cidades indianas, deixando admirar a sua varonil belleza pelas rendidas filhas do cálido Malabar.» O seu Lourenço! quanto lhe tardava vêl-o.

Um caso desagradavel acabava de lhe perturbar um pouco a serenidade de espirito. Comtudo tão bem disposto estava que nem sequer manifestára a cólera que um acto de indisciplina habitualmente lhe inspirava. Affonso Lopes da Costa, Manuel Telles e Affonso do Campo, tres capitães da esquadra de Affonso de Albuquerque, tinham desamparado o seu capitão-mór deante de Ormuz, e tinham vindo a Cochim apresentar-se ao vice-rei, suppondo que este, que já sabia ser Affonso o seu indigitado successor, lhes daria razão contra elle.

Fôra Affonso Lopes da Costa quem viera ao eirado da fortaleza expôr as suas queixas ao vice-rei, que passeiava encostado á sua bengala, como dissemos, e conversando com o ouvidor.

— Senhor, dizia Affonso Lopes — e o vice-rei parava serenamente a ouvil-o, emquanto os outros dois capitães se conservavam silenciosos a alguma distancia com os seus barretes na mão — nós vimos aqui todos tres fugidos de Affonso de Albuquerque, que é tal e tão ruim em seus feitos e condições que antes aqui queremos estar em pessoa que andar com elle recebendo tantos males e injurias como nos tem feito, e tudo sofferamos e muito peior, sr. vice-rei, se elle andasse fazendo coisas do serviço de sua alteza.

— Ah! interrompeu o vice-rei erguendo os olhos para o capitão que fallava, com uma sombra de ironia no rosto.

— Mas os seus erros são taes, tornou Affonso Lopes

interpretando a interrupção do vice-rei como animadora, e de quem se interessava pelo que elle dizia, que vossa senhoria é muito obrigado a mandál-o vir, e a mandál-o para o reino dar conta a el-rei das coisas que tem feito.

— Julgaes isso então, Affonso Lopes? perguntou o vice-rei sem levantar a vista, e traçando no chão com a ponteira da bengala uns hieroglyphos phantasiosos.

— Mande vossa senhoria perguntar á gente que vem n'estes navios, por apontamentos que daremos que muito importam a Deus e ao serviço de el-rei nosso senhor, porque seus erros são dignos de grande castigo.

— E por isso o deixastes! tornou o vice-rei sempre sereno.

— Senhor, sim, que elle tão inimigo se está mostrando do serviço de el-rei, que tendo cercado e aperreado Ormuz de maneira tal que o rei lhe dava um conto de xerafins, e até dois contos para elle levantar o cerco, o sr. Affonso de Albuquerque não quiz em tal consentir, e declarou que não queria senão a cidade para a fazer tributaria de el-rei nosso senhor!

— Ah! tornou o vice-rei serenamente, e é n'isso que se mostra Affonso de Albuquerque inimigo do serviço de el-rei? Tenho entendido!

— Senhor, tornou Affonso Lopes já muito atrapalhado com as interjeições ironicas do vice-rei, á primeira vista parece que zela o sr. Affonso de Albuquerque o serviço de sua alteza, mas note vossa senhoria que nós tivemos certa informação de que elle, com recado secreto, recolhia muitas peitas de grosso dinheiro e ricas peças.

— Dadas pelo rei de Ormuz? perguntou de novo e cada vez com mais ironia o vice-rei.

— Sim, senhor... balbuciou Affonso Lopes da Costa.

— Paga-lhe então o rei de Ormuz para elle lhe ter a cidade cercada e aperreada? Singular soberano é esse e singulares coisas se vêem afinal no oriente!

O ouvidor desatou a rir, e Affonso Lopes ficou devéras perturbado.

— Senhor, disse elle já extremamente inquieto, é que o sr. Affonso de Albuquerque ordenava com o rei de Ormuz de fazer concerto de algum pouco tributo.

— Olhae! disse-lhes D. Francisco serenamente, a el-rei é que vós haveis de dar contas dos motivos por que abandonastes o seu serviço e a bandeira do vosso capitão-mór, e por mim o que lamento é que digaes o que tendes dito de um homem como Affonso de Albuquerque.

— Senhor, disse Manuel Telles, que até ahi se conservára silencioso, fomos por elle atrozmente insultados.

— Ai, Manuel Telles! Manuel Telles, de vós não me espanto, porque a vossa nau é costumada a ir por onde lhe apraz, e infelizmente nunca os vossos capitães-móres vos teem dado o merecido castigo.

— Senhor! redarguiu assumado Manuel Telles, em vossa senhoria sabendo a verdade, ha de nos fazer muita mercê por sermos martyres pacientes, sem acudirmos por nossas honras, e Affonso de Albuquerque póde agradecer a Deus o sermos bons christãos e leaes portuguezes, que se o não fossemos por nossas proprias mãos fizeramos, como homens desesperados, o que nunca se fez a nenhum capitão que mandasse gente.

— Silencio, Manuel Telles! a Deus deveis agradecer, homens insubordinados, o não ser eu consul romano, porque terieis desde já o condigno castigo das vossas acções e das vossas palavras. Confiados na muita bondade d'el-rei nosso senhor, abandonastes no campo a sua bandeira! Crime é este que não tem desculpa, e se eu tivesse os largos poderes que a velha republica dos Scipiões dava aos seus consules e pretores, ter-vos-hia mandado enforcar nas vergas das vossas naus como traidores e covardes!

— Senhor! bradou Manuel Telles dando um passo para diante, somos de sangue fidalgo...

— O sangue fidalgo prova-se pela côr que os inimigos vêem, e não pela fonte que em pergaminhos se descobre no socego dos solares. Nem uma palavra! Affonso de Albuquerque virá e ireis com elle ante juiz que vos entenda e oiça sua razão. E agora saí do porto immediatamente, ide a Cambaya juntar-vos com meu filho, e com elle vireis. Se d'este eirado não vejo antes de uma hora as vossas naus apparelhadas para sairem, á fé de quem sou que vos mando pôr a ferros como ruins galeotes. Ide!

Em silencio se curvaram e sairam. A colera, que incendiára as faces do vice-rei, dissipára-se logo; a imagem de seu filho, que incidentemente lhe passára diante dos olhos, serenou-o, mas ensombrou-lhe a fronte com uma nuvem de melancolia.

— Pobre Lourenço! murmurou elle.

E ficou-se no eirado a olhar para o mar.

Não tardou muito effectivamente que não visse tres

escaleres que faziam força de remos para tres navios fundeados. Eram os capitães que partiam.

Mas D. Francisco de Almeida já a isso não attendia. O pensamento voou-lhe ao longe para as aguas de Chaul, onde seu filho talvez a essas horas estivesse a combater com os rumes. O seu Lourenço!

E, sem saber porque, sentiu um aperto de coração.

O ouvidor fallava-lhe, e elle não o escutava. A sua alma não estava alli. O sol scintillava alegremente nas aguas buliçosas do porto, que faiscavam como se estivessem semeadas de palhetas de ouro, e ao vice-rei parecia-lhe sem saber porque, que um veu negro se correra de subito sobre aquelles esplendores da natureza oriental.

De subito estremeceu. Uma caravella portugueza entrava a plenas velas no porto, graças á fresca viração do mar.

O vice-rei olhou-a attento.

— Ouvidor! disse elle, não conheceis aquelle navio?

— Vejo que é uma caravella, senhor, e uma caravella portugueza, respondeu o interpellado. E accrescentou sorrindo: Mais longe não vae a minha perspicacia.

— Aquelle donaire! aquellas fórmas esbeltas! por Deus que é a caravella de Pero Cão!

— Que navega bem, vejo eu! Corta o rio como uma setta!

Effectivamente a caravella approximou-se com rapidez. Já se distinguiam facilmente os pormenores todos da sua mastreação. Viam-se alguns marinheiros trepados nas vergas occupados na manobra necessaria para

fundear. Fóra esses, porém, não apparecia na tolda nem viva alma.

O vice-rei estava extraordinariamente pallido. Poz a mão no braço do ouvidor como para lhe chamar para alguma coisa a attenção, mas os seus labios recusaram-se a pronunciar uma palavra.

A caravella fundeava. Os olhos do vice-rei pareciam querer devorál-a. Os dedos enclavinhavam-se-lhe involuntariamente no braço do ouvidor. Debruçado por cima do parapeito do eirado, dir-se-hia que D. Francisco se ia precipitar nas aguas como o Egeu da mythologia quando a nau de seu filho entrava no porto com as velas negras.

Esperou um momento. Os canhões da caravella conservavam-se mudos, sem salvar á fortaleza. Depois a marinhagem arriou um esquife de tres remos, um homem moço e bem trajado saltou para dentro da embarcação, que vogou para terra.

— Não é Pero Cão! murmurou em voz quasi inaudivel o ouvidor. E' Duarte Camacho.

O vice-rei ergueu-se. A mão, que apertava com extraordinaria força o braço do ouvidor, soltou-se e pendeu desalentada. O ouvidor seguia com anciedade o drama que se passava no fundo d'aquella alma, e que mal transparecia no rosto, horrivelmente pallido. O vice-rei affirmou-se de novo na caravella, no esquife que seguia para terra, e um sorriso amargo lhe desfranziu os labios. Quiz andar e não pôde. Passou a mão pela testa, fez um esforço de vontade e caminhou para a escada. O seu andar era rigido e espectral.

Sentiu, porém, que não chegaria ao fim do eirado, e,

encontrando uma cadeira no seu caminho, sentou-se, firmou o cotovello no braço da cadeira, apoiou no braço a face direita, e disse com uma voz dilacerante, não por ser humida de lagrimas, que o não era, mas por ser como infantil na tenuidade e brandura:

— Esta caravella me traz a nova que eu tenho no coração, pois que as naus de Cochim vieram sem meu filho, porque elle é morto.

Effectivamente em Cochim os indios sabiam já da morte de D. Lourenço por duas naus dos seus mercadores, mas o bom do rajah prohibira expressamente que a noticia se désse aos portuguezes, para que não chegasse aos ouvidos do vice-rei, e a ordem fôra fielmente cumprida.

— Que dizeis, senhor? acudiu o ouvidor que ignorava a nova.

D. Francisco de Almeida não lhe respondeu. A' entrada do eirado assomava n'esse momento o vulto de Duarte Camacho, que apresentava uma physionomia verdadeiramente fulminada pelo terror. Não quizera Pero Cão vir na caravella, por mais que instassem com elle, porque não quizera encarregar-se de dar a noticia ao vice-rei. Fôra o pobre Duarte Camacho que tivera de se aguentar com a incumbencia.

Mas o vice-rei estava sereno. A dôr immensa que lhe ia lá por dentro revelava-se na extraordinaria pallidez. Atraz de Duarte Camacho via-se uma turba confusa de officiaes e de soldados que a noticia agrupára logo. O pobre Camacho nem se atrevia a avançar. Foi o vice-rei que se levantou, e se encaminhou para elle, rigido, grave, e, sem o deixar fallar, disse-lhe:

— Camacho, ainda que meu filho seja morto, porque não salvaste á fortaleza? Não é do pae do morto, é d'el-rei! Morreu meu filho? Então? Não era mais que um homem... Sim... Um homem só... o meu filho... Deus levou-m'o... e não me fica outro!...

Estas ultimas palavras foram ditas quasi n'um murmurio; mas os olhos estavam enxutos, erecta e firme a estatura. Só o tremor dos labios denunciava a lucta medonha que lá ia dentro. Mas a expressão d'aquellas palavras era no fundo dilacerante. Duarte Camacho caíu de joelhos, debulhado em lagrimas, diante do vice-rei, e disse:

— Senhor, Nossa Senhora perdeu o seu bento filho posto na cruz entre dois ladrões, e vós perdestes o vosso filho pelejando com os turcos do Soldão.

Então levantou-se um chôro alto e confuso entre os portuguezes que se apinhavam ao cimo da escada do eirado. Aquelle estoicismo do vice-rei impressionava mais todos os que o viam do que as lagrimas que lhe inundavam as faces. E ao lembrarem-se d'aquelle valente, sympathico e loiro rapaz que tinham visto partir, cheio de vida e de mocidade, e que dormia agora o eterno somno no fundo das grandes aguas, os mais velhos soldados sentiam escorrer-lhe o pranto pelas faces crestadas pelo sol de cem batalhas.

— Bem! bem! disse o vice-rei com voz forte, cercam-me, pois, debeis mulheres? Ora vos ide a descançar, Duarte Camacho, mas não sem que mandeis á caravella que faça a sua costumada salva, que porque um soldado morreu não ha razão para que se não saúde a bandeira.

— E vós calae-vos, homens, — continuou o vice-rei — que meu filho ora precisa mais de orações que de lagrimas. Eu mandarei na egreja fazer signal pelo defunto, e vós acudireis e direis padre-nossos pela alma... e os que o mataram, ah! os que o mataram comigo se hão de haver por Deus! saberão o que é o velho vice-rei, que os que comeram o frangão hão de comer o gallo ou pagál-o!

E a voz rouca e metallica do vice-rei, ao dizer isto, era tão terrivel, que pelas veias de todos correu um estremecimento. Os soldados desceram em silencio a escada, os fidalgos rodeiaram respeitosamente o vice-rei.

— Senhor! disse-lhe o ouvidor, recolhei-vos e socegae um pouco. E bem! que deveis de fazer? Conformae-vos com a vontade divina!

— Sim, ouvidor, conformo! descançae, tornou D. Francisco sempre de olhos enxutos. Hei de conformar-me ao menos. Não me posso escusar agora da dôr que a carne me dá. Sou pae, bem vêdes, e é força da natureza. Mas espero em Nosso Senhor que me acudirá com a sua misericordia, e me dará alegria, grande alegria, com ajuda dos meus amigos, n'esta dôr que ora tenho: a alegria e descanço que será para mim o acabar com a vida. Vão-se vossas mercês embora, que as palavras de conforto são das mulheres para suas amigas, quando estas pranteiam seus filhos mortos em acontecimentos como foi o d'este meu. Nós não precisamos da palavra que conforta, porque temos a espada que vinga.

Todos se inclinaram espantados com aquelle energico estoicismo. Mas no momento em que desciam a escada,

e em que o ouvidor, demorando-se um pouco, perguntava a D. Francisco de Almeida se tinha a dar algumas ordens, sentiram-se tiros de uma salva. O vice-rei estremeceu.

— Ah! disse elle com certa amargura, é Duarte Camacho que se apressa a cumprir a minha ordem.

— Não, sr. vice-rei, respondeu o ouvidor, que olhava attentamente para o mar, são umas naus portuguezas que entram no porto.

— Naus portuguezas?

— Sim, sr. vice-rei! acudiu logo outro fidalgo que parára no alto da estrada e olhava tambem para o mar, fazendo pala da mão para resguardar os olhos do brilho offuscante do sol, e são as naus de Affonso de Albuquerque.

— De Affonso d'Albuquerque! bradou alto o vice-rei.

— Sim, sr. D. Francisco, tornou o mesmo fidalgo, bem as conheço, que largo tempo naveguei com ellas de conserva quando vim para a India na armada de Tristão da Cunha.

— Affonso de Albuquerque! gritou o vice-rei com os dentes cerrados, e n'uma subita e espantosa exaltação. Vem para me tirar o governo? Que se acautelle, que eu não sou João da Nova. Quem manda na India sou eu, e o meu bastão de commando não o largo senão quando o puder deitar ao mar onde se sepultou meu filho, ou quando com elle me sepultar nas mesmas aguas! Affonso de Albuquerque! Ouvidor, se elle ousar vir a terra, mandae-o pôr a ferros.

— A ferros! sr. vice-rei! acudiu pasmado o ouvidor.

— A ferros, sim, que esbofeteou um fidalgo, e tra-

tou com injurias e doestos esses bravos capitães que d'aqui sairam ha pouco para ir ter com meu filho!

— Mas senhor! interrompeu o ouvidor. Ainda ha pouco despedistes violentamente esses capitães, condemnando altamente o seu proceder!

O vice-rei esteve um instante silencioso. Passou a mão pela testa longamente. Depois, com voz branda:

— Sim! tendes razão! Dizei ao sr. Affonso de Albuquerque, se elle desembarcar, que me desculpe de o não ir receber. Preciso descansar. Dizei-lhe mais, ouvidor, que lhe peço por mercê que me deixe a governança da India até tirar vingança dos que mataram meu filho. Tem um filho em Lisboa, creio. Se o tivesse, como eu, no fundo do mar, varado por um pelouro turco, o mesmo que eu faço quereria fazer tambem. Adeus, ouvidor! Dizei ao meu pagem, peço-vos, que leve ao meu quarto as vestes de dó. Vou vestir de luto o meu corpo, que a alma está já vestida.

E, lento, grave, mas sereno, passando por deante do ouvidor que se curvava respeitoso, o velho vice-rei desceu aos seus aposentos.

XIV

As lagrimas do vice-rei

LÁ vae o vice-rei terrivel! A sua colera é como a colera do leão implacavel. Os seus rugidos são o troar dos canhões dos seus doze navios de guerra, das suas nove caravellas e bergantins. Por onde elle passa semeia a destruição e a morte. Quem não adivinha, quem não vê a dôr immensa que lavra no íntimo d'aquelle peito d'aço, desconhece o vice-rei! Pois é aquelle homem justiceiro e bondoso que dizia dos mouros de Mombaça, quando os seus capitães não lhe davam senão conselhos de exterminio e destruição: «Coitados! defendem a sua terra!» o homem que tanto reprehendia os seus por maltratarem os indios, era o mesmo que não dava agora senão ordens medonhas de implacavel morticinio! o homem que tão sensatamente respondêra aos capitães de Affonso de Albuquerque, e tanta justiça fazia a este grande homem, era o mesmo que tivera com elle umas tristes pendencias! Não! por aquelle espirito lucido e bom passára a sombra da morte, e a sua bocca cheia de amargura negava-se a proferir as doces palavras de misericordia e de perdão.

*

Dabul incendiada e arrazada cruelmente deu logo brado, mostrando de que feição ia o vice-rei. Nem mulheres, nem creanças foram poupadas. Escala franca! saque despejado! e o vice-rei, passando da sua nau para bordo de uma galé, sombrio, torvo, dizia baixo:

— Não tiveste para o teu enterro nem uma tocha, filho! aqui te accendo uma cidade.

Não tardaram os portuguezes a chegar a Diu, onde estava a armada turca, e pareceu então que se desvanecêra toda a turbação do espirito, de que o vice-rei déra provas depois da morte de seu filho, e que todo o seu genio militar, tornado ainda mais agudo pelo desejo da vingança, se concentrára intensamente para não perder nem um só elemento de victoria.

Conhecem os leitores aquelle formosissimo romance de Rebello da Silva — *A ultima tourada de Salvaterra?* Lembram-se do modo como elle descreve a scena grandiosa do marquez de Marialva, que desce á praça para vingar a morte de seu filho, o conde dos Arcos, prostrando na arena o touro negro em cujas pontas deixou o pobre conde a sua florida existencia? Pungido por uma dôr aguda, mas aguilhoado ao mesmo tempo pelo desejo da vingança, não esquece o marquez de Marialva uma só das precauções, um só dos artificios que podem assegurar-lhe a victoria.

Assim o vice-rei, descendo á arena tambem para vingar seu filho, impõe silencio á sua dôr immensa, dissipa as nuvens da amargura que lhe toldavam o entendimento, e não esquece um só dos segredos da arte da guerra, não desaproveita uma só das boas inspirações que lhe occorrem.

O vento era do mar e favorecia portanto os portuguézes, contrariando os inimigos; por isso, ao saírem do porto de Diu, não ousaram os rumes vir sobre a nossa armada e fundearam proximo de terra, tactica que adoptavam muito para aproveitarem o auxilio que da terra lhes vinha. Depois, quando eram abalroados, picavam as amarras, deixavam-se varar em terra, levando comsigo as nossas naus.

Por isso o vice-rei, que conhecia a tactica, ordenou que os navios lançassem todos uma ancora á pôpa. Quando os turcos pretendessem arrastál-os, cortavam os nossos marinheiros os arpeus, e os navios ficavam seguros por essa ancora.

Deu optimo resultado esta precaução; muitas naus dos turcos foram dar á costa sósinhas.

Evitando cuidadosamente commetter o erro que perdêra seu filho, ordenou a todos os capitães que não poupassem as munições e que esmagassem com a sua artilheria os navios inimigos; a todos prometteu as mais altas recompensas se a esquadra portugueza triumphasse. Um bergantim, que estava sempre junto do *Frol de la mar,* navio em que D. Francisco de Almeida hasteára a sua bandeira, transmittia rapidamente as suas ordens a todos os commandantes. De nada se esquecia o talentoso vice-rei, e, ao passo que ordenava a todos que concentrassem bem os seus fogos sobre a armada inimiga, ordenava tambem aos da extrema direita que, sem deixarem de combater, não cessassem de observar as numerosas fustas de Melek-Iaz, fundeadas diante de Diu. Nenhuma das suas previsões foi inutil.

Apenas rompeu a manhã do dia 3 de fevereiro de

1509, o vice-rei fez o signal combinado com a bandeira, e a esquadra arrojou-se com impetuosidade ao inimigo. Não descreveremos essa batalha terrivel. Houve navio portuguez que disparou seiscentos tiros, o que era enorme para esse tempo. Levantou-se uma nuvem de fumo tão espessa que era impossivel distinguirem-se os combatentes, mas ainda n'isso a Providencia protegeu D. Francisco, porque, estando o vento do lado do mar, atirava com o fumo todo para os olhos dos inimigos. A capitania turca fôra logo no principio do combate mettida a pique, e o almirante egypcio a custo escapou fugindo para terra. Tentaram os rumes fazer a sua manobra desesperada de se atirarem á costa para arrastarem comsigo os navios portuguezes que os abalroaram, mas o caso estava prevenido, e os nossos, desprendendo os arpeus e firmando-se na ancora da pôpa, safavam-se, e os navios dos rumes lá iam sós.

No momento mais critico da peleja, quando era difficil prever-se para que lado penderia a victoria, as fustas de Melek-Iaz tentaram saír de Diu; mas os nossos estavam vigilantes, e uns poucos de tiros certeiros desfizeram as primeiras d'essas frageis embarcações. O redobramento do fogo fez com que para cima de cincoenta fustas ficassem arrombadas e perdidas, embaraçando as outras que se recolheram de novo espavoridas. A derrota era completa.

Vencendo a dôr que o dilacerava sempre, D. Francisco recebeu a bordo da sua nau com o rosto alegre todos os capitães que o vinham felicitar, e que elle muito louvava pela valentia que tinham mostrado, e que bem se manifestava no grande numero de mortos

e feridos que havia a bordo dos nossos navios. Entre os capitães appareceram tambem uns indios que vinham com recado de Melek-Iaz. O manhoso capitão de el-rei de Cambaya felicitava D. Francisco pela victoria, e jurava-lhe que só coacto pelo poder de Hussein-Agá é que se mostrára hostil aos portuguezes, de quem sempre fôra amigo.

— Basta! bradou o vice-rei com voz severa, interrompendo as fallas humildes dos enviados de Melek-Iaz. Dizei a quem vos manda que bem lhe conheço a idéa e as traições, mas que nem uma palavra ouvirei da sua parte, sem ter a bordo os soldados portuguezes que elle lá tem captivos.

— Senhor! respondeu um dos embaixadores. Se os tem captivos foi para os livrar dos furores de Hussein-Agá. Mas os vossos desejos foram por elle prevenidos, porque os prisioneiros ali os tendes.

E apontava para uma fusta que n'esse momento atracava á nau.

— Ali! bradou o vice-rei fazendo-se horrorosamente pallido, e olhando para os homens que subiam n'esse momento os degraus abertos no costado da nau.

Vestidos de novo pela interesseira munificencia de Melek-Iaz, os companheiros de D. Lourenço iam entrar alegremente quando deram com o vice-rei, que, em pé, com a mão pousada no espaldar de uma cadeira, olhava para elles com uns olhos espantosamente esgazeados.

Estacaram todos, e, com o seu desejo de se sumirem da vista do vice-rei, apinharam-se junto da amurada.

Na frente micer Arnau, o gigantesco allemão, virava

e revirava nas mãos o barrete, olhando para D. Francisco com os seus olhos, de um azul desmaiado, pasmados e bons; Gil Rosado achára meio de se sumir por tal fórma, collando-se com o allemão, que se diria que desapparecera na profundidade do gibão do artilheiro; Pero Vaz, com o seu rosto queimado e sulcado de rugas, coçava vagamente a cabeça, e nos olhos, fixos na physionomia do vice-rei, começavam a marejar as lagrimas.

— Falla, homem! murmurava Gil Rosado nas costas do allemão.

— Com mil *pompardas!* resmungou o allemão, nem *te* me fizessem rei de *Tampaya!*

E o vice-rei continuava a olhar fito para elles. A mão cada vez mais tremula fazia vacillar a cadeira. Atraz d'elle os fidalgos silenciosos esperavam, e do grupo dos portuguezes destacavam-se os rostos bronzeados dos indios. Então Pero Vaz, não podendo mais atirou com o barrete para longe, deu um passo para o vice-rei, e, tomando-lhe energicamente uma das mãos, caiu-lhe aos pés, soluçando e dizendo:

— Senhor, nós somos uns desventurados, que ficámos vivos, não morrendo com o vosso filho que está na gloria.

Então o vice-rei poz a mão livre na cabeça do velho marinheiro, quiz fallar, mas não pôde; fez um gesto de cabeça como quem está asphyxiado, como quem sente um nó na garganta. Depois não pôde mais, soltou as mãos, levou-as aos olhos, d'onde brotavam emfim lagrimas em torrentes. Um grito angustioso lhe subiu do

coração aos labios, e, caindo na cadeira, o velho vice-rei desatou a soluçar como uma creança.

Então deu-se um espectaculo dilacerante. Vendo o vice-rei a chorar assim, os marinheiros da nau de D. Lourenço rodeiaram-n'o como uma familia estremecida, chorosa e soluçante. O allemão encostava a cabeça ao espaldar da cadeira do vice-rei e chorava silenciosamente; Gil Rosado, de joelhos, cobria de beijos e de lagrimas as mãos do velho pae, e Pero Vaz, soluçante, dizia de mãos postas:

— Sr. D. Francisco, então! Morreu como um homem, como filho de quem era. Está na gloria, senhor, está na gloria!

Quem tornou a si primeiro foi o vice-rei.

— Meus filhos, então! dizia elle sorrindo, mas pelas longas barbas brancas as lagrimas corriam em inexhaurivel torrente. Então, meus filhos, então! isso já passou e trespassou a minha alma; agora nos alegremos com esta boa vingança, que Nosso Senhor por sua misericordia nos deu. Ide descançar, coitados, ide que o meu filho está descançado eternamente.

E as lagrimas não se estancavam, correndo pelas longas barbas que em poucos dias tinham de todo embranquecido.

Os fidalgos entretanto approximavam-se respeitosamente. Nenhum d'elles trazia os olhos enxutos. E elle, com o rosto banhado de lagrimas, que corriam sempre e sempre, dizia-lhes:

— Perdoae, senhores, o mau exemplo que vos dou; mas vêr estes homens me causou lembrança com que a fraqueza da carne não póde resistir á dôr do coração.

Foi isso que deu causa ás minhas lagrimas, que até agora, por mór tormento meu, nunca tinham saido.

— Ah! senhor! disse-lhe o rude João da Nova com os olhos rasos de agua, todos nós dariamos a nossa vida e o nosso sangue para vos restituir vosso filho.

— Obrigado João da Nova, obrigado. Mal sabeis quanto vos agradeço vossas palavras. Por causa *d'elle*, tivemos desavenças, João da Nova.

— Oh! senhor vice-rei, tão arrependido eu esteja de todos os meus peccados, como de ter molestado esse santo rapaz!

— Sim, sim, João da Nova! tornou o vice-rei, tomando-lhe a mão e beijando-lh'a de lagrimas, era tão bom o meu Lourenço! Só para mim vivia, coitado! como eu vivia só para elle. Fui-lhe pae e mãe, que me ficou orphão nos braços, e com estas rudes mãos de marinheiro lhe embalei o berço, e lhe enxuguei as lagrimas e nem ao menos posso agora embalar nos braços esse querido cadaver! O meu unico filho! a minha joia! Tão novo, tão bonito, e leva-o Deus para si deixando na terra este malaventurado velho!

E os soluços romperam de novo dilacerantes d'aquelle forte peito varonil. Esta scena não podia prolongar-se. João da Nova fez signal a Pero Vaz e aos seus companheiros que se retirassem. O vice-rei percebeu.

— Sim, disse elle, tendes razão. É uma vergonha que esteja o vice-rei da India a chorar como uma mulher diante d'estes pagãos de Melek-Iaz. Mas não pude resistir á minha dôr, vendo estes parceiros que foram no convite em que meu filho acabou seus dias, e eu comecei meus males, que me atormentarão até minha

alma se apartar d'esta carne fraca, d'esta carne miseravel, que não tem forças contra os trabalhos d'este triste mundo.

E, levantando-se direito e hirto como um cadaver galvanisado, despediu com um gesto affavel os pobres marinheiros, e desceu para a sua camara; mas, por maiores esforços que fizesse, as lagrimas continuavam a correr em fio dos seus olhos sobre as barbas brancas de neve, como se nunca mais se pudesse exhaurir aquella fonte amarga!

....

Que havemos de accrescentar que o leitor não adivinhasse já? Quando mezes depois D. Francisco d'Almeida, voltando ao reino depois de ter entregado o governo da India a Affonso de Albuquerque, saltou temerariamente em terra ao pé do Cabo da Boa Esperança para combater os pretos, ao receber no peito uma azagaia que lhe abriu uma ferida mortal, exclamou, vendo-se-lhe no rosto o primeiro raio de alegria que o illuminava depois do dia fatal em que recebêra em Cochim a noticia da morte de D. Lourenço:

— Bemdito seja Deus! vou vêr meu filho!

FIM

INDICE

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 240 paginas, em corpo 8 ou 10,
excellente edição, em optimo papel.
Preço de cada volume 200 rs. brochado, ou 300 rs.
elegantemente encadernado em percalina.
Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada volume

---

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de Mariano Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
— Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — As batalhas da vida, por Guiomar Torrezão.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Em segredo, trad. de M. de Sequeira.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — A cruz de brilhantes, por A. Campos.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — O mysterio da estrada de Cintra, por Eça de Queiroz e R. Ortigão.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.

30 e 31 — Amor á antiga, por Caïel.
32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel.
33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — A flôr sêcca, por P. Chagas.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves.
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A M. de Faria e Maia.